

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO DE LETRAS

PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

CURSO DE MESTRADO EM LITERATURA BRASILEIRA

**CIÊNCIA E MEDICINA NA OBRA DE
MOACYR SCLiar**

Teodoro Koracakis

Dissertação apresentada ao Instituto de
Letras como requisito para a conclusão do
Mestrado em Literatura Brasileira.

Orientador: Victor Hugo Adler Pereira

Rio de Janeiro

2001

Há uma idade em que se ensina o que se sabe; mas vem em seguida outra, em que se ensina o que não se sabe: isso se chama 'pesquisar'.

Roland Barthes (A aula)

O fundamental, então, é não escrever apenas para mostrar uma prenda, uma habilidade interessante para o resto da sociedade. Mas escrever com propósitos sérios de proceder uma investigação dentro de si mesmo e do mundo em que se vive.

Moayr Scliar (entrevista)

Era uma boa maleta. As bordas, gastas, davam testemunho de experiência acumulada. Continha instrumentos que eu sabia usar bem; um receituário, com meu nome, e o meu número no Conselho Regional de Medicina e no Cadastro das Pessoas Físicas: a lei a meu lado. Uma maleta como aquela era mais que uma credencial, era uma verdadeira estrela-guia.

Moayr Scliar (Doutor Miragem)

A vida é curta, a Arte é longa, a ocasião fugidia, a experiência enganadora, o julgamento difícil. É preciso fazermos, não somente o que é conveniente, mas, fazermos também com que o doente, os assistentes e as coisas exteriores concorram para isto.

Hipócrates (Aforismas)

Agradecimentos:

Ao meu orientador Victor Hugo Adler Pereira, companheiro de jornada, pela orientação dedicada e criativa.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Letras Ana Chiara, Guillermo Giucci, Gustavo Krause, Maria Consuelo da Cunha Campos e Peônia Guedes, pelos ensinamentos e diálogos fecundos.

À Coordenação do Programa de Pós-graduação em Letras, na pessoa do Prof. Roberto Acízelo de Moura, pelo apoio.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Psicologia, na pessoa do Professor Luiz Felipe Baêta Neves.

Aos amigos Marcelo Landau e Marcelo Britto, pelo estímulo e diálogo.

Ao poeta Armindo Trevisan e família, pela recepção e apoio em viagem de pesquisa em Porto Alegre.

Ao escritor Moacyr Scliar, combustível desta dissertação, pela obra e concessão da fundamental entrevista.

Ao meu pai Constantino, pelo apoio financeiro e pelos contatos no ambiente literário portoalegrense.

À minha mãe Lair, pela contribuição como auxiliar de pesquisa.

À minha esposa Denise, pela compreensão, companheirismo e revisão minuciosa.

À minha filha Isabel.

Sumário:

1. Na sala de espera

1.1. Interfaces entre literatura e medicina

1.2. Um corpo

1.3. Procedimentos

2. Leituras na sala de espera: em torno dos positivismos

3. Anamnese

4. Exames clínicos e complementares

4.1. *Histórias de um médico em formação: o laboratório de um escritor em formação*

4.2. Ciência, conhecimento e literatura em *(O ciclo das águas)*

4.3. *Doutor Miragem: poderes, saberes e a medicina*

5. Diagnóstico breve

6. Bibliografia

7. Anexo: entrevista com Moacyr Scliar

1. NA SALA DE ESPERA

1.1. Interfaces entre literatura e medicina

Esta dissertação começa tentando responder a seguinte pergunta: Quais relações podem existir entre medicina e literatura? Para atingir este intento, é interessante o aproveitamento preliminar de caminhos já trilhados, para só depois serem marcadas trilhas novas ou reaproveitadas. O escritor, jornalista e publicitário Luis Fernando Veríssimo – sem nenhuma ligação profissional com a medicina –, prefaciando coletânea de médicos escritores gaúchos, ilumina a questão proposta, ao afirmar que tanto a medicina quanto a literatura tratam da descrição e da interpretação de sintomas, “a causa e a natureza de dores”. Ambas tentam explicar, através de estratégias e para finalidades diferentes, mistérios que não são respondidos imediatamente. Veríssimo, no entanto, observa que a literatura tem a possibilidade de um descompromisso que a medicina não pode pleitear: a literatura não precisa curar. O escritor gaúcho acaba aproximando as duas de modo suplementar. Os dois campos juntos praticamente se encaixam, o que proporciona o surgimento de uma figura intelectual singular, a do médico-escritor:

O médico invejaria no escritor a sua possibilidade de lidar com a tragédia humana sem se envolver, desobrigado da solução. E todo escritor invejaria o poder dos médicos num mundo de tipos e histórias reais, e as suas salas de espera cheias de personagens. Um suspira pela literatura e seu descompromisso, outro suspira pela experiência. Não admira que quando as duas vocações aparecem inteiras, numa mesma pessoa, o resultado seja tão bom.¹

A romancista e tradutora Lia Luft, em prefácio de outro volume da mesma coleção, também tenta entender as interfaces entre medicina e literatura. Para ela, como para Veríssimo, é a experiência profissional do médico que pode trazer, numa aproximação com a literatura, grandes contribuições:

Parece-me que lidar com o frágil ser humano, corpo e/ou alma, nunca dissociados, há de roçar nos médicos cordas que em outras profissões talvez permaneçam intocada. Nem os tantos compromissos, as agendas lotadas, o cansaço, as emergências, a dificuldade de conseguir tempo para a vida pessoal e familiar, a necessidade de estar sempre atualizado, nem mesmo a dura competição no mercado de trabalho, absorvem inteiramente os médicos embora isso seja freqüente em muitas outras profissões. Pois não manipulam máquinas, aparelhos, cifras, cálculos, abstrações. O médico trabalha com a vida.²

Nos depoimentos dos dois escritores gaúcho, surge inequivocamente como elemento fundamental de uma tentativa de se analisar os namoros entre literatura e medicina a singularidade da experiência médica. E o médico português Diogo Furtado, em introdução de coletânea de contos, de 1957, que têm por tema a doença, o sofrimento e a intervenção do médico, também vai enfocar a singular experiência do

médico como matéria-prima potencialmente nobre para a criação literária:

Para o médico, caem os fingimentos, acabam-se os disfarces; ricos e pobres, poderosos e humildes, ficam realmente iguais, porque o ficam na única circunstância que os iguala: o sofrimento. O médico, quando intervém, não o faz apenas num corpo desnudado, mas, muito mais do que isto, numa alma posta a nu. Não tombam perante ele apenas as roupas do corpo: despem-se também as aparências, os sentimentos postiços, as pragmáticas encobridoras. E o que fica, se é um pobre ser reduzido à sua angústia existencial, não deixa por isso de continuar sendo o mais admirável objeto de estudo que o universo encerra.³

Voltando um pouco atrás, para o comentário de Veríssimo, é interessante observar que ele pressupõe, na literatura, um caráter de descompromisso. Este descompromisso não quer dizer que a literatura é inócua ou não tem poder de detonar ações efetivas, mas apenas que possui características próprias que a desobriga de apresentar soluções efetivas para as questões com que se depara. Pode-se entender melhor esta idéia à luz da diferenciação que o pensador francês Roland Barthes estabelece entre os discursos literário e científico:

A literatura assume muitos saberes. (...) A literatura, quaisquer que sejam as escolas em nome do que se ela se declara, é absolutamente, categoricamente realista: ela é a realidade, isto é, o próprio fulgor do real. Entretanto, e nisso verdadeiramente enciclopédica, a literatura faz girar saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto, e este indireto é precioso. Por um lado, ele permite designar saberes possíveis – insuspeitos, irrealizados: a literatura trabalha nos interstícios da ciência: está sempre atrasada ou adiantada em relação a esta, semelhante à pedra de Bolonha, que irradia de noite o que

aprovisionou durante o dia, e, por esse fulgor indireto, ilumina o novo dia que chega. A ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir esta distância que a literatura nos importa. Por outro lado, o saber que ela mobiliza nunca é inteiro nem derradeiro; a literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe 'de' alguma coisa; ou melhor: que ela sabe algo das coisas – que sabe muito sobre os homens.⁴

O que Barthes não diz, mas que também não nega, é que este caráter indireto do texto literário não está em algo absolutamente intrínseco ao texto, mas sim nas leituras que engendra, comportando o pólo do texto e o do leitor – estabelecendo-se, no caso da literatura, o pacto ficcional – do qual falarei mais detalhadamente no Capítulo 3. O texto literário é lido de modo diferente, já que dele não é cobrado verdades, nem uma relação direta e objetiva com o seu produtor. Daí vem o seu caráter prospectivo: ele não é ponto de chegada, mas de partida. Isto não quer dizer que não existam autores, livros e correntes literárias que se pretendam enunciadores de verdades – pelo contrário, a história da literatura é repleto de projetos deste tipo, como o naturalismo ou de qualquer realismo mais ingênuo. Mas não há dúvida, hoje em dia, que a leitura dos produtos destas escolas ficam mais ricos, na medida em que o leitor não procure nele saberes prontos e confiáveis, mas, com nos aponta Barthes, o conhecimento indireto.

Outra aproximação que se pode fazer entre a medicina e a literatura é que nas duas áreas a narrativa tem um papel fundamental. Na literatura, a importância da narrativa é evidente, tornando-se o seu próprio produto final. Mas também na medicina, apesar de maneira diversa, pode ser observado o papel fundamental das narrativas. O médico e pesquisador da Fiocruz, Luis David Castiel, no ensaio ‘Hestórias clínicas: categorias para o corpo que adocece’ observa que no desenvolvimento de um caso sobre

o qual o médico debruça-se existe um somatório de narrativas superpostas. E ele cataloga minuciosamente os diferentes tipos de narrativas que podem aparecer nas atividades de clínica médica:

- *Achados biológicos e fisiopatológicos, verificáveis por meio de estratégias de exame, observação e mensuração, com graus estimados/estabelecidos de precisão e validade, vinculados a categorizações construídas monoteticamente com vistas a configurar proposições causais de caráter lógico-racional;*
- *aspectos estóricos, formulados pelo paciente: ficções vinculadas a crenças, valores e à idéia de si-próprio, de um Eu, produzidas por meio de elementos subjetivos, psicológicos, constituídos por idéias, sentimentos, afetos, fantasias pessoais, pensamentos, juízos, opiniões, teorias; baseadas em categorizações em que prevalecem estruturas de nível básico e noções prototípicas de causação;*
- *elementos histórico-biográficos, da parte do médico: estoque de relatos/narrativas, paralelas aos achados objetiváveis, 'não-fictícios' na construção da experiência clínica; aspectos da história pessoal, incluindo crenças, valores, ideologias;*
- *elementos histórico-biográficos, da parte do paciente: estoque de relatos/narrativas, relativas a aspectos factuais, da própria existência e trajetória pessoais do indivíduo que busca atenção à saúde, incluindo crenças, valores; ideologias;*
- *elementos retóricos, formas de enunciação utilizadas pelos médicos ao comunicarem aos seus pacientes seus juízos e encaminhamentos terapêuticos, com vistas, em tese e 'a priori', à aderência aos exames e ao tratamento. Isto deve variar conforme características específicas assumidas pela relação paciente-médico estabelecida em cada circunstância.⁵*

Pode-se pensar, então, a partir da constatação da importância das mais diversas narrativas na prática médica, que a medicina não pode ser vista como uma ciência tão exata como ela é normalmente considerada por um pensamento que podemos chamar de positivista. Para estudiosos que se afastam de certezas positivistas, como Castiel, o objeto das disciplinas do campo da saúde – sobre as quais a medicina se

alicerça – é o humano, em sua singularidade e nas respectivas formas que o homem manifesta e sente seus mal-estares em relação a seu respectivo contexto⁶. O humano como objeto é, então, mais uma das interfaces que pode ser observada ente literatura e medicina.

Quando se investiga a relação entre dois campos tão distantes à primeira vista como literatura e medicina, toca-se numa questão importante na história da cultura mundial, em especial a partir do século XX: a divisão da cultura em dois grandes campos, o das Ciências e o das Humanidades – estabelecendo-se as chamadas Duas Culturas. Nesta separação, a literatura seria considerada do campo das humanidades, sendo utilizada até como o paradigma deste campo, e a medicina, despida de seu viés humanístico, seria do campo científico. A concepção da teoria das Duas Culturas foi estabelecida pelo cientista e escritor inglês C. P. Snow (1905-1980) e é colocada por ele no centro de uma grande polêmica a partir da sua participação na *Rede Lecture* anual da Universidade de Cambridge em maio de 1959⁷. A observação de Snow realmente fora notável – ela estava ao alcance de todos, mas ninguém a tinha formulado efetivamente a idéia das Duas Culturas. São também emblemáticas as críticas, quase sempre pertinentes, que a palestra de Snow recebeu. O que irritou a maioria de críticos, todos do campo das humanidades, é que a proposição de Snow do modo que foi feita era um ataque à cultura humanística e uma defesa feroz do cânone científico. Pode-se então discordar das concepções de que a cultura científica seria superior ao humanismo, mas a própria polêmica que se instalou entre Snow, defendendo o campo científico, e seus adversários do campo humanístico denota que o limitado e preconceituoso Snow estava certo, no seu simplismo, em identificar a existência das Duas Culturas. Elas existem na prática, como dois campos socialmente constituídos, e mesmos questionando-se as bases epistemológicas que proporcionou esta divisão radical, não se pode negar a sua

relevância.

O escritor e médico gaúcho Moacyr Scliar vive nestes dois mundos. Possui uma carreira de médico, professor, e pesquisador na área de medicina, mais especificamente na área de medicina social. E a sua atividade de escritor utiliza a experiência da medicina como matéria-prima para a sua obra ficcional, além de nela problematizar a prática médica, a ciência médica e o próprio campo científico por extensão – isto sem deixar de mencionar que a obra do autor ultrapassa em muito a temática médica, possuindo como outras facetas a questão da identidade judaica e utilização de uma estética que se afasta dos realismos e aproxima-se do fantástico e do insólito. Para começarmos precocemente o mergulho na obra de Scliar, utilizaremos agora o prefácio de seu estudo ensaístico sobre as relações entre medicina e literatura *A paixão transformada*, publicado em 1996, para termos um panorama da figura do médico-escritor, fundamental para o prosseguimento de nossos estudos:

Não é difícil citar vários exemplos: Rabelais, Tchekhov, Conan Doyle, William C. Williams, Somerset Maugham, Céline, Jorge de Lima, Miguel Torga, Peregrino Júnior, Pedro Nava, Guimarães Rosa, Dyonelio Machado, Cyro Martins, Lobo Antunes. Mas é possível estabelecer uma relação precisa, uma associação causal, por assim dizer, entre medicina e literatura? Para isso seria preciso um estudo mais aprofundado da questão, uma epidemiologia da literatura. (...) De qualquer forma,, não são poucos aqueles que tentaram, unindo medicina e literatura, superar a barreira entre as duas culturas, a humanística e a científica, de que falou C. P. Snow (1905-1980) numa conferência famosa.⁸

Em relação a esta lista proposta por Scliar, cabe alguns comentários, inclusive para ampliá-la. Vai interessar mais no desenvolvimento desta tese obras de autores médicos que problematizem a medicina e suas próprias experiências como médicos, e destes autores citados os que se debruçam mais

diretamente sobre a medicina são Pedro Nava, com sua obra memorialística – especialmente no volume Beira-Mar – e o britânico Somerset Maugham, com sua obra ficcional. Outros escritores médicos não citados por Scliar, como o português Fernando Namora e A. J. Cronin também trazem a medicina para a ficção. Ao ler-se várias obras destes autores, podemos observar uma característica que acaba por marcar a obra de vários escritores-médicos quando tematizam a medicina: uma grande confiança na medicina e uma conseqüente valorização da ciência e da própria experiência como médico, que remete a pensamentos que podem ser considerados positivistas.

Continuando o sobrevôo sobre escritores-médicos cabe também análise da figura de Arthur Conan Doyle, mesmo não tendo a medicina como o foco principal da sua obra. Conan Doyle (1859-1930) criou o detetive Sherlock Holmes, o mais famoso detetive ficcional de todos os tempos. Holmes é uma máquina de pensar, que não prescinde de um contato direto com os fatos. Ele não fica apenas em sua residência raciocinando, mas, ao contrário sai em busca dos dados primários através de procedimentos técnico-científicos. Seria por analogia o próprio modelo de medicina científica que ele reproduzia. O detetive e o médico através do contato com realidade, munidos de conhecimentos especiais, e usando o pensamento racional de forma precisa teriam sempre a possibilidade de conseguir o sucesso. Elementos irracionais não interfeririam neste modelo. Os próprios conhecimentos de Sherlock Holmes – descritos pelo personagem que é seu confidente Dr. Watson – o colocam radicalmente no campo científico. Segundo Watson, os conhecimentos do detetive acerca literatura, filosofia e política eram praticamente nulos; enquanto os de anatomia, botânica e química eram profundos.

Outro escritor-médico que habita a relação formulada por Moacyr Scliar é João Guimarães Rosa (1908-67), que exerceu a medicina até os 26 anos, quando ingressou na carreira diplomática. Em uma análise rápida de sua obra podemos constatar que em várias passagens a medicina é abordada; que alguns personagens médicos aparecem; e que várias vezes podemos observar a constituição de um foco narrativo estratégico onde a sua experiência como médico pode ter sido fundamental. No entanto, um estudo mais aprofundado entre as relações entre medicina e literatura na obra de Guimarães Rosa apesar de ser relevante esbarra no próprio modo como ele vê sua breve experiência como médico. Conforme ele

confidencia em carta ao colega Dr. Pedro Moreira Barbosa, ele não vê em si uma verdadeira vocação para a medicina:

Não nasci para isso, penso. Não é esta, digo como dizia Don Juan, sempre ‘après avoir couché avec...’ Primeiramente, repugna-me qualquer trabalho; só posso agir satisfeito no terreno das teorias, dos textos, do raciocínio puro, dos subjetivismos. Sou um jogador de xadrez; nunca pude, por exemplo, com o bilhar ou com o futebol.⁹

Nesta dissertação enfocaremos outro tipo de médico-escritor – que pode incorporar a medicina explicitamente como matéria prima para a ficção se afastando dos princípios positivistas, que supervalorizam o conhecimento da ciência e da experiência médica e, pelo contrário, promover um rico e inovador diálogo entre a medicina e a literatura. Esta classe de médico-escritor possui pelo menos um espécime conhecido: o já citado Moacyr Scliar. No estudo de sua obra ficcional e de seus depoimentos e entrevistas observaremos como medicina e literatura podem trazer interfaces insuspeitas. Esta pesquisa também vai problematizar como a experiência pessoal, no caso o exercício da medicina, pode emergir na sua ficção, quase sempre cotejando-a com a produção de outros escritores-médicos .

1.2. Um corpo

Tomou-se como *corpus* inicial desta pesquisa tanto as obras ficcionais como ensaísticas, inclusive acadêmicas, do escritor gaúcho Moacyr Scliar, nas quais a sua experiência como médico é problematizada e a medicina e a própria ciência são investigadas. São também abrigados neste *corpus* entrevistas e depoimentos do autor

em que se enfoca a medicina e a ciência de um modo geral. Enfim, uma tentativa de atingir utopicamente aquilo que foi efetivamente escrito por Moacyr Scliar sobre o tema. O material levantado é precário na medida em que a sua obra ainda está em desenvolvimento e o seu imenso tamanho faz desta catalogação uma tarefa a ser cumprida por uma pesquisa de maior porte. Vale a pena comentar que não se tentou catalogar os contos que tratam do referido tema, privilegiando apenas um livro completo de contos sobre a sua experiência médica. Os textos levantados foram os seguintes:

- | | |
|---|-----------------------------------|
| 1. <i>Histórias de um médico em formação</i> (1962) | Contos |
| 2. <i>(O ciclo das águas)</i> (1975) | Novela |
| 3. <i>Doutor Miragem</i> (1979) | Romance |
| 4. <i>Do mágico ao social: a trajetória da saúde pública</i> (1987) | Ensaio |
| 5. <i>Introdução á Prática Amorosa</i> (1988) | Literatura
Infanto-juvenil |
| 6. <i>A majestade do Xingu</i> (1997) | Romance Histórico |
| 7. <i>Sonhos Tropicais</i> (1992) | Romance Histórico |
| 8. <i>Cenas médicas</i> (1988) | Ensaio |
| 9. <i>Oswaldo Cruz</i> (1996) | Ensaio
(Coleção Perfis do Rio) |
| 10. <i>A paixão transformada: história da medicina na literatura</i> (1996) | Ensaio |

11. *O exame pré-nupcial: um rito de passagem da saúde pública* (1997) Artigo Científico
12. *Da bíblia à psicanálise: saúde, doença e medicina na Cultura Judaica* (1999) Tese de Doutorado em Saúde Pública na Fundação Osvaldo Cruz
13. Entrevistas que abordam sua experiência médica, a medicina e a ciência (a partir da década de 70)
14. Entrevista concedida pelo autor no desenvolvimento desta pesquisa em janeiro de 2000
15. Coluna semanal ‘A cena médica’ publicada no jornal portoalegrense *Zero Hora* (a partir de 1993)

1.3. Procedimentos

Para a escritura desta dissertação que agora se inicia, organizei a sua disposição da seguinte forma. No Capítulo 2 – Leituras da sala de espera: em torno dos positivismos – ainda não abordei a obra de Moacyr. Prefiri neste capítulo enfocar um ambiente cultural crucial para o desenvolvimento das relações entre ciência – e, portanto, a medicina – e literatura: o ambiente positivista de finais do século XIX, detendo-me no

caso brasileiro.

No Capítulo 3 – Anamnese – mergulho no pensamento de Moacyr Scliar sobre as relações entre medicina e literatura, suas concepções sobre medicina e ciência, e sobre como as suas experiência como médico intercambiam-se com a sua produção ficcional. Uso como *corpus* específico para este capítulo depoimentos e entrevistas do escritor gaúcho, especialmente uma entrevista concedida a mim em janeiro de 2000.

No Capítulo 4: Exames clínicos e complementares são examinadas obras ficcionais de Moacyr Scliar em que se problematiza a ciência e a medicina – que fazem parte do *corpus* estabelecido. Nem todo este *corpus* será estudado nesta dissertação, já que a sua dimensão não permitiria um exame minimamente satisfatório. Será feito então um recorte do *corpus* apresentado anteriormente – formado pelas obras do autor que se prestam a uma aproximação entre ciência, medicina, narrativa e literatura –, estabelecendo-se então um *subcorpus* operacional para esta dissertação. As entrevistas do autor, que também consideramos como parte do nosso *corpus* inicial, serão analisadas isoladamente no Capítulo 3: Anamnese. O estudo *A paixão transformada: história da medicina na literatura* (1996), por ter intenções análogas ao desta dissertação deixou de fazer parte do *corpus* a ser analisado para adquirir o *status*, nada superior, de referência bibliográfica prévia para a construção de um estudo das interfaces entre medicina e literatura. Deixando para trás o antigo *corpus* anteriormente estabelecido, tem-se então um recém-nascido e compacto *corpus* saído de suas entranhas, que, apesar de compacto presta-se para examinar as questões propostas:

1. *Histórias de médico em formação* (1962) – livro de contos
2. *(O ciclo das águas)* (1975) – novela
3. *Doutor Miragem* (1979) – romance

O Capítulo 5: diagnóstico fará um breve apanhado dos principais resultados e conclusões atingidos no desenvolvimento da pesquisa. A sua brevidade justifica-se na medida em que os resultados e conclusões já serão disseminadamente relatados com mais detalhes nos capítulos anteriores.

NOTAS

1. CUNHA, 1996: 17.
2. CUNHA, 1997: 10.
3. SIMÕES, 1968: 5.
4. BARTHES, 1999:
5. VAITSMAN, 1999: 172, 173.
6. VAITSMAN, 1999: 164.
7. *in* SNOW, 1995.
8. SCLIAR, 1996: 9.
9. NOGUEIRA JR., 2000.

2. Leituras da sala de espera: em torno dos positivismos

Antes de prosseguir numa análise abordando a interface entre ciência, medicina e literatura no pensamento e na obra do médico/escritor Moacyr Scliar, examinarei uma questão fundamental para o prosseguimento dos objetivos desta dissertação: a problematização da chamada abordagem positivista da ciência e da sociedade. Tratarei da gestação em meados do século XIX de um tipo de pensamento que deixa seqüelas até o final do século XX, e ao qual a obra de Moacyr Scliar parece se contrapor. Neste capítulo será estabelecido um conceito de positivismo¹ (*lato sensu*) e será realizado um breve panorama do seu desenvolvimento histórico, enfocando o caso brasileiro. Ao final do capítulo será analisada a literatura que o positivismo engendrou, incluindo aquelas obras em que se tematiza a medicina.

A chamada posição positivista advoga que não é possível um conhecimento válido da realidade fora do conhecimento científico. Um positivismo

“ideal-típico” fundamentar-se-ia, então, em algumas premissas básicas que estruturam um sistema coerente e operacional:

- a sociedade, como a natureza, é regida por leis naturais invariáveis, que independem da vontade e da ação humana.
- a sociedade pode, portanto, ser epistemologicamente assimilada pela natureza e ser analisada pelos mesmos métodos utilizados pelas ciências da natureza.
- as ciências da sociedade, assim como as da natureza, devem limitar-se à observação e à identificação das causas dos fenômenos, de forma objetiva, neutra, livre de julgamentos de valor ou ideologias.

Em suma, concebe-se uma ciência que se pretende axiologicamente neutra e que é considerada como o único tipo de conhecimento válido. Com esta pretensa neutralidade, engendrou-se então um pensamento no qual se pretendia uma verdadeira anulação do papel do sujeito. O mundo para uma visão positivista seria formado de objetos que têm propriedades independentes de qualquer pessoa ou outros seres que os experimentam. Esta objetividade que se diz neutra silencia a experiência do sujeito, tanto na sua dimensão individual quanto coletiva, excluindo em cadeia a dimensão histórico-social do conhecimento científico. Michael Löwy em estudo sobre o positivismo analisa assim as implicações da premissa da neutralidade da ciência no caso das ciências sociais:

O axioma da neutralidade valorativa das ciências sociais conduz, logicamente, o positivismo a negar – ou melhor, a ignorar – o condicionamento histórico-social do conhecimento. A própria questão da relação entre conhecimento científico e classes sociais geralmente não é

colocada: é uma problemática que escapa ao campo conceitual e teórico do positivismo. Além do mais, ele analisa os fundamentos sociais do pensamento pré-científico: pensamento mágico, etc.; mas a própria ciência nele aparece soberanamente livre de vínculos sociais. Em outras palavras: uma sociologia do conhecimento (científico), uma análise da relação entre o saber e as classes sociais são contraditórias com o quadro metodológico fundamental do positivismo.²

A idéia de transportar o modelo vigente das ciências naturais para a análise da sociedade surge no século XVIII, na Europa do Iluminismo. Era uma plataforma intelectual da burguesia nascente contra a ordem feudal absolutista. Dos iluministas, Condorcet (1743-1794) foi o que mais contribuiu para a tentativa de se estabelecerem leis naturais para a sociedade – advogando para a análise da sociedade o mesmo paradigma de objetividade das “vencedoras” ciências naturais. Ao interessar-se por economia política, Condorcet começa a valorizar a precisão da matemática e especular a validade destes métodos para todos os fatos sociais. Considera que os métodos das ciências naturais, sem interesses particulares e paixões, seriam de grande valor nas ciências da sociedade. Este ideal de ciência neutral vai ser o cerne do pensamento positivista, que atinge seu auge no século seguinte. Convém observar o caráter revolucionário do surgimento desta idéia no contexto do Iluminismo, como ressalta Michael Löwy:

Há ainda em Condorcet uma significação utópico-crítica: seu objetivo confesso é o de emancipar o conhecimento social dos “interesses e paixões” das classes dominantes. O cientificismo positivista é aqui um instrumento de luta contra o obscurantismo clerical, as doutrinas teológicas, os argumentos de autoridade, os axiomas a priori da Igreja, os dogmas imutáveis da doutrina social e política feudal.³

No entanto, estas idéias surgidas no Iluminismo com caráter revolucionário, vão ser transformadas no século XIX, por intelectuais como Auguste Comte (1798-1857), em um sistema de conceitos e valores que tende à defesa da ordem estabelecida. A intenção comtiana de estabelecer as leis naturais que regulam a sociedade tem como objetivo a defesa da ordem real já estabelecida pelas revoluções burguesas. O método positivo de Comte objetiva afastar as críticas negativas e subversivas do antigo Iluminismo e dos socialismos que surgem. Comte retomará então a idéia de que a ciência da sociedade pertence ao sistema das ciências naturais – agora com intenções inequivocamente conservadoras. Para Comte, a objetividade e neutralidade podem ser “importadas” das ciências naturais, estabelecendo uma ciência natural da sociedade, ou física social, tão neutra e objetiva quanto a astronomia e a química:

Sem admirar nem maldizer os fatos políticos, vendo-os essencialmente, como em qualquer outra ciência, como simples temas de observação, a física social considera, portanto, cada fenômeno sob o duplo ponto de vista elementar de sua harmonia com os fenômenos coexistentes e de seu encadeamento com o estado anterior e posterior do desenvolvimento humano.⁴

Esta valorização extrema de um tipo específico de conhecimento, o científico, e a adoção do modelo das ciências naturais tiveram diversas manifestações durante o século XIX, embora o positivismo de Comte tenha sido o mais visível, constituindo-se como sistema estabelecido com uma aceitação ampla nos meios intelectuais da época e influência em teorias e pensamentos posteriores. A romantização da ciência, elevada à condição de único conhecimento possível e válido, marca também o evolucionismo de Herbert Spencer (1820-1903) e o monismo de Haeckel (1834-1910), que serão dois dos principais positivismos coexistentes com os de Comte na segunda metade do século XIX.

O positivismo evolucionista de Herbert Spencer está mais preocupado em

mostrar a gênese evolutiva dos fatos mais complexos a partir dos mais simples do que em fixar leis gerais não-dinâmicas. Podemos dizer que o positivismo de Spencer enfoca preferencialmente o desenvolvimento dos fatos no tempo, considerando que a evolução deles obedece aos mesmos procedimentos dos organismos vivos. O evolucionismo de Spencer é inicialmente o mesmo da *Origem das Espécies*, de Charles Darwin (1809-1882), mas estende este conceito biológico para a análise da sociedade. Segundo Spencer, o sentido geral da evolução é otimista; a evolução, para os spenceristas, é progresso necessário e só acabará, no que se refere ao homem, com a máxima perfeição e a mais completa felicidade.

Ernest Haeckel, também defensor da teoria evolucionista, procurou reconstituir toda a evolução dos seres vivos. Formulou uma teoria evolucionista, mais ampla e radical que a de Darwin e até do que a de Spencer, aplicável a todo universo, “o monismo”. Seu monismo naturalista fundia ciência, religião e filosofia, apregoando que espírito e matéria eram aspectos diferentes da mesma substância. Não devemos esquecer que esta fusão tinha a intenção clara de revelar a hegemonia do material e do objetivo e não de um subjetivismo metafísico ou de um equilíbrio de importância entre matéria e espírito.

Outras idéias originadas nas ciências naturais também tiveram grande penetração na época, como o determinismo de Hippolyte Taine (1828-1893), que subordinava indivíduo e raça a fatores geográficos, de hereditariedade, de ambiente e outras circunstâncias determinadas. Outro estudo, vindo agora da ciência médica, que mobilizou os meios intelectuais foi o conceito psicofisiológico de Claude Bernard (1813-1878), que associava o comportamento psíquico ao funcionamento do organismo humano. Até a religião e a Igreja eram discutidas em termos científicos. O anticlericalismo de Ernest Renan atingiu grande repercussão realizando estudos sobre as

origens histórico-biográficas de Jesus Cristo.

Os positivismos em conjunto acabam tornando-se um amplo sistema de idéias que, de tão voraz, incorpora textos de outros pensadores do modo que o interessa – marcando inclusive as leituras posteriores destes textos. A leitura que os positivismos fazem do *Discurso do Método*, de René Descartes, é um exemplo disto. Ela traz como marca fundamental uma visão de que este texto é o fundador de “o método científico válido”. Mas uma leitura dessa obra mais descompromissada com uma verdade *a priori* acaba por revelar justamente o contrário: a todo o momento é lembrado no texto que o que está sendo mostrado é apenas “um método”, e ainda por cima marcado fortemente por uma visão autobiográfica do autor, como podemos ver nesta advertência de Descartes:

*Assim, o meu desígnio não é ensinar aqui o método que cada qual deve seguir para bem conduzir sua razão, mas mostrar de que maneira me esforcei por conduzir a minha. Os que se metem a dar preceitos devem considerar-se mais hábeis do que aqueles a quem os dão; e, se falham na menor coisa, são por isso censuráveis. Mas, não propondo este escrito senão como uma história, ou, se o preferirdes, como uma fábula, na qual, entre alguns exemplos que se podem imitar, se encontrarão talvez também muitos outros que se terá razão de não seguir (...)*⁵

Talvez uma das explicações para a grande dimensão que o positivismo de Auguste Comte atingiu tenha sido o esforço que o intelectual francês e seus discípulos fizeram para incorporar outros positivismos - nem todos - sobre uma égide comum, formando um sistema. Esta incorporação de teorias e autores diferentes (com menos ênfase em autores contemporâneos), mas sempre com aspectos científicistas,

materialistas, anticlericalistas ou antiabsolutistas, por parte da corrente comtiana, pode ser observada em recomendações de leitura extraídas da 4ª capa da publicação do *Tratado sobre os ares, as águas e os lugares*, de Hipócrates (sem data, mas provavelmente publicado na primeira década do século XX), editada pela Igreja e Apostolado Positivista do Brasil. Sob o título “Biblioteca positivista ou sistema de leituras aconselhadas por Augusto Comte” são recomendados um total de 150 volumes, divididos pelas áreas de poesia, ciência, história e síntese. Alguns dos autores e obras sugeridos são os seguintes:

Poesia (no sentido de obra literária)

Homero – *Ilíada e Odisséia*.

Cervantes – *D. Quixote e Novelas exemplares*.

Voltaire – *Teatro escolhido*.

Byron – *Obras escolhidas* (suprimindo nomeadamente o *D. Juan*).

De Foe – *Robinson Crusoe*.

Ciência

Condorcet – *Aritmética*.

Descartes – *Geometria*.

Lavoisier – *Química*.

Lamarck – *Filozofia Zoológica*.

Duméril – *História natural*.

(Obs: Não encontramos a recomendação da *Origem das espécies*, de Darwin, o que se explica pelo motivo de o evolucionismo darwiniano não ser aceite, em vários aspectos, pelos positivistas comtianos, sendo, de algum modo, movimentos antagônicos.)

História

Chardin – *Viagem na Pérsia*.

Cook – *Viagens*.

Hume – *História da Inglaterra*.

Gibbon – *História da decadência romana*.

Plutarco – *Vidas de homens ilustres*.

Síntese (no sentido de obras gerais)

Aristóteles – *Política e Moral*.

Descartes – *Discurso sobre o método*.

Adão Smith – *Ensaio sobre a história da astronomia*.

(Obs: Neste item são incluídos a maior parte dos textos do próprio Comte e textos religiosos, como a Bíblia e o Alcorão - provavelmente como objeto científico para estudos e não como doutrinas a serem seguidas.)⁶

As diferentes teorias científicas europeias vão chegar ao Brasil a partir da década de 1870 e abalar as concepções filosóficas e científicas aqui estabelecidas. Enfocarei agora a chegada destas idéias no Brasil, privilegiando o papel difusor dos intelectuais que se agrupavam em torno da Faculdade de Direito de Recife (e que se autodenominaram a Escola do Recife), que vão dar colorido especial ao positivismo brasileiro. Também ocorreram outros movimentos positivistas no Brasil – até mesmo na Porto Alegre de Moacyr Scliar. Mas todos eles, em maior ou menor grau, recebem a influência marcante da introdução das idéias positivistas através dos intelectuais recifenses.

Cruz Costa no seu *Panorama da História da Filosofia no Brasil* revela a influência dos outros positivismos na história intelectual do Brasil na segunda metade do século XIX, ao lado do positivismo de Comte, e identifica o caráter simplificador destas filosofias como explicação para o seu sucesso:

Outras correntes do pensamento filosófico europeu também aqui atuaram e, entre elas, a concorrer com o positivismo, o evolucionismo. Foi ainda o caráter científico, positivo, dessa tendência filosófica, tão próxima do Positivismo, que atraiu as elites brasileiras. A doutrina evolucionista de Herbert Spencer, embora não negue, põe em dúvida o valor da Metafísica e afirma que todo o conhecimento está contido nas ciências. Esta filosofia naturalista, simplista e simplificadora, condizia com a mentalidade dos letrados, quase todos autodidatas, pouco inclinados às abstrações, aceitando facilmente tudo quanto dispensasse um trabalho mental contínuo e fatigante. As idéias definitivas (ou as que assim lhes afiguravam ser) pareciam-lhes constituir a verdadeira essência da sabedoria.⁷

Este tipo de crítica de Cruz Costa faz parte de uma linhagem de críticas contra as influências de idéias estrangeiras no pensamento brasileiro, que acabam se sedimentando nos dias de hoje na crítica de Roberto Schwarz, que elabora o conceito de “idéias fora do lugar” para descrever a inadequação das idéias importadas. Nas palavras do intelectual paulista: “Ao longo de sua reprodução social, incansavelmente o Brasil põe e repõe idéias européias, sempre no sentido impróprio.”⁸

Mas em relação às idéias científicistas importadas do centro europeu na segunda metade do século XIX, o que acontece é, na verdade, uma grande guinada contra as influências metafísicas e religiosas então dominantes na intelectualidade brasileira. Esta “viragem” começa na década de 1870, na Faculdade de Direito do Recife, que se tornou um centro aglutinador de intelectuais que se rebelavam contra as idéias

estabelecidas. Tobias Barreto (1837-1879) e seu fiel discípulo Silvio Romero (1851-1914) foram os detonadores desta reação, consubstanciada na chamada Escola do Recife. Silvio Romero, em 1926, faz um balanço daqueles anos de mudança. Inicialmente, ele mostra como era o quadro cultural no Brasil antes da década de 1870:

Até 1868 o catolicismo reinante não tinha sofrido nestas plagas o mais leve abalo; a filosofia espiritualista, católica e eclética, a mais insignificante oposição; a autoridade das instituições monárquicas, o menor ataque sério por qualquer classe do povo; a instituição servil e os direitos tradicionais do feudalismo prático dos grandes proprietários, a mais indireta opugnação; o romantismo, com seus doces enganosos e encantadores cismares, a mais apagada desavença reatora. Tudo tinha adormecido à sombra do manto do príncipe feliz que havia acabado com o caudilhismo nas províncias da América do Sul e preparado a engrenagem da peça política de centralização mais coesa que já uma vez houve na história de um grande país.⁹

Em seguida, Silvio Romero mostra o surgimento de um novo momento político e cultural, que acaba sendo extremamente permeável ao “bando de idéias novas” que vinham da Europa:

De repente, por um movimento subterrâneo que vinha de longe, a instabilidade de todas as coisas se mostrou e o sofisma do império apareceu em toda sua nudez. A guerra do Paraguai estava ainda a mostrar a todas as vistas os imensos defeitos de nossa organização militar e o acanhado de nossos progressos sociais, desvendando repugnantemente a chaga da escravidão; e então a questão dos cativos se agita e logo após é seguida a questão religiosa; tudo se põe em discussão: o aparelho sofisticado das eleições, o sistema de arrocho das instituições policiais e da magistratura e inúmeros problemas econômicos: o partido liberal,

expelido grosseiramente do poder, comove-se desusadamente e lança aos quatro ventos um programa de extrema democracia, quase um verdadeiro socialismo; o partido republicano se organiza e inicia uma propaganda tenaz que nada iria parar.¹⁰

Finalmente, cita as mudanças no campo teórico, revelando “o bando de idéias novas” que chegavam ao Brasil, fazendo a sua primeira parada na Faculdade de Direito do Recife:

Na política é um mundo inteiro que vacila. Nas regiões do pensamento teórico, o travamento da peleja foi ainda mais formidável, porque o atraso era horroroso. Um bando de idéias novas esvoaçou sobre nós de todos pontos do horizonte. Hoje depois de mais de trinta anos; hoje que são elas correntes e andam por todas cabeças, não tem mais o sabor de novidade, nem lembram mais as feridas, que para as espalhar, sofremos os combatentes do grande decênio: positivismo, evolucionismo, darwinismo, crítica religiosa, naturalismo, cientificismo na poesia e no romance, folclore, novos processos de crítica e de história literária, transformação da instrução do direito e da política, tudo se agitou e o brado de alarma partiu da Escola do Recife.¹¹

Silvio Romero fixa o momento do desencadeamento da ruptura anti-romântica no Brasil na produção crítica de seu mestre Tobias Barreto. Silvio insiste, em vários textos, no caráter desbravador de seu amigo, tomando-o e tornando-o um verdadeiro símbolo do intelectual militante divulgador das novas idéias. No ensaio “A prioridade de Pernambuco no movimento espiritual brasileiro”, mais uma vez personificando a busca de novas idéias em Tobias Barreto, especifica ainda mais quais seriam as novas “fontes”, tanto em relação a autores como a teorias:

Desde 1870 que, abandonando quase totalmente a poesia, atirou-se à crítica em seus variados ramos. A sua nova intuição, elaborada pelo estudo profundo do positivismo, do darwinismo, das escolas de ciência religiosa alemã, maxime a straussbauriana, pela leitura dos litera-historikern, como Julian Schmidt e Treitschk, e dos publicistas, como Mohl e Gneist, derramou-se em vários escritos.(...) O novíssimo germanismo de Tobias Barreto, ainda não aplaudido em parte alguma do Império, e antes muito desdenhado, firma-se quanto à ciência, na intuição monística do mundo e da humanidade e pressupõe o conhecimento de Comte e de Darwin, e, na literatura, promove implicitamente o princípio da seleção natural entre as nações, fazendo-nos jogar à margem as migalhas da civilização francesa, e mergulhar na grande corrente da cultura alemã.¹²

Cruz Costa, mesmo com uma postura bastante crítica em relação às filosofias “importadas” da Europa, em especial as germânicas, como já vimos anteriormente, constata o papel importantíssimo que elas desempenharam no contexto intelectual brasileiro a que nos referimos:

O espencerismo e as correntes do evolucionismo alemão teriam, assim, o seu momento de influência na história intelectual do Brasil: o espencerismo, numa forma difusa, coincidia com o liberalismo da época; e o evolucionismo alemão, modalidade das vicissitudes do materialismo germânico, foi como “uma rajada de pensamento livre, de cultura moderna”, no dizer de Graça Aranha, que passou pelo Brasil.¹³

Estas idéias positivistas (*lato sensu*) no Brasil da década de 70 teriam então mais do espírito revolucionário das idéias positivistas do Iluminismo do que do espírito

conservador do positivismo comtiano - embora gerassem um pensamento essencialmente simplificador e dogmático sobre o que se debruçassem. Os alunos da Faculdade de Direito do Recife moviam uma verdadeira “guerra santa” contra as antigas teorias, representadas genericamente pelo que eles chamavam de metafísica. Na defesa da tese de doutorado de Silvio Romero, podemos observar esta luta franca entre novas e velhas idéias. A solenidade, transformada em ato político, tem seu auge no diálogo tenso entre o doutorando e um dos integrantes da banca, o prof. Dr. Coelho Rodrigues. O debate ficou mais ríspido quando o argüente reclamou da oposição que Silvio Romero fazia à metafísica:

– Nisto não há metafísica, há lógica.

– A lógica não exclui a metafísica, replicou o argüente.

– A metafísica não existe mais, se não o sabia, o saiba, treplicou o doutorando.

– Não sabia retrucou esse.

– Pois vá estudar e aprender para saber que a metafísica está morta.

– Foi o senhor quem a matou?, perguntou-lhe então o professor.

– Foi o progresso, a civilização, respondeu o bacharel Silvio Romero, que ato contínuo se levantou, tomou os livros que estavam sobre a mesa e disse com ar triunfante - Não estou para aturar esta corja de ignorantes que não sabem de nada.¹⁴

Longe da metafísica e do subjetivismo, viviam os intelectuais recifenses o ideal de estarem construindo não somente novas teorias, mas também uma nova nação. Os alunos e futuros mestres da Faculdade de Direito do Recife vinham, em grande parte, de setores da classe média urbana, distantes em parentesco e em compromissos dos grandes proprietários rurais. Para eles, o que os tornavam especiais e poderosos era o grande conhecimento científico que julgavam ter atingido. Esses intelectuais compartilhavam da

sensação de que a ciência tudo podia e de que havia uma verdadeira missão revolucionária a ser cumprida – que pouco a pouco tornava-se menos revolucionária.

O positivismo, no Brasil e no mundo, que em um primeiro momento teve um papel revolucionário de contestar velhas teorias e práticas – acaba por tornar-se no desenvolvimento do século XX um sistema altamente inibidor de futuras contestações. Solidifica-se em torno de uma confiança cega na ciência e postula-se como sistema cultural último e acabado. Mesmo com o seu fim como sistema hegemônico, o seu cientificismo permanece como fantasma que quando menos se espera assombra. A confiança total na ciência e a crença na possibilidade de uma objetividade e neutralidade do conhecimento ainda consegue adeptos tanto num público leigo como nos meios acadêmicos em finais do século XX.

Convém ainda examinar a aplicação que se fez das máximas científicas do positivismo – que no caso brasileiro adquirem as cores locais da Escola do Recife – na literatura: o naturalismo. É bom lembrar que para a instauração de uma literatura naturalista, é necessário o advento de uma concepção de literatura realista. O realismo procura apresentar uma realidade engendrando um tratamento objetivo do material da experiência através da verossimilhança. Ele portanto dá uma interpretação do mundo a partir de um retrato pretensamente objetivo de uma realidade – que na verdade é construída. Papel importante também recebe a linguagem no realismo como Flora Sussekind observa no seu ensaio *Tal Brasil, qual romance?*:

Ao literário e àquele que o escreve cumpre negar o trabalho com a e na linguagem para que o leitor, dominado por “um desejo irresistível de ver”, pareça estar em contato direto com ‘o’ real.¹⁵

No naturalismo os pressupostos realistas são exacerbados e a ciência positivista adquire posição de destaque. Muito mais limitado historicamente do que o realismo, o romance naturalista desenvolvido a partir de meados do século XIX na Europa, seguindo-se a sua experiência no Brasil, é a tentativa de se transportar para literatura os conhecimentos das ciências naturais correntes na época – concebendo uma literatura totalmente dependente da ciência. Dentro destes conhecimentos, incluem-se as ciências médicas e biológicas – que muitas vezes são as que aparecem com maior destaque. Surge com grande força nestes romances a figura do médico, tornando-se o representante oficial da ciência. Nesses romances a citação científica tinha grande importância e a ciência médica formava e condicionava o enredo e estava na própria caracterização dos personagens e nos seus discursos. Personagens e enredos estavam, portanto, à mercê das leis naturais buscadas pela ciência positivista. Esta conexão entre discurso e pensamento científico com a literatura, tão evidente na produção literária naturalista, não deve ser encarado como uma mera curiosidade ou um defeito, mas como um sintoma de que as relações entre ciência e imaginário podem aparecer na literatura. A literatura do fim do século XIX pode ser vista como um momento peculiar onde as relações entre ciência e ficção tornaram-se evidentes – é claro, com o domínio da ciência sobre a literatura.

A medicina que aparece nestas obras é parte do edifício da ciência positivista. É uma medicina que se pretende exata, totalmente racional e lógica, anulando tanto a subjetividade do médico quanto a imprevisibilidade das relações médico-paciente. Para o médico e pesquisador Luis David Castiel este tipo de visão da medicina acredita que “o fato de deixarem de se pautar pela racionalidade científica limita sua atuação como clínicos.”¹⁶ Estabelece-se uma medicina – ou ciência médica –, que, assim como a ciência positivista desconhece a incerteza e o irracional,

estabelecendo conhecimentos sobre a doença e a morte que se pretendem seguros e verdadeiros.

Interessante observar que a medicina quando presente na literatura, mesmo após o período naturalista, está tradicionalmente ligada aos modelos da ciência positivista, como pode-se ver na obra de A. J. Cronin, Somerset Maugham e até mesmo na obra memorialística de Pedro Nava – como será visto no cotejamento que será feito com as obras de Moacyr Scliar no Capítulo 4. Antes de iniciar-se efetivamente o estudo da obra e do pensamento de Moacyr Scliar pode-se adiantar que ele vai retomar a medicina e a ciência como tema literário, mas procedendo de forma completamente diversa dos cânones naturalistas e positivistas: problematizando ciência e medicina, não as considerando mero repositório de conhecimentos válidos, além de fugir de uma estética realista, apoiando-se inclusive no uso do fantástico.

Finalizando este capítulo, é interessante transcrever um trecho do ensaio “Relações entre a ciência e o irracional na literatura fantástica e na ficção científica anglo-saxônicas”, de Jean Marigny, onde são mencionadas as modificações acontecidas no pensamento científico no século XX, que passa a incorporar até o irracional – o que aponta para novas relações entre ciência e medicina – que acabam por emergir em obras como as de Moacyr Scliar.

A ciência mais tradicional tende a desfazer-se do positivismo auto-suficiente, que vigorava no século passado. Ela nos faz entrever abismos que desafiam a razão e a lógica, e que podem suscitar o sonho ou a angústia. As teorias de Einstein sobre a relatividade, as geometrias não-euclidianas e os paradoxos matemáticos são de molde a abalar a nossa percepção familiar do mundo, parecendo recolocar em questão os próprios fundamentos do pensamento racional. A literatura de imaginação reflete essa evolução. O fantástico e a ficção científica ilustraram de modo particular a ambigüidade das relações

*entre a ciência e o irracional.*¹⁷

NOTAS

1. Serão usados os termos positivista e positivismo em sentido genérico; quando me referir especificamente ao positivismo de Auguste Comte, isto será explicitado.
2. LÖWY, 1987: 18.
3. LÖWY, 1987: 19 e 20.
4. *apud* LÖWY, 1987: 24.
5. DESCARTES, 1994: 43.
6. HIPOCRATES. S/ data: 4^a capa.
7. CRUZ COSTA, 1959: 49.
8. SCHWARZ, 1992: 24.
9. *apud* BOSI, 1994: 165.
10. *apud* BOSI, 1994: 165 e 166.
11. *apud* BOSI, 1994: 166.
12. *apud* SODRÉ, 1959: 167.

13. CRUZ COSTA, 1959: 50.

14. SCHWARCZ, 1995: 148.

15. SUSSEKIND, 1984: 101.

16. in CASTIEL, 1999: 167.

17. BESSES, 1994: 120.

3. ANAMNESE

Na prática médica, anamnese é a entrevista na qual o médico procura reunir informações com o paciente e seus familiares sobre os antecedentes que levaram este paciente a procurar tratamento. O sentido original de anamnese na língua e cultura gregas é próximo deste usado pelos médicos: ato de fazer voltar à memória idéias esquecidas. A posição do médico/escritor Moacyr Scliar neste capítulo estará invertida, de entrevistador passará à posição de entrevistado na nossa anamnese. Serão analisadas, então, as interfaces entre literatura, medicina, ciência e a sua própria experiência como médico através de trechos de entrevistas dadas pelo autor durante a sua carreira em que estas interfaces emergem, além de uma entrevista realizada por mim com o autor em janeiro de 2000.

Cabem aqui algumas palavras sobre a utilização de entrevista com o autor na produção de uma dissertação que tem como objeto a sua própria obra ficcional. A entrevista vai ser tratada como um texto a mais e não como um elemento de uma dimensão de realidade hierarquicamente superior ao dos textos ficcionais. No entanto, a entrevista é um texto especial. Uma de suas especificidades é ser produzida no diálogo, estando, portanto, sujeita a um controle flutuante. Algumas vezes o controle é do entrevistador; outras, do entrevistado e em outras tantas ela se produz numa tensão de controles com um produto vetorial inclassificável quanto ao seu domínio. O controle do entrevistador é visível na sua possibilidade (não totalmente ilimitada) de propor perguntas e hipóteses. Outro poder insofismável do entrevistador é a prerrogativa da redação final, que pode ser desde uma reprodução praticamente literal até uma verdadeira ficcionalização das palavras do entrevistado, passando pelo desejável meio-termo de ser o mais fiel possível aos conteúdos e estilos, evitando quando possível o excesso de coloquialismos. Em compensação, os poderes do entrevistado não são poucos. Grande parte do texto é composto por sua voz, e mesmo obedecendo (o que nem sempre acontece) aos limites das perguntas ou provocações do entrevistador, o entrevistado ainda tem uma grande autonomia na construção desta voz. O texto da entrevista, portanto, vai se construir nesta tensão de duas forças: a do entrevistador e a do entrevistado.

Uma pessoa pública como Moacyr Scliar acaba tendo, na verdade, um extenso corpo de entrevistas publicado, tanto na forma ‘ping-pong’, como no interior de reportagens e até de ensaios ou teses acadêmicas. Este corpus, pelo seu gigantismo, nesse caso específico, dificilmente poderia ser compilado totalmente e com certeza não é homogêneo. Pode-se dizer que é uma biografia feita no diálogo e em permanente construção. A mutabilidade dos pontos de vista e do próprio passado relatado é uma

tônica de qualquer corpo de entrevista, e isto fica mais visível num conjunto tão grande. A identidade e a própria memória do entrevistado variam de entrevista para entrevista – pelas diversas interações entrevistado/entrevistador e pelas mudanças do modo de olhar; para trás, no caso da memória; para o lado, no caso da opinião.

O sociólogo alemão Peter Berger, em ensaio do início dos anos 70, ao analisar o fato de que toda pessoa realiza construções autobiográficas, chega a conclusões que podem ajudar a estabelecer parâmetros de leitura do texto produzido através de entrevistas em que a própria vida do entrevistado é tematizada. Para Berger, a biografia de uma pessoa depende mais do tempo presente em que ela se estabelece do que do próprio passado a que ela remete:

Segundo o consenso geral, nossa vida é constituída por uma determinada seqüência de acontecimentos, cuja soma representa uma certa biografia. Escrever uma biografia, portanto, consiste em compilar esses acontecimentos em ordem cronológica ou de importância. Entretanto, até mesmo um registro puramente cronológico suscita a questão de quais os acontecimentos que devem ser incluídos, uma vez que nem tudo o que o biografado fez pode ser registrado. Em outras palavras, até mesmo um registro puramente cronológico levanta questões referentes à importância relativa de certos acontecimentos.¹

Berger radicaliza esta idéia de autobiografia como construção ao afirmar que a própria memória é um ato de reinterpretação e construção:

À medida que nos lembramos do passado, o reconstruímos de acordo com nossas idéias atuais sobre o que é e o que não é importante. (...) Isto significa que o bom senso erra redondamente ao considerar que o passado seja algo fixo, imutável, invariável, oposto ao fluxo contínuo do presente. Pelo contrário, pelo menos em nossas próprias consciências, o passado é

*maleável e flexível, modificando-se constantemente à medida que nossa memória reinterpreta e re-explica o que aconteceu. Assim temos tantas vidas quanto pontos de vista.*²

Este tipo de concepção da autobiografia e da memória pessoal como entidades naturalmente em permanente mutação acaba redimensionando um corpo de entrevistas de uma pessoa específica, liberando este conjunto de compromissos obsessivos com a homogeneidade, a coerência e a própria repetição de um passado fixo. De uma entrevista determinada, não se pode exigir, portanto, uma fidelidade diante de outras – e nem com ela própria. Uma entrevista de uma pessoa pública, na qual sua própria biografia torna-se tema, é então ao mesmo tempo parte de um conjunto de entrevistas que engendram uma biografia em processo e um recorte dentro deste conjunto, constituindo-se uma microbiografia provisória.

A conexão entre biografia e construção acaba aproximando biografia e texto ficcional. O que vai encontrar resistência de dois lados, cada um deles defendendo uma superioridade ora do texto ficcional, ora dos textos biográficos. Para os defensores do cânone literário, poesia, conto e romance não poderiam ser nunca da mesma espécie de meros depoimentos, entrevistas e autobiografias. Para sociólogos e historiadores de viés positivista e seus seguidores, que buscam uma verdade no texto documental, o texto ficcional nunca teria o mesmo valor de documento como depoimentos, entrevistas e autobiografias.

Luís Costa Lima no ensaio *Persona e sujeito ficcional*, ao aproximar memorialismo de ficção, vai ao encontro deste nosso modelo, estabelecendo o memorialismo como “uma ficção naturalizada, i. e., uma ficção (sobre a própria vida) que entretanto se entende como registro da verdade”³. Costa Lima mostra que a grande diferença entre a ficção e os discursos memorialísticos – englobando o próprio gênero

memorialista, além de autobiografias, entrevistas e depoimentos – está muito mais no modo como estes dois campos são lidos do que no modo como são produzidos ou numa ligação com uma possível realidade, o que acaba por nos remeter ao próprio ensaio clássico de Stanley Fish “Como identificar um poema ao lê-lo” – que acaba por constatar, no âmbito da poesia, que “a interpretação não é a arte de entender (*construing*), mas sim a arte de construir (*constructing*)”⁴.

Sem me alongar muito num estudo sobre a recepção, ainda farei alguns comentários sobre este tema. Na leitura do texto ficcional, estabelece-se um pacto diferenciado do pacto firmado nos textos autobiográficos e memorialísticos. Umberto Eco no seu *Seis passeios pelo bosque da ficção* explicita com clareza o pacto ficcional:

*A norma básica para se lidar com uma obra de ficção é a seguinte: o leitor precisa aceitar tacitamente um acordo ficcional, que Coleridge chamou de “suspensão da descrença”. O leitor tem que saber que o que está sendo narrado é uma história imaginária, mas nem por isso deve pensar que o escritor está contando mentiras. De acordo com John Searle, o autor simplesmente finge dizer a verdade. Aceitamos o acordo ficcional e fingimos que o que é narrado de fato aconteceu.*⁵

Já em textos de caráter autobiográfico, que como vimos são entendidos como registros da verdade, estabelece-se outro tipo de acordo tácito, o pacto autobiográfico. Philippe Lejeune em seu *Le pacte autobiographique*, publicado pela primeira vez em 1975, estabelece que a singularidade da autobiografia – e, por conseguinte, o tipo de entrevista que temos como objeto neste capítulo – estaria no tipo de leitura que ela engendra:

*Se, portanto, a autobiografia se define por algo de exterior ao texto, não é alguém deste, por uma semelhança inverificável com uma pessoa real, mas para além dele, pelo tipo de leitura que ele engendra, o crédito que ela secreta e que se dá a ler no texto crítico.*⁶

A especificidade do texto biográfico para Lejeune, se buscada fora do texto, não seria uma possível relação de semelhança entre o narrador autobiográfico e a sua existência real, visto que tal ligação não pode ser verificada. O que o texto autobiográfico tem de diferenciador em relação ao ficcional é o tipo de leitura que ele engendra a partir do dado preestabelecido de que ele é um texto autobiográfico e, portanto, o narrador e o autor que estampa o nome no alto da primeira página devem ser entendidos como uma só pessoa. Pode-se então pensar, tendo em mente a teoria da construção autobiográfica de Peter Berger, que o texto autobiográfico também é uma construção, e não uma revelação. O senso comum do leitor é que pode considerar o texto autobiográfico como portador de um grau de verdade maior do que o texto ficcional. Não existe saída: não há nada que garanta a “verdade objetiva” e imparcial de qualquer texto. A diferenciação entre o ficcional e o autobiográfico são fluidas e marcadas pelo tipo de leitura estabelecida pela comunidade interpretativa, conforme Fish.

Na Antropologia o uso do discurso autobiográfico, depois de gerar polêmica, vem sendo recuperado neste final de século XX. Mas não é a dicotomia autobiográfico/ficcional que está em jogo total, mas o caráter epistemológico do olhar autobiográfico. Em 1992, publicou-se na Inglaterra a coletânea de ensaios *Antropology & Autobiography*, na qual o caráter autobiográfico de vários estudos etnográficos era estudado e valorizado ao invés de ser considerado como um defeito. Desse modo, constata-se a valorização da força do sujeito como mais um golpe numa visão

acadêmica positivista na qual existe uma utopia de uma objetividade. A recuperação do componente autobiográfico nos estudos antropológicos fica patente nesta observação de Judith Okely em ensaio que faz parte da coletânea já mencionada:

*Geralmente, a noção de autobiografia é vista como uma ameaça aos cânones da disciplina, não porque seja interpretado como motivador de conseqüências políticas mas porque explicita um ataque ao positivismo. O eu reflexivo do etnógrafo subverte a idéia do observador como uma máquina impessoal.*⁷

O texto autobiográfico para os positivistas estaria então desprovido de cientificidade, pois como já vimos no capítulo anterior, a ciência do positivismo requer uma objetividade do cientista que anule a subjetividade e portanto o eu autobiográfico. Paradoxalmente, como já foi visto antes, os positivistas valorizam a autobiografia como objeto a ser estudado – valendo, no caso da historiografia positivista, como documento de uma época. Documentos que seriam verdadeiras caixas-pretas, já que não poderiam ter suas contradições internas esmiuçadas – a emergência da subjetividade deve ser brecada a qualquer custo.

O uso de entrevista como matéria-prima – no qual a subjetividade do entrevistado seja levada em conta – para estudos de literatura é relativamente recente no Brasil. Silviano Santiago, no seu ensaio *Crítica cultural, crítica literária: desafios do fim de século*, no qual mapeia o cenário cultural brasileiro de fins da ditadura, entre 1979 e 1981, cita artigo de Heloísa Buarque de Holanda, que faz em 1981 um primeiro balanço das novas tendências na cultura brasileira naquele período. Segundo Silviano, Heloísa apresenta como um dos marcos destas novas tendências o livro *Retrato de Época (um estudo sobre a poesia marginal da década de 70)*, de Carlos Alberto

Messeder Pereira. Silviano Santiago, a partir do artigo de Heloísa, observa a relevância do livro de Messeder, onde as entrevistas com poetas marginais representavam material tão importante quanto o texto que eles produziram:

Segundo Heloísa, a chave da operação metodológica apresentada no livro está no modo como o antropólogo Carlos Alberto dá o mesmo tratamento hermenêutico tanto ao material oriundo das entrevistas concedidas pelos jovens poetas marginais, quanto ao poema de um deles. O texto do poema passa a funcionar como um depoimento informativo e a pesquisa de campo é analisada como texto. O paladar metodológico dos jovens antropólogos não distingue a plebéia entrevista do príncipe poema. Essa grosseira inversão no tratamento metodológico de textos tão díspares – aparentemente inocente, porque consequência da falta de boas maneiras dum jovem antropólogo – desestabilizaria de maneira definitiva a concepção de Literatura, tal como era configurada pelos teóricos dominantes no cenário das Faculdades de Letras nacionais e estrangeiras. Conclui Heloísa: “Carlos Alberto parece colocar em suspenso a literatura como discurso específico”.⁸

Compartilhando com Messeder esta suspensão da literatura como discurso especial e superior, partirei agora para a análise das entrevistas de Moacyr Scliar, da qual se destaca por motivos já mencionados uma entrevista conduzida por mim, nas quais são abordadas as relações entre ciência, medicina e literatura, especialmente na sua experiência como médico e escritor. O escritor Moacyr Scliar, “personagem principal” desta dissertação, recebeu-me para uma entrevista numa tarde do verão portoalegrense de janeiro de 2000, fase intermediária dessa pesquisa. A realização desta entrevista, antes da fase final, trouxe algumas desvantagens, mas outras tantas vantagens: se, por um lado, alguns temas que apareceram posteriormente na pesquisa,

especialmente derivados de uma leitura mais cuidadosa de sua obra não puderam ser abordados com o autor; por outro lado, questões levantadas por Moacyr Scliar na entrevista acabaram levando a pesquisa em curso a direções não previstas preliminarmente. A minha entrevista com o autor servirá de guia para entrarmos também em contato com outros trechos do seu corpo de entrevistas. Cabe ainda esclarecer que os trechos da minha entrevista serão indicados durante a análise pela numeração da pergunta respondida – ela está transcrita na íntegra, em anexo, ao final desta dissertação.

De uma forma geral, a experiência de minha entrevista com Moacyr Scliar revelou algumas facetas que devem ser mencionadas antes de análises mais pontuais. Em primeiro lugar, as relações entre medicina e literatura e seu próprio fazer literário são temas que o interessam bastante. Por isso, sente-se que grande parte das respostas e comentários já estão elaborados em sua mente, ocorrendo dificilmente o fato dele emitir opiniões ou impressões que estão sendo elaboradas no correr da entrevista. Ele também tem uma visão crítica da própria obra, chegando a rever determinadas estratégias que considera deficientes, como no caso de *Sonhos Tropicais*.

A própria biblioteca, onde fui recebido, revela um pouco da sua relação com os campos do conhecimento e com outras questões que são abordadas nesta dissertação. Nela, os livros de literatura não predominam. Grande parte das prateleiras é ocupada por ensaios sobre História, Antropologia, Sociologia, Ciência e Medicina. Lugar de fácil acesso na biblioteca ocupam, por exemplo, os livros de Foucault, em muitos dos quais são problematizadas as relações entre saber e poder.

De seu depoimento inicial (**pergunta 1**), podemos constatar que Scliar faz uma inequívoca conexão entre sua formação como médico e sua formação como escritor, mencionando que a sua graduação como médico coincidia com a publicação

de seu primeiro livro de contos: *Histórias de um médico em formação*, no qual a sua experiência como estudante de medicina e médico residente eram a matéria-prima. A avaliação do autor quanto a este seu primeiro livro, tanto nesta como em outras entrevistas, é bastante negativa. Afirma, inclusive, em entrevista publicada na revista *Livro Aberto*, em setembro de 1999, que este livro não pode ser considerado nem o Número Um, mas o Número Zero, na medida em que se deu conta “relendo este livro que se tratava de uma obra imperfeita, obra de juventude, imatura e, sobretudo, em relação à forma, poderia ter sido melhorada um pouco”⁹. Voltando à entrevista, Scliar comenta que nunca mais consentiu na publicação deste livro, deixando-o inédito. Presume-se que esta forte autocrítica ao seu livro inicial deve-se a uma insatisfação de um escritor formado (quando foram feitas as entrevistas) diante do modo pelo qual, quando escritor iniciante, utilizava a sua experiência médica na literatura. A relação entre experiência e literatura seria muito direta, o que não deve agradar ao Scliar de hoje. Dois dos contos deste livro inicial, “Mulher Só” e “Pequena História de um Cadáver” são transcritos parcialmente em livro posterior, como escritos pelo personagem Jayme, estudante de medicina judeu, do grupo de amigos do protagonista. Quando mencionarei a citação do “Pequena História de um Cadáver” no *Doutor Miragem*, durante a entrevista, Scliar respondeu afirmando que este seria o melhor conto da coletânea e faz um rico comentário sobre o conto, que merece, inclusive, ser desmembrado para poder ser melhor entendido. Em primeiro lugar, ele afirma o seguinte:

Este é curioso porque mostra o que aconteceu com o grupo de estudantes de medicina do qual eu fazia parte. Nós chegamos lá no primeiro dia de aula para estudar o cadáver, que era o de uma mulher, vindo do hospital psiquiátrico – e ali estava aquela mulher morta. Nós

estávamos muito intimidados inicialmente. Mas na medida em que o tempo ia passando a nossa relação com esse cadáver foi ficando cada vez mais informal, para dizer o mínimo. Chegamos ao ponto de apoiarmos o cotovelo no cadáver cortando as peças e jogando fora. No fim do curso de anatomia só restava um pedaço. (pergunta 8)

Deste trecho podemos retirar uma característica que faz Scliar valorizar o conto referido: além de ter como matéria-prima a experiência, narra uma boa história, e esta vem a ser característica fundamental de uma obra de ficção para o autor, como veremos ainda na continuação deste capítulo. O comentário de Scliar sobre o conto prossegue:

Era uma coisa meio macabra, mas que tem um certo significado: no fim, de alguma maneira, a vida se impôs sobre a morte. Apesar da morte ter a última palavra. Tinha este recado de como, à custa do cadáver, os estudantes de medicina iam mudando. O cadáver ia diminuindo e o conhecimento deles aumentando. (pergunta 8)

Neste trecho podemos observar outra característica que Scliar valoriza em seu conto: ele tem um significado, tem algo a dizer; faz pensar, e, a partir de uma história, articula idéias. A questão fundamental que Scliar vislumbra no seu conto é o conhecimento. O conhecimento dos estudantes aumentando às custas da consumição do cadáver é uma leitura que o próprio Scliar faz de seu conto. Isto aponta já neste seu primeiro livro de contos a questão epistemológica, que na minha análise de suas obras vai ser uma tônica marcante. Uma boa história, técnica literária apurada e questões fundamentais do homem e da sociedade. Eis aí a receita tríplice da boa ficção que Scliar parece ter encontrado na “Pequena história de um cadáver” e que não encontrou nos outros contos desta coletânea.

Na continuação do depoimento inicial do entrevistado, a questão epistemológica surge novamente com força. Para Scliar, a sua aproximação da medicina deveu-se à tentativa de conhecer algo desconhecido, que ao mesmo tempo o atemorizava e o fascinava: a doença. Esta busca de conhecer a doença vai contribuir para levá-lo a cursar medicina, experiência esta que ele vai considerar “transcendente desde o momento em que a gente entra na faculdade de medicina, porque o aprendizado da medicina começa pelo cadáver” (**pergunta 1**). O contato com a morte vai ser o grande rompimento epistemológico que o médico em formação vai atingir – e ele começa assim que o estudante entra na faculdade e vai estudar Anatomia. Seriam as armas iniciais para enfrentar a doença –, doença e morte caminhando sempre juntas. No prosseguimento da entrevista Scliar vai definir assim os médicos em relação ao contato com a doença: “os médicos fazem parte daquela fração da humanidade que se aventura a desafiar a doença; ele vai enfrentar a doença no próprio terreno dela e isto exige coragem, paixão”. (**pergunta 9**)

O contato íntimo com a morte do qual Scliar fala é um contato que no desenvolvimento da sociedade moderna foi transferido do mago e do sacerdote para o médico. Ela é transportada de um campo social, e portanto “sujo”, para um campo científico, e portanto “limpo”. Jean Baudrillard analisa em *A troca simbólica e a morte* esta “cientificização” da morte:

Nós dessocializamos a morte ao revertê-la às leis bioantropológicas, ao lhe atribuir a imunidade da ciência, ao autonomizá-la como fatalidade individual. Mas a materialidade física da morte, que nos paralisa devido ao crédito ‘objetivo’ que lhe damos, não faz os primitivos parar. Eles nunca ‘naturalizaram’ a morte, sabem que ela (assim como o corpo, como o evento natural) é uma relação social. Ponto no qual são bem mais ‘materialistas’ do que nós, visto que a verdadeira materialidade da morte

*para eles, tal como a da mercadoria para Marx, está em sua forma, que é sempre de uma relação social. Todo o nosso idealismo, em contraste, converge para a ilusão de uma materialidade biológica da morte: discursos da 'realidade', que é na verdade a do imaginário, e que os primitivos superam na intervenção do simbólico.*¹⁰

O conhecimento da sociedade também emerge do modo pelo qual Scliar retoma a importância da experiência médica para a sua formação. O médico inserido em comunidades carentes ocupa o papel de um ser de fronteira: que, por um lado, é um representante do governo e da sociedade organizada para a população miserável, e, por outro, representa para a elite aquele que vai fazer o “trabalho sujo” de entrar em contato direto com os miseráveis. A experiência médica possibilitou, então, a Moacyr Scliar um contato direto com a miséria da sociedade brasileira. E ele, na já desgastada expressão, faz a “opção pelos pobres”. Se, como estudante de medicina, entra em contato com a doença e a morte, como médico, entra em contato com a pobreza que é um atalho para chegar-se à doença e à morte, como pode-se observar neste trecho de depoimento dado ao *Jornal do Brasil* em outubro de 1980:

*Gosto de ser médico e gosto de escrever. Graças à medicina tive meu primeiro contato com a miséria. Embora minha família não fosse rica, nunca faltou comida ou roupa lá em casa. E só quando passei a trabalhar na Santa Casa percebi como um jovem da classe média pode ficar preservado da realidade. Porque uma coisa é você ver uma favela, outra é entrar 100 vezes na casa de um favelado. Se no início isso foi brutal para mim, contribuiu para que minha literatura tivesse os pés na terra, apesar de fantasiosa e lírica.*¹¹

Para Scliar este contato com a miséria vai ser responsável, inclusive, pela

escolha da Saúde Pública como campo de trabalho dentro da Medicina e para a sua literatura manter também um forte contato com a realidade, apesar da força do fantasioso e do mágico no seu universo literário – como veremos no próximo capítulo. Estabelecendo-se como médico sanitarista, vinculado, durante muito tempo, à Secretaria de Estado de Saúde do Rio Grande do Sul, nunca deixou de lado a literatura. E, por outro lado, também nunca larga a medicina para dedicar-se integralmente à literatura. Atualmente, a sua ligação com a medicina permanece na sua condição de professor de Medicina Preventiva na Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Scliar reflete assim sobre esta sua ambivalência:

É uma coisa curiosa como as pessoas encaram um escritor que tem uma segunda profissão. O que as pessoas tendem a pensar é o seguinte: ele tem que ter uma segunda profissão, porque ninguém vive de literatura, então ele precisa de algo para se sustentar e ele não gosta daquilo que faz. Comigo acontece algo bem diferente disto. Eu poderia viver de literatura; já há tempo eu poderia viver do que escrevo. Acho que outros escritores no meu lugar viveriam só de literatura. E eu, ao contrário, nunca quis abandonar a Saúde Pública e indiretamente a Medicina. Na verdade eu tenho uma enorme admiração pelo trabalho médico e pelo de Saúde Pública. Se Jeová se materializasse na minha frente e perguntasse “O que tu queres ser? Mas tem que escolher só uma coisa: Ou médico ou escritor?” Eu escolheria ser médico. Se eu tivesse que optar por uma coisa de realização, por incrível que pareça, eu preferiria a Medicina. Mas felizmente eu não tenho que optar e eu tenho essa sorte que é rara de exercer duas atividades em que uma contribui para a outra. (pergunta 3.A)

Deste longo e preciso trecho, pode-se observar como Scliar faz uma forte conexão entre a sua experiência como médico e escritor. Ele não se coloca como um

“esquizofrênico cultural”, que é médico em algumas ocasiões e escritor em outras. Pelo contrário, ele se vê como um médico-escritor, numa situação em que as duas atividades teriam relações íntimas. Scliar então se serve da prática médica como um modo de “conhecer a realidade”, entrar em contato com problemas sociais que não poderia conhecer profundamente de outro modo. O médico Scliar, nas suas experiências clínicas, acaba também por conhecer o ser humano despido do seu verniz – à beira da morte e da dor. E isto vai desaguar também na sua literatura – na qual ele reconstruirá o conhecimento obtido através de sua experiência médica. Nesta etapa deste estudo pode-se elaborar um modelo no qual a medicina seria o modo principal de “conhecer” Scliar e a literatura seria um dos seus modos de reconstruir conhecimento. Por isso para Scliar é importante manter estas suas duas inserções.

Scliar, ao comentar o seu romance *Doutor Miragem*, explicita o seu interesse pelas relações entre medicina e poder. Comentando a sua experiência como médico residente, afirma que “boa parte desta medicina de atendimento ao pobre e ao trabalhador é um simulacro para enganar os pobres” (**pergunta 4**), vinculando medicina e poder de forma radical e mostrando como estas relações podem ser perniciosas. Mas Scliar não mostra acreditar que possa existir uma medicina imaculada em relação ao poder. Inclusive porque a sua concepção de poder remete à de micropoder foucaultiano, segundo a qual existe uma rede complexa de poderes na sociedade e que na verdade não existe nada fora dela. A concepção de poder de Scliar, próxima ao micropoder foucaultiano, é evidenciada ao afirmar que a letra de médico é ilegível porque obedece um propósito inconsciente, que é um mecanismo de poder” (**pergunta 9**). Isto não quer dizer – como Scliar mostra na sua posição contra o poder político que reproduz a miséria – que os poderes não devam ser enfrentados. Uma posição política clara pode caminhar lado a lado com a aderência ao conceito de

micropoder, como o próprio Foucault constatou em trecho do *Microfísica do poder*:

*Não se trata de libertar a verdade de todo sistema de poder – o que seria quimérico na medida em que a própria verdade é poder – mas de desvincular o poder da verdade das formas de hegemonia (sociais, econômicas, culturais) no interior das quais ela funciona no momento.*¹²

Deste posicionamento que vincula medicina e poder deriva outra preocupação de Scliar: o papel do médico na sociedade. Em entrevista publicada no *Correio Braziliense* em agosto de 2000, ele observa que o jovem médico sai da faculdade com certa arrogância mas que “se é uma pessoa sensata acaba por aprender que medicina não é uma ciência exata e que vai ser obrigado a lidar com um grande grau de incerteza”¹³. Esta concepção anti-positivista do fazer médico acaba por aproximar a medicina das chamadas Humanidades e até da própria literatura.

Scliar observa ainda que hoje em dia há produção numa área de conhecimento chamada de “humanidades médicas”, que é um conjunto de disciplinas que inclui história da medicina, sociologia médica, comunicação médica, ética médica, reforçando uma dimensão humanística da medicina. No entanto, constata que “o médico torna-se cada vez mais um profissional tecnocrático e esta área de estudo não vem alcançando grande sucesso com os médicos” (**pergunta 5.A**). Os médicos, na visão de Scliar, colocam-se em sua maioria no campo científico – segundo a já citada divisão de C. P. Snow das duas culturas.

Indagado na nossa entrevista sobre o que leva o médico a escrever, a incerteza novamente surge como algo essencial. Para Scliar, “o que leva o médico a escrever é a ansiedade, é esta sensação de desamparo diante do contato com algo maior

- que é a doença” (**pergunta 9**). A literatura, poderíamos pensar então, teria uma força organizadora - contrária à incerteza que a doença e a morte trazem. No entanto - quando começarmos a analisar a obra ficcional isto ficará mais claro - a ficção de Moacyr Scliar não nos parece ter características de organizadora de um conhecimento acabado e repleto de certezas - pelo contrário ela traz dúvidas e problematiza as certezas.

As relações entre ciência, medicina e poder também emergem do modo como Scliar analisa o seu interesse por Oswaldo Cruz, personagem principal de seu romance *Sonhos Tropicais* e de seu ensaio *Oswaldo Cruz*, para a coleção “Perfis do Rio”, ambos produzidos já na década de 90. Scliar continua conectando ciência e poder no seu modo de ver Oswaldo Cruz, o que o leva a entender os vários paradoxos contidos no episódio de Cruz a frente da Saúde Pública brasileira como decorrentes da impossibilidade de uma ciência imaculada em relação ao poder:

Eu podia ver também como aquele tipo de relação que ele mantinha com o governo um século depois mantinha-se a mesma. É o problema de como se vai fazer tecnicamente e cientificamente alguma coisa sem fazer concessões ou distorcer os seus propósitos. O Oswaldo Cruz fez várias concessões e também sucumbiu ao autoritário que havia dentro dele. Mesmo assim, o trabalho realizado foi maravilhoso. (pergunta 4)

Observa-se também que o olhar de Scliar em relação a Oswaldo envolve uma fascinação, mas esta fascinação não é apenas pelo mito positivo engendrado pelos seus discípulos - processo este minuciosamente estudado por Nara Britto em *Oswaldo Cruz: a construção de um mito na ciência brasileira*¹⁴. O que fascina Scliar são justamente as suas contradições e a complexidade do seu papel, que o leva a considerá-lo “um personagem extraordinário, porque ele sintetiza as contradições de

nosso país - é espantoso como Oswaldo Cruz é o Brasil” (**pergunta 5.A**).

Scliar também fala das duas diferentes estratégias utilizadas por ele para abordar na ficção os médicos e sanitaristas Oswaldo Cruz e Noel Nutels. Para ele, o seu romance *Sonhos tropicais*, de 1992, no qual é focado o personagem Oswaldo Cruz tem um ponto fraco: fica muito preso às informações biográficas do personagem real. Na sua pesquisa sobre a vida de Oswaldo em biografias não-romanceadas e nos próprios documentos deixados por Oswaldo - fase preliminar à escritura de *Sonhos tropicais* -, Scliar concluiu que a vida real do seu personagem era tão fantástica que procurou transcrever o maior número de informações. Segundo Scliar, “isso virou o calcanhar de Aquiles do livro” (**pergunta 5.A**). Scliar concorda com a observação do crítico José Castelo que resenhando *Sonhos tropicais* disse que a realidade engoliu a ficção. Este *imbroglio* entre realidade e ficção pode conduzir a conclusões diversas das de Scliar e José Castelo e a se questionar o próprio caráter de realidade das narrativas históricas - como a biografia. Mas novamente pode-se concordar deles ao se conceber que história e ficção são apenas dois caminhos, dois procedimentos diferentes. Scliar utilizou estratégia diversa quando resolveu escrever um novo romance baseado em personagem histórico. De novo, era um personagem cuja biografia já parecia uma obra de ficção, mas no caso da *Majestade do Xingu*, de 1996, como estava alertado pela experiência prévia, procurou uma estratégia narrativa que “evitasse o problema de ter que ficcionalizar a realidade e a forma que achei foi a de introduzir outro personagem e é através dele que o Noel aparece” (**pergunta 5.A**). Para Scliar, com isso, perdeu o compromisso de retratar fielmente a realidade: “você não está descrevendo a realidade, mas a realidade vista por um personagem concreto” (**pergunta 5.A**). Pensando a historiografia e a ficção como caminhos diferentes, podemos inferir que, em *Sonhos Tropicais*, Scliar acaba se valendo mais de estratégias historiográficas do que em

Majestade do Xingu. Como o esmiuçamento das relações entre ficção e história ultrapassaria os limites desta dissertação, não pretendo aprofundá-la mais, não deixando, entretanto, de citar a polêmica observação do personagem Raimundo Silva na *História do Cerco de Lisboa*, de José Sarmago: “(...) tudo quanto não for vida, é literatura, A história também, A história sobretudo, sem querer ofender”¹⁵.

Na leitura da obra ficcional de Moacyr Scliar, tendo em mente as interfaces entre ciência e literatura, surge uma presença constante: o olhar do cientista ao microscópio. Scliar reflete sobre isto citando o exemplo de Osvaldo Cruz: “ele conta no prefácio de sua tese de doutorado que quando ele descobriu o microscópio era se ele entrasse em um mundo novo” (**pergunta 2**). O microscópio é um instrumento fundamental em Saúde Pública e serve na literatura como metáfora para a penetração em um mundo invisível - desconhecido e ameaçador. Scliar cita na entrevista um conto, do qual não se recorda o nome nem o autor - que na verdade chama-se “O microscópio” e foi escrito em meados do século XIX pelo escritor irlandês Fritz-James O’Brien (1828-62) - que “conta a história de um médico que olhando pelo microscópio vê uma mulherzinha e se apixona por ele” (**pergunta 2**). Esta paixão pela mulherzinha do microscópio remete a uma subjetividade na relação entre sujeito e objeto. O olhar do cientista para uma visão positivista pretenderia uma objetividade total. Mas isto seria possível? Discutiremos mais a fundo esta questão no próximo capítulo quando analisarmos a novela (*O ciclo das águas*), na qual pode ser problematizado este olhar pretensamente desinteressado do cientista ao microscópio.

Em relação à tradição literária, Scliar identifica o Naturalismo, da segunda metade do século XIX, como um momento no qual as relações entre literatura, medicina e ciência evidenciavam-se na “idéia de escrever sobre a paixão dos seres humanos com o rigor que tinha o cientista no laboratório” (**pergunta 9.A**). Scliar vê

este projeto, que foi levado adiante por Emile Zola e outros, como característico do período em “que o grande momento da literatura no romantismo começava a se esgotar, crescia a ciência” (**pergunta 9.A**). Para Scliar, a ciência ocupava o lugar da literatura e escritores como Zola “pegavam carona”. Seria um momento então de maior aproximação entre ciência e literatura, mas numa relação de hegemonia da primeira sobre a segunda. Em entrevista para as páginas amarelas da Veja em maio 1997, Scliar identifica neste final de século XIX a gênese da medicalização da vida que se instaurou no desenvolvimento do século XX - e como a literatura, no caso de Machado de Assis, também podia produzir uma visão crítica ao modelo cientificista desta medicalização :

Hoje, as pessoas buscam na medicina as soluções para todos os seus problemas. É o que Ivan Illich chamou de medicalização da vida. Ele levanta a hipótese de que os médicos, ao tentar controlar uma série de aspectos da vida, serviam como instrumento de engenharia social. Aliás, no século XIX essa idéia ainda em esboço estava bem representada no asilo de alienados, satirizada por Machado de Assis em ‘O Alienista’.¹⁶

Antes de chegar ao fim da análise das entrevistas, vale a pena comentarmos a relação entre Scliar e seu editor Luis Shwartz, proprietário da editora Companhia das Letras. É interessante observar como para Scliar é normal um editor sugerir temas e obras. Scliar vê isto de um modo positivo e não como uma intromissão do poder do dinheiro sobre a criação artística pura. O reconhecimento deste diálogo tira a obra de arte de sua imunidade e a coloca nas relações entre os discursos produzidos socialmente. As relações entre editor e escritor acabam fazendo parte da própria produção da obra como podemos ver neste trecho:

O editor Luis Schwartz é um editor que interage muito com o escritor - não

é aquele editor que simplesmente recebe os originais e manda para a gráfica. Ele está sempre tendo idéias de novas coleções, novos livros; e um dia me telefonou dizendo que estava pensando em uma série de romances tendo como personagem figuras exponenciais da nossa história. Então perguntou se eu queria escrever um desses romances e eu respondi que sim. Quem seria o personagem? Getúlio Vargas, eu disse. É uma grande figura, gaúcho, que sempre me interessou. Mas Getúlio já estava ocupado pelo Rubem Fonseca, que estava escrevendo Agosto. Então o Luís me sugeriu o Oswaldo Cruz. Quando ele me falou em Oswaldo me veio na cabeça que era uma figura que eu conhecia muito bem; na verdade não era que eu conhecia muito bem, mas é um nome muito presente na atividade de Saúde Pública. E num primeiro momento eu achei que era um personagem que não daria muito material. Então ele fez uma proposta: Porque você não faz uma pesquisa sobre o Oswaldo Cruz e vê se te interessa ou não?

(pergunta 5.A)

No próximo capítulo, será examinada a parte da obra de Moacyr Scliar que proporciona a problematização das interfaces entre ciência, medicina e literatura. A relação do próximo capítulo com o atual não pretende ser de um cotejamento em que se interpreta a obra de um escritor através de sua vida. Quando forem feitas aproximações entre as obras ficcionais e seus depoimentos será numa relação de intertextualidade de “duas mãos” e não num processo no qual um dos dois campos prevaleça hierarquicamente sobre o outro.

NOTAS

1. BERGER, 1972: 65 e 66.
2. BERGER, 1972: 68.
3. LIMA, 1990: 129.
4. FISH, 1993: 4.
5. ECO, 1994: 81.
6. LEJEUNE, 1996:46. Tradução do autor. Do original: *Si donc l'autobiographie se définit par quelque chose d'extérieur au texte, ce n'est pas en deçà, par une invérifiable ressemblance avec une personne réelle, mais au-delà, par le type de lecture qu'elle engendre, la créance qu'elle secrète, et qui se donne à lire dans le texte critique.*
7. OKELY, 1992: 24. Tradução do autor. Do original: *Generally, the notion of autobiography or reflexivity is seen as threatening to the canons of the discipline, not because it has been interpreted as having political consequences, but because of its explicit attack on positivism. The reflexive I of the etnografer subverts the idea of the observer as impersonal machine.*
8. SANTIAGO, 1997: 2,3.
9. MELLO Jr, 1999: 24.
10. BAUDRILARD, 1996: 179.
11. CAPORAL, 1980: 10.
12. FOUCAULT, 1999: 14.
13. REZENDE Jr., 2000: 12.
14. BRITTO, 1995
15. in SARAMAGO, 1989: 15.

16. SABINO, 1997: 4.

4. EXAMES CLÍNICOS E COMPLEMENTARES

4.1. *Histórias de um médico em formação: o laboratório de um escritor*

Filhos renegados necessitam de mais cuidado e carinho do que os outros rebentos por parte daqueles que os acolhem. *Histórias de um médico em formação*, o primeiro livro de Moacyr Scliar, publicado pela primeira vez em 1962 – o mesmo ano de sua formatura como médico –, é um filho repetidamente renegado. A verdadeira repugnância de Scliar pelo seu primogênito já foi suficientemente analisada no capítulo anterior – através de suas entrevistas –, mas, mesmo compartilhando de algumas das opiniões do seu autor, ainda cabe aqui uma análise dos contos deste livro, na medida em que ele é revelador quanto a aspectos das possíveis relações entre experiência e literatura – no caso a experiência médica – e quanto a modos de se encarar e fazer ciência, medicina e literatura. Sem querer fechar definições, quando falo em experiência, grosso modo, estou falando de conhecimento vivido e praticado. E como observei no início do Capítulo 3 em relação à autobiografia e a memória – a experiência pessoal também é filtrada por cada um: existem experiências que incorporamos ao nosso repertório e outras que deixamos de lado. Deixando as questões teóricas de lado no momento, para serem retomadas mais adiante, iniciarei a análise do pouco querido

primeiro livro de Scliar. Um exame minucioso deste livro deve começar pela contracapa, da qual se retiram estes singelos agradecimentos:

A meus pais, que me fizeram médico em formação; a Carlos Scliar, Paulo Machado e Carlos Stein; aos colegas da União Nacional de Estudantes de Medicina e da Federação dos Estudantes de Medicina e da Federação dos Estudantes da Universidade do Rio Grande do Sul, companheiros de luta por um mundo melhor.¹

Começando a análise do texto por estes agradecimentos, já se pode antecipar alguma coisa daquilo que o leitor muito provavelmente terá pela frente. Em primeiro lugar, existe uma evidente identificação autobiográfica do autor com o título do livro: o autor é um médico em formação e o livro chama-se *Histórias de médico em formação*. Como antes da palavra “médico” não existe nem artigo definido nem indefinido, podemos concluir que ele pode ser tanto “um” médico qualquer ou “o” médico – no sentido do estereótipo do médico – ou nada disto, trata-se do próprio médico Moacyr Scliar. Ainda nos agradecimentos podemos ver um desejo de engajamento do autor junto com seu grupo numa luta por um mundo melhor, reivindicando para si e seus companheiros de lutas e estudos uma missão social importantíssima – o que acaba por resgatar até o espírito da Escola do Recife, que, como foi visto no capítulo 2, também reivindicava para seus participantes uma missão social muito semelhante: a de mudar o país e a sociedade com sua ciência.

No prosseguimento do exame, depara-se – ainda antes dos contos – com um singular prefácio, bastante antecipador das possíveis relações entre experiência médica e literatura na obra de Moacyr Scliar. Quem escreve o prefácio é o diretor da clínica onde Scliar estagiava no Hospital Universitário - o que, por si só, já é bastante sintomático. Este médico se coloca como afastado do “mundo das letras”, o que o

impediria de realizar a sua tarefa de prefaciador a contento. Ao mesmo tempo, não se isola no campo científico de uma ciência médica exata, identificando-se como médico e caracterizando sua profissão como basicamente devedora às relações humanas, considerando a experiência médica como algo de transcendente na capacidade do conhecimento do homem – com o qual o médico se depara despido das várias cascas:

Esse é o preço que pagamos para ser médicos. Vemos o ser humano mais de perto, mais profundamente e com mais crueza do que qualquer outra profissão na face da terra. Renunciamos à tranqüilidade e, se somos honestos à acomodação.²

Deixando de lado os exageros desta defesa da profissão médica, ela é interessante por ser uma visão que afasta da experiência médica as certezas e verdades de uma ciência médica positivista e mergulha o fazer médico nas dúvidas e incertezas das relações humanas em situações que podem ser extremas – doença, dor e morte. Scliar, por suas declarações e sua obra, é pactário de seu mestre nesta concepção de medicina. E esta visão explicitada no prefácio vai marcar fortemente a leitura de *Histórias de médico em formação*. É uma leitura duplamente amarrada. Em primeiro lugar, pela revelação do autor ser também um médico – explicitada tanto pelo prefácio quanto pelos agradecimentos – o que já vislumbra para o leitor uma aproximação com o pacto autobiográfico de que se falou no capítulo 2. Em segundo lugar, a leitura também é marcada previamente por afirmações do prefácio que identificam a experiência médica como algo especial. Ou seja, este livro é singular por ter sido escrito por um médico.

Chegando finalmente aos contos propriamente ditos, pode-se dizer que se trata de onze contos no qual o jovem Scliar testa alguns modos de relação entre sua

experiência e sua obra ficcional – um verdadeiro laboratório. Em alguns destes contos esta relação experiência/literatura é mais direta e em outros é mais sutil e ambígua, problematizando esta própria relação. Os contos estão distribuídos numa seqüência que recria a trajetória inicial da formação de um médico. O primeiro conto trata de um vestibular para medicina, o segundo aborda o aprendizado de anatomia, até chegar a histórias que falam das primeiras experiências de um médico residente. Trata-se de um ensaio de *Bildungsroman* (romance de formação) – extremamente lacunar, pois lhe falta uma arquitetura totalizante – no qual o protagonista (que efetivamente são vários) passa por um ritual de passagem até transformar-se em outro ao final dos contos, como um esboço do personagem Wilhelm Meister, de Goethe.

Enfocarei agora alguns dos contos nos quais o escritor Scliar parece curvar-se frente à sua experiência médica, deixando para o final a análise de alguns contos em que começa a relativizar a sua experiência e problematizá-la na ficção, sem no entanto descartá-la.

O conto “No limiar” trata de uma experiência pela qual o autor tinha passado a não muito tempo: o exame vestibular para a Faculdade de Medicina. O narrador conta em primeira pessoa sua experiência no vestibular para a Faculdade de Medicina – detendo-se principalmente nas suas inseguranças frente àquele momento decisivo. A experiência própria e alheia na feitura do vestibular está presente neste singelo conto, mas de forma alguma esta relação experiência/escritura encontra algum questionamento aqui. Contos como “Perdoai-nos senhor”, “História clínica cínica”, “História do guri que não queria tomar injeção”, “Balada do sanatório” e “Aventuras do mundo da doença” também apresentam a experiência médica e o contato com a miséria e a doença de forma direta sem muitas sutilezas – aderindo a uma estética realista.

“Perdoai-nos, senhor”, por exemplo, conta através de uma narrativa em 2^a

pessoa direcionada ao próprio médico/residente protagonista, entrecortada por um relatório encaminhado ao diretor de posto de saúde, a história de um caso médico que desencadeou uma questão jurídica entre o irmão da paciente e o protagonista. O que conduz a narrativa é a visão do jovem médico protagonista dos fatos, relatando uma intervenção médica rotineira em uma paciente pobre moradora da periferia – que se transforma em uma reclamação absurda por parte de um irmão aproveitador. O conto demonstra uma certa confiança na prática médica, mas reconhece timidamente seus limites. A reclamação que o médico sofre mostra que a vida não se resume em práticas racionais e seguras como se reflete na lembrança do jovem médico ao confrontar-se com a injusta reclamação de que é vítima:

*Lembraste então, tua infância de grupo escolar no interior. Problemas de matemática de dona Vitorina, terríveis problemas que não compreendias e odiavas: “Se não fizeres este probleminha, te prendo qui até as duas da tarde”. E tu te atiravas ao caderno, tentando um caminho, primeiro lógico, depois intuitivo e finalmente, desesperado, te desmanchavas em lágrimas.*³

O conto continua com o caso sendo levado à Justiça. No julgamento, acontece a absolvição do médico. Com a trama resolvida, o médico depara-se com uma revelação, que o ilumina ao sair do tribunal e observar o olhar de ódio do seu acusador:

*Não era a ti que ele acusava e maldizia. Não. Eras tão somente a ponta de lança, o órgão de choque de uma complexa maquinaria de esmagar, de explorar, de destruir. Para aquele homem tu eras da classe dos patrões de charuto, dos deputados desonestos, das prostitutas caras(...)*⁴

O conto não opta nunca por uma ruptura com uma narrativa

realista nem pelo aprofundamento das intrincadas relações de poder que podem existir entre médico e paciente através da polifonia – tomando, pelo contrário, uma voz autoritária e pedagógica. As sutilezas que o conto poderia ter na relação entre os personagens são explicitadas, fazendo-a perder a força. E o absurdo da reclamação do irmão da paciente não é explorado, mas apenas explicado – através da revelação final. O conto é construído em cima de uma voz de autoridade da experiência médica – e ela prevalece até no reconhecimento da alteridade. Reconhece a alteridade mas não dá, de qualquer forma, voz aos excluídos. Nesse sentido cabe citar algumas considerações do estudioso de Saúde Pública Luc Bottanski, a partir de pesquisas realizadas junto a frações da classe operária francesa em finais da década de 60⁷. Algumas dessas observações podem ser úteis para uma caracterização do conceito de autoridade médica no âmbito de cada médico em particular:

A assimetria da relação doente-médico, na qual um dos parceiros, o médico, possui a vantagem estratégica (pois suas funções lhe dão a possibilidade material e o direito legal de manipular física e moralmente o doente em nome de um saber que o doente ignora), cresce quando cresce a distância social entre o médico e o doente e diminui proporcionalmente à força da estratégia que o doente pode opor ao médico, ou seja, essencialmente à força do discurso que o doente é capaz de opor ao “discurso forte” do médico, único detentor da autoridade da ciência e da legitimidade médica.⁵

Voltando ao conto “Perdoai-nos, senhor”, pode-se afirmar que ele é solidário aos miseráveis, mas não é miserável. A adoção da experiência como um valor em si, sem questionamento ou grandes fraturas faz deste tipo de literatura apenas reprodutora de conhecimentos estabelecidos – com o escritor, ao lado do médico,

ocupando o lugar seguro da autoridade. É uma literatura que articula a existência de algo real e verdadeiro e de algo desejável – o fim da miséria e da dominação. Enquanto a realidade e o desejável não se encaixam, existe um mundo a ser consertado, medicalizado e reescrito.

“Um caso” conta a história de um estudante que pensa ter encontrado em uma paciente um caso de uma doença ainda não conhecida. Ele leva a paciente para uma aula a fim de mostrar sua descoberta – mas o professor não vê nada de especial na paciente e considera aquele caso como “nada”, repreendendo enfaticamente o estudante, qualificando-o de ignorante. O conto termina com a paciente regressando “a seu lar, a seu pai, a sua doença, a sua miséria”⁶. Mostra a inexperiência e a incapacidade de um jovem estudante de medicina de realmente interferir na sociedade, mesmo que seja para melhorar uma vida. Mais uma vez espreita-se uma sociedade perfeita onde a autoridade médica estaria satisfeita com o fim da miséria e das suas doenças. Novamente o lugar do médico permanece seguro, sem um questionamento radical da sua relação com seus humanos objetos: os miseráveis.

As dez pequenas histórias de “Aventuras do mundo da doença” é que servem melhor como paradigma do flerte adolescente de Scliar com as certezas do realismo/naturalismo e da experiência médica. O conto começa com uma introdução que diz que as histórias que serão contadas fazem parte da experiência de um jovem quintanista da Faculdade de Medicina, Ernesto, conhecido como o ‘Idealista’:

*As pequenas histórias que se seguem, foram tiradas de seu caderno, onde, com legítimo espírito científico, anotava suas experiências, e que ele mesmo, com amargo humorismo adquirido depois de meses trabalho, denominou “Aventuras no mundo da doença”.*⁷

Uma das histórias conta o exame clínico de uma criancinha nova acompanhada por sua irmã de catorze anos. Doutor Ernesto esclarece que a criança tem vermes e que é por isso que come fumo e terra: “Ela não precisa penicilina; o que vou dar para vocês duas é remédio para bichas.”⁸ A história termina com a mais velha dizendo que, como a criança não tomou injeção de penicilina, a mãe vai quebrar a mão dela para ela não comer mais terra. Esta historinha traz a voz do conhecimento e da autoridade médica – mostrando a sua luta contra aquilo que concebe como ignorância. Traz como moral que num mundo mais justo – sem a ignorância que a miséria promove – haveria confiança numa ciência e numa prática médica que estaria ao lado dos miseráveis. E todos de mãos dadas lutariam para um mundo melhor. No entanto, as pesquisas de Luc Bottanski mais uma vez iluminam a inconsistência de se pensar simplisticamente a autoridade médica. até mesmo nas situações corriqueiras de atendimento, e mostram que o que está em jogo na relação médico-paciente são estratégias de poder:

Nas clínicas de lactentes freqüentadas essencialmente por membros das classes populares, aquilo que deveria ser transmitido em prioridade, ou seja, as razões e os conhecimentos que fundamentam e dão sentido às regras de criação ordenadas pelo médico, fica sempre implícito, enquanto o médico age como se a mãe fosse iniciada na lógica da higiene pasteuriana, ao pedir-lhe que ferva a mamadeira antes de cada refeição. E mais ainda, se por acaso o médico encontra e percebe resistências por parte da mãe, nunca é através de uma explicação do que constitui o princípio de eficiência do remédio prescrito ou da regra enunciada que ele procura eliminar essas objeções, mas através do enunciado das sanções que decorrerão automaticamente da desobediência, pela enumeração das conseqüências, que não faltarão sobre a saúde da criança em

*conseqüência da transgressão da norma: “A senhora lhe dará sem falta essas vitaminas, senão ele terá pernas fracas”.*⁹

Outra história de “Aventuras do mundo da doença” conta o caso de um bebê que adquire gonorréia “na passagem entre o útero materno e este nosso vale de lágrimas”¹⁰. O médico Ernesto, chamado pelo pai da criança, vai visitar a criança na sua casa na roça. Identificada a doença, o médico pede o nome da criança para escrever a receita; como ela não tem nome ainda, os pais pedem ao médico a sugestão de um nome. Ele dá a sugestão de Teresinha e coloca este nome na receita. Na volta, o pai, sem jeito, diz que gostaria de outro nome, pois eles já têm uma filha chamada Teresa; o médico pega a receita, risca Teresinha e escreve Maria. O conto termina com a voz da autoridade médica – que pode ser a do narrador, do médico personagem, do próprio autor – fazendo um libelo quanto à situação de miséria e doença das milhões de Marias:

*Não faz mal - pensou - que ele tenha outra Maria. Não faz mal que haja milhões de Marias, a miséria é uma Maria só. Morram mil Marias! outras mil surgirão, para eterna satisfação dos gonococos!*¹¹

Em mais outra história, Ernesto atende uma mulher vítima de violência conjugal. Ela nega as evidências da agressão para o médico, para o enfermeiro e para o chofer da ambulância - mesmo pressionada para contar o que realmente ocorreu. E, ao final, novamente surge a voz de um narrador imbuído da autoridade médica, para constatar o equívoco do procedimento da vítima: “E saiu de cabeça erguida, levando consigo o miserável orgulho de conservar em segredo sua tragédia.”¹². O conto “As aventuras no mundo da doença” termina com o médico cansado, na sua luta sem tréguas contra a doença e a miséria, mas certamente confiante na possibilidade da mudança. A aventura de Ernesto no mundo da doença reafirma certezas na medicina e

na ciência e também numa literatura realista calcada na autoridade desta experiência médica - deixando o narrador/autor/personagem num lugar seguro, onde o contato com a doença não os contamina radicalmente. Apesar da concepção de medicina aqui engendrada a afastar das certezas de uma ciência médica exata, concebe-se a experiência médica como um lugar especial de conhecimento superior, que não pode ser questionado ou problematizado radicalmente.

Antes destes contos de Moacyr Scliar analisados até aqui, várias outras obras também utilizaram a experiência médica na literatura desta forma, constituindo-se uma verdadeira tradição. Cabe, então, uma aproximação entre estes contos do autor gaúcho e um livro de contos pertencente a esta tradição – do escritor neorealista português, e também médico, Fernando Namora –, entitulado *Retalhos da vida de um médico*. Neste livro, publicado pela primeira vez em 1949, Namora utiliza sua experiência como médico em aldeias do interior português para construir em vários contos um retrato de um povo pobre, carente de bens materiais, boas condições de higiene e atendimento médico satisfatório – sem chegar à miséria dos contos de Scliar. Mas o que chama atenção num cotejamento entre os referidos contos dos dois autores, não é só a situação de carência do ambiente – mas antes o olhar da autoridade médica presente nos dois casos. O narrador de Namora, confundido-se inequivocamente com o próprio autor, estabelecendo – como também faz Scliar – um “quase pacto autobiográfico”, olha com carinho e solidariedade os pacientes/personagens, sem, no entanto, deixar de marcar a existência de dois campos nítidos: de um lado, os pacientes, que nada têm e pouco sabem, e, do outro lado, o médico/autor/narrador, que possui pelo menos os apetrechos médicos e o conhecimento da ciência e da prática médica, que podem salvar vidas. Pode-se ver neste dois trechos do conto “História de um parto” a marcação destes dois campos, o da autoridade do jovem médico e o da ignorância

natural e digna da aldeia:

Com vinte e quatro anos medrosos e um diploma de médico, tinha começado a minha vida em Monsanto. Ali, a província bravia despede-se da campina, ergue-se nos degraus das fragas para olhar com altivez as serras de Espanha, enquanto o friso de planalto que corre as linhas da fronteira espreita as surtidas do contrabando e a fuga dos rios.

Aquele povo soturno, endurecido a subir e descer abismos, frutificando uma terra alheia, pressentiu o perigo da minha independência. Os camponeses vinham fechados em meias palavras, avaliando dos meus dotes de mágico, e nas suas faces obstinadas havia apenas desconfiança e desafio.¹³

De memória, eu ia revendo precipitadamente as ilustrações dos tratados, as técnicas, enquanto vaselinava as colheres.(...) Duas vidas dependiam daqueles minutos próximos. Deles ainda dependiam o meu próprio futuro e de alguns daqueles que me reodeavam.¹⁴

Como nos contos de Scliar, o narrador de Namora ocupa um lugar privilegiado e nunca problematizado – na segurança de sua fiel maleta, ele também nunca se contamina. Sem ficar pensando em influências de Namora sobre o jovem Scliar, e sem também esquecermos totalmente da possibilidade de o estudante medicina Scliar ter sido leitor/modelo e até leitor efetivo destes contos de Namora, a importância da experiência do médico também é evidente em Namora, que assim como Scliar escreveu o conto “Aventuras no mundo da doença”, no qual somava várias estorinhas com pacientes da forma mais direta possível. Namora – 13 anos antes de Scliar – incluiu neste livro uma coletânea chamada “Meia dúzia de histórias pitorescas”, que possui o mesmo espírito de coletânea de pequenos instantâneos da prática médica. Nos dois autores está presente um olhar solidário sobre um “mundo de pacientes miseráveis”, que só pode ser descoberto pela experiência médica, e exposto pela literatura que

fazem.

Para entender melhor a utilização da experiência médica em contos deste tipo, recorrerei a Walter Benjamin, que em dois ensaios seminais, “Experiência e pobreza” e “O narrador”, propõe uma instigante análise das mudanças do uso da experiência na literatura. Benjamin observa que a partir de sua geração (pessoas que amadureceram no transcorrer da 1ª Grande Guerra) estabeleceu-se o que ele vai chamar de “morte da experiência”, que também pode ser chamado, de forma mais prolixa, de fim de um natural compartilhamento da experiência através da narrativa tradicional. Na situação anterior a esta, a experiência tinha papel fundamental na sociedade:

Sabia-se exatamente o significado da experiência: ela sempre fora comunicada aos jovens. De forma concisa, com a autoridade da velhice, em provérbios; de forma prolixa, com a sua loquacidade, em histórias; muitas vezes como narrativas de países longínquos, diante da lareira, contados a pais e netos.¹⁵

Mas no texto de Benjamin não floresce uma nostalgia por este antigo papel da experiência. A “morte da experiência” proporciona uma situação de “barbárie” que leva intelectuais e escritores a operarem numa situação de tábula rasa. A partir do entre-guerras surge um “novo bárbaro” – impulsionado pela pobreza da experiência. Segundo Benjamin, este homem, positivamente bárbaro, não deseja novas experiências, mas aspira “ostentar tão pura e tão claramente sua pobreza externa e interna, que algo de decente possa resultar disso”¹⁶. A morte da experiência acaba por gerar, entre outros frutos, uma literatura que se liberta de uma relação determinista imposta pela experiência.

Os contos de Moacyr Scliar, analisados até aqui ainda estão

presos a um pensamento que estipula a experiência como um valor intrinsecamente superior, por isso o seu anacronismo. Traz a experiência médica como o seu maior trunfo, num mundo no qual a experiência perdeu sua importância ou morreu (como prefere Benjamin). A transmissão de sua experiência médica, para o leitor e para os pacientes (no interior dos contos), implica que estes a possam receber com proveito - o que não se realiza na totalidade.

A experiência médica não é plenamente aproveitada nestes contos de Scliar na medida em que ela é tomada como valor em si e não como matéria-prima na execução de uma releitura problematizadora. Ela poderia funcionar como matéria prima já que o olhar médico é estrategicamente bem posicionado para o contato efetivo com a miséria, o que já foi observado, quando no capítulo 3 constatei o caráter fronteiro (faz parte de dois mundos) do médico.

Benjamin, em “O narrador”, identifica dois tipos de narradores tradicionais: aquele que viaja muito, que conta o que viu nas suas andanças, e aquele que permanece no seu país, conhecendo profundamente suas histórias e tradições. Na analogia esclarecedora de Benjamin: “podemos dizer que um é exemplificado pelo camponês sedentário, e outro pelo marinheiro comerciante”¹⁷. O médico que vai à periferia das grandes cidades e ao interior é uma mistura dos dois narradores benjaminianos: por um lado, ele conta o que viu nas suas viagens para seus companheiros e outros ouvintes; e, por outro lado, transmite para os paciente o conhecimento médico consagrado. Na narrativa dos contos estudados aparece esta dupla dimensão do narrador médico, que assim como o narrador tradicional mapeado por Benjamin, conta histórias – transmitindo conhecimento, sem problematizá-lo. Mas esta experiência médica também vai servir de matéria-prima para outro tipo de narrativa na obra de Scliar, nas quais a experiência e o conhecimento, são, pelo contrário, problematizados radicalmente, como será visto agora na análise de dois outros contos deste primeiro livro, “Pequena história de um cadáver” e “Mulher só”.

“Pequena história de um cadáver” é o único conto deste livro chancelado pelo próprio autor depois de bastante tempo de sua publicação, já que obedece aos seus critérios posteriores de autoexigência de escritor consagrado, como foi visto com mais detalhe no capítulo 3. Ele conta a história de um grupo de quatro calouros de medicina (“os quatro cavaleiros”), que, no decorrer de um ano do curso de anatomia, utiliza-se de um cadáver de uma jovem indigente para as aulas práticas sobre o corpo humano. Logo no início é estipulado o contraste entre a miséria – de vida e morte – do cadáver e o papel progressista do conhecimento transmitido na Faculdade de Medicina:

Maria, que durante toda sua vida fora um trambolho inútil para a família, e o último refúgio de soldados sem vintém, de repente, passou a ter interesse, e mesmo utilidade: seu corpo, colocado num caixão de pinho bruto, foi levado à Faculdade de Medicina, para ser usado em estudos de Anatomia. Havia falta de cadáveres, naquele ano, e Maria era esperada com ansiedade.¹⁸

Durante o curso, os alunos vão cortando, dissecando e jogando pedaços do cadáver de Maria fora. Segundo a própria interpretação do autor, discutida no capítulo 3, o seu corpo fica cada vez menor, ao contrário do conhecimento de anatomia dos alunos, que aumenta cada vez mais. Enquanto isto o cadáver apaixona-se pelos quatro rapazes. No conto, o cadáver é ambivalente – oscilando entre estágios de cadáver inanimado e outros momentos em que possui, pensamentos voz e vontade. O ano letivo termina e Maria fica reduzida a muito pouco: “sem braços, sem pernas, sem cabeça, o tórax e o abdome vazios, não era mais sombra do que fora”¹⁹. Os quatro jovens acabam se dispersando: o primeiro vai para a praia; o segundo, para um congresso de estudantes nacionalistas; o terceiro vai visitar o pai canceroso, no interior; o quarto arranja um emprego como auxiliar de um cirurgião. O conto termina com o cadáver sendo queimado

no forno crematório da Faculdade, onde “os ossos estalavam, a gordura crepitava, os ligamentos esfarinhavam-se em cinzas”²⁰, sob o olhar de um estudante e de duas amigas, que comentavam a cena macabra:

– Eu nunca poderia estudar medicina – disse a amiga – é preciso ter um coração de pedra.

– Mas é necessário – disse – a namorada – se não fossem eles, quem trataria as doenças quem salvaria as vidas?”²¹

Este conto é bem diferente dos analisados até agora. Até mesmo por narrar histórias iniciais da formação do médico, a voz da autoridade médica não está estabelecida neste conto – e mais do que isto, o próprio conhecimento médico é problematizado neste conto. O conhecimento de anatomia dos estudantes tem um contraponto: o cadáver de Maria. Para o conhecimento estabelecer-se em bases sólidas necessita-se de cadáveres para serem usados sem a menor cerimônia – ou seja, necessita-se de miseráveis. Esta narrativa, ao contrário das histórias de “Aventuras no mundo da doença”, não engendra um realismo ingênuo apoiado na autoridade médica e num engajamento social simplista. “Pequena história de um cadáver” estabelece outro tipo de engajamento em que não se mascaram as relações de poder entre a medicina (e seus representantes) e a população de miseráveis. A medicina e a sociedade necessitam de alguma forma da reprodução desta situação de miséria. Para a própria formação do médico se completar, é necessário de cadáveres de miseráveis que são antropofagicamente transformados em conhecimento de anatomia. Os miseráveis servem de combustível para a medicina – e se não fossem deles os corpos conservados em formol, de quem seriam? De nossos pais ou avós? De nós mesmos? Paradoxalmente, pode-se pensar também que os médicos são utilizados pela sociedade para fazer o

trabalho que nem todos se dispõem a realizar: enfrentar a doença e a morte em seu próprio território, como lembra a amiga do estudante. Por um lado, médico e miserável estão em campos opostos, mas por outro lado, aproximam-se nas suas utilidades descartáveis.

Ao deixar de lado, ou melhor, relativizar, a voz da autoridade médica, são produzidas várias vozes – como a dos diversos estudantes, a dos amigos dos estudantes, a do cadáver de Maria – sem que nenhuma tenha um status nitidamente superior de autoridade inquestionável, instalando-se uma dinâmica polifonia, que aproxima este conto mais uma vez dos contos de Dostoiévski, à luz dos estudos de Baktine²². Outra mudança vinculada ao abandono de uma voz hegemônica de autoridade é o afastamento de uma estética realista e uma aproximação do insólito e até mesmo do fantástico.

O escritor argentino Julio Cortázar, crítico de um realismo ingênuo, estabelece no ensaio “Alguns aspectos do conto” – originalmente uma palestra proferida para intelectuais cubanos – uma espécie de cartilha daquele tipo de conto que se afasta do compromisso realista e mergulha no mundo do insólito, do mágico e do fantástico, o que será útil numa análise do presente conto. Para Cortázar, é a sua experiência pessoal como escritor que aponta para uma concepção teórica de literatura que se afasta das certezas. É bom lembrar que as concepções de Cortázar apesar de serem desenvolvidas tendo em mente o conto, podem ser aplicadas – na maior parte das vezes – à ficção como um todo, como nesta teorização dos chamados contos fantásticos:

Quase todos contos que escrevi pertencem ao gênero chamado fantástico por falta de nome melhor, e se opõem a esse falso realismo que consiste em crer que todas as coisas podem ser descritas e explicadas como dava por assentado o otimismo filosófico e científico do século XVIII, isto é, dentro de um mundo regido mais ou menos harmoniosamente por um sistema de leis, de princípios, de relações de causa e efeito, de psicologias definidas, de

*geografias bem cartografadas. No meu caso, a suspeita de outra ordem mais secreta e menos comunicável, e a fecunda descoberta de Alfred Jarry, para quem o verdadeiro estudo da realidade não residia no estudo das leis, mas nas exceções a essas leis, foram alguns orientadores da minha busca pessoal de uma literatura à margem de todo realismo demasiado ingênuo.*²³

A literatura que se aproxima desta concepção de Cortázar vai apoiar-se em exceções ou até mesmo em banalidades para trabalhar com um material que ele vai chamar de significativo. Este material seria o tema do conto e deveria possuir “essa misteriosa propriedade de irradiar alguma coisa para além dele mesmo”²⁴. Esta transcendência do conto e da literatura deveria ser o grande objetivo de todo escritor e da sua obra, deixando de lado a reprodução fiel da realidade como meta a ser cumprida – abrindo caminho para o mágico, o insólito, o fantástico..., e até mesmo para um realismo revigorado que não se esgotasse na sua tentativa de reproduzir o real. O conto “Pequena história de um cadáver” então se encaixaria no receituário do escritor argentino, na medida que o tema do curso de anatomia propicia discussões que ultrapassam seus limites – como a problematização do conhecimento ou a paradoxal importância da miséria no funcionamento da sociedade – não se prendendo aos limites de um realismo ingênuo. Mas o tema, adverte Cortázar não basta: “a idéia de significação não pode ter sentido se não a relacionarmos com as de intensidade e tensão, que já não se referem apenas ao tema, mas ao tratamento literário desse tema, à técnica empregada para desenvolvê-lo”²⁵. E é nesta técnica que Moacyr Scliar está em formação nas suas diversas experiências em *Histórias de médico em formação*.

Liberando-se de compromissos de retratar fielmente uma realidade amarga e miserável, num engajamento ingênuo e por vezes estéril, Scliar, em outro conto deste primeiro livro, problematiza radicalmente as relações entre a sociedade

“medicalizadora”, de um lado, e os doentes e miseráveis, de outro. Em “Mulher só”, uma senhora da alta sociedade, voluntária de um organismo beneficente fica presa por acidente, à noite, numa enfermaria repleta de doentes miseráveis. Seu discurso inicial mascara temores e vislumbra uma união fraterna entre os muito ricos e os muito pobres, ancorado em uma atitude caritativa por parte da elite:

*O dever que nós temos, como integrantes da elite deste país, como aríetes da política de desenvolvimento, como líderes morais e intelectuais de nosso povo, o dever que nós temos, repito, pode resumir-se numa única frase: ajudar nossos irmãos menos favorecidos!*²⁶

Mas ao ficar trancada à noite na enfermaria com estes “menos favorecidos”, a segurança de hierarquias e posições estabelecidas desaparece, e instala-se a dúvida, a desconfiança e o temor. No início, distrai-se lendo os prontuários e fazendo mentalmente considerações sobre os pacientes. Mas o ambiente da doença não a deixa tranqüila:

*Uma estranha atmosfera foi envolvendo-a aos poucos; uma atmosfera formada de odores nauseantes de remédios, o estertorar de um cardíaco, os gemidos lentos e compassados de um velho hipertenso, a tossezinha seca e monótona de um menino, o latido de um cão distante, o pingar de uma torneira, teciam uma rede estranha que a aprisionava, prendia, que...*²⁷

E a figura de um paciente de olhos arregalados fixos e brilhantes desencadeia o medo latente. O medo dos doentes e do contágio de suas doenças transforma-se em pânico. A epidemiologista americana Asa Laurel observa em ensaio de meados da década de 70 que a relação saúde-doença é um processo social²⁸. O medo,

portanto, que a protagonista tem dos doentes e da vida é o medo da ameaça que a miséria pode representar. E a consciência de que a segurança de sua posição pode acabar com um apagar de luzes, faz a mulher temer a voracidade da incontrolável vida que está à sua frente e na sua mente:

*De repente, a enfermaria adquiriu vida. Uma vida gulosa, voraz. De todos cantos, olhos espreitavam-na, luzindo, dentes de ouro riam na escuridão, mãos faziam gestos maliciosos.*²⁹

A situação inicial de segurança só é reestabelecida quando consegue abrir a porta e fugir daquela enfermaria. O conto mostra a impossibilidade de um engajamento simplificador. Mundos opostos não comungam de ideais comuns e assustam-se mutuamente. Qual seria o papel da literatura? Resolver nos limites do texto estas tensões ou tomá-las como tema a ser explorado mas não solucionados? Contos como este de Scliar, fazem a segunda opção, afastando-se de uma visão simplificadora da sociedade, e mesmo reconhecendo seus problemas, não pretende reformá-la cuidadosamente no texto ficcional.

Este conto engendra um tipo de engajamento que mostra o horror da “mulher só” no contato com os miseráveis e a doença, não optando por soluções fáceis nem na adoção de um modelo para um efetivo engajamento social nem na sua solução ficcional. A voz da autoridade médica está longe, em outros contos, e as relações de conhecimento com situações extremas de doença e dor ficam cada vez mais complicadas. A própria confiança na ciência médica acaba sendo colocada em xeque em narrativas como esta – abrindo espaço para a constatação da subjetividade do conhecimento. Os limites da ciência positivista que engendra uma ciência e uma medicina tranquilizadora parecem ser esgarçados pelo jovem médico/escritor Moacyr

Scliar nestes dois últimos contos analisados. E é justamente uma discussão sobre a subjetividade do conhecimento que pretendo fazer na análise da próxima obra de Moacyr Scliar a ser enfocada: (*O ciclo das águas*).

4.2. Ciência, conhecimento e literatura em (*O ciclo das águas*)

Podem as relações entre sujeito e objeto obedecer a padrões rígidos que levariam a uma anulação do sujeito? Nesta análise do romance (*O ciclo das águas*), publicado em 1977, – que tem como tema a prostituição de mulheres de origem judaica em Porto Alegre nas primeiras décadas do século XX – tentarei de alguma forma reponder esta pergunta. Meu objetivo neste ensaio será investigar as relações entre sujeito e objeto – questão fundamental na discussão da ciência e do conhecimento – que emergem na tessitura desta novela (ou pequeno romance) e aproximá-las de uma concepção crítica das ciências – especialmente aquela engendrada

pela fenomenologia de Edmund Husserl e seguida por Vilém Flusser e outros pensadores – nas quais as relações entre sujeito e objeto adquirem uma complexidade que as abordagens científicas chamadas positivistas sempre evitaram e evitam enxergar.

Será interessante para uma análise de *(O Ciclo das Águas)* a apresentação de um breve panorama histórico do episódio da prostituição de mulheres de origem judaica no Brasil no século XIX e início do XX, tema desconhecido para muitos. A ligação entre imigração judaica e a prostituição é um tema tabu para os judeus da América e seus descendentes. A comunidade judaica hegemônica, já estigmatizada e vítima de preconceito racial, tentou muitas vezes reprimir o desvendamento destes episódios, como que para evitar um estigma a mais, social e sexual, a marca da prostituição. O que se queria apagar da memória é que, entre meados do século XIX e finais da década de 30 deste século, vieram grandes levas de imigrantes de origem judaica para a América com o objetivo de se dedicarem à prostituição. Este grupo era formado por prostitutas e seus cafetões, muitas vezes os próprios maridos, o que ainda implicaria na formação de uma máfia internacional da prostituição judaica, que teve importante ramificação na Argentina, a chamada Tzvi Migdal. Na América, as polacas - como logo foram chamadas, apesar de não virem somente da Polônia, mas também de outros países, como a Rússia, a Lituânia, a Romênia e até a França - sofreram perseguição da polícia e da própria comunidade judaica, que nunca as aceitou³⁰.

A comunidade judaica mais tradicional, que não as aceitava, continua até hoje – na virada do século XX para o XXI – refratária a qualquer menção destes episódios. Mas uma outra parte da comunidade, com a qual Moacyr Scliar se identifica, tenta recuperar esta memória, muitas vezes através da literatura, o que nos

proporcionará um estudo das relações da literatura com o conhecimento e com a ciência.

Antes de um mergulho no texto literário efetivo de *O Ciclo das Águas*, será feita mais uma vez a análise de um depoimento do autor, Moacyr Scliar. Este é extraído de um prefácio de outro romance dedicado ao tema da prostituição judaica, *Jovens Polacas*, de Esther Largman, publicado em 1983. Mas uma vez aparece com toda força a importância da experiência médica do autor no seu processo de conhecimento e na sua produção literária. Neste prefácio pode-se ver a conexão entre o conhecimento pessoal (sem deixar de lado a dimensão social) de um fato histórico e a posterior tentativa de elaborar este conhecimento através do discurso ficcional:

Médico recém-formado, trabalhei como clínico num asilo para idosos mantido pela comunidade judaica de Porto Alegre. Entre os residentes, havia uma mulher que me chamava particularmente a atenção; embora apresentasse um grau avançado de demência, era uma pessoa alegre - passava os dias cantando - e, se assim posso me expressar, sensual: eu sempre a via penteando-se, ou diante do espelho, se arrumando como podia. Mais que isto, acreditava-se sedutora: quando eu ia a seu quarto examiná-la, não me indentificava como médico, e sim como um visitante qualquer. Que moço elegante, dizia então, senta aqui na cama, vamos conversar um pouco... Inevitavelmente seguia-se uma investida; de modo que, para examiná-la, eu precisava que uma atendente a segurasse.

Os outros residentes isolavam-na, mal lhe dirigiam a palavra. só aos poucos fui descobrindo a razão; ela era uma antiga prostituta, uma das 'polacas' trazidas para a América por aquilo que se chamou de tráfico de brancas. O assunto me fascinou, mas poucas eram as fontes a que eu podia recorrer. Só mais tarde, em Buenos Aires, descobri livros sobre o assunto. Falavam da Tzvi Migdal, a organização que trazia mulheres da Europa para um mercado ávido.

O Rio Grande do Sul, a Argentina e o Uruguai formam cenários de guerras sangrentas; nessas regiões de machos, a população feminina era escassa e completada com madames e meninas, apresentadas como francesas (a veneração pela França era uma constante na primeira metade deste século). Sobre o assunto escrevi uma novela, “O Ciclo das Águas”, publicada pela Editora Globo em 1977.³¹

O contato de Scliar enquanto médico com uma prostituta em um asilo de velhos judeus é que vai ser, segundo ele próprio, o detonador de uma tentativa de conhecimento de algo novo para ele: o episódio da prostituição que envolveu os imigrantes judeus que vieram ‘fazer’ a América. Mas este episódio, que era arquivo de conhecimento compartilhado para alguns membros, mas interdito para a comunidade judaica como um todo, torna-se conhecimento (e fato) para o sujeito ‘Scliar’ apenas quando ele entra em contato com a prostituta e com as posteriores informações que passa a buscar. Para Husserl e os seguidores da chamada visão fenomenológica, o fenômeno só existe efetivamente com o conhecimento do objeto pelo sujeito. A prostituição judaica então torna-se um fenômeno para Scliar. E, ao reconstruir este fenômeno ficcionalmente, cria outro potencial fenômeno, o romance (*O Ciclo das Águas*); que se realiza como fenômeno quando entra em contato efetivo com o leitor através da leitura e do que ela desencadeia.

Começando o mergulho em (*O Ciclo das Águas*) pelo seu final, vê-se uma visita de Marcos à sua mãe, ex-prostituta, uma das polacas que vieram para a América, em um asilo onde ela, já completamente demente, arrisca um jogo sedutor com o próprio filho, ao qual não pode mais reconhecer:

(...)eu falo da velha Morena, da Vila Santa Luzia, dos três ceguinhos.

Não diz nada, mas de repente levanta para mim os olhos cheios de admiração .

- Que homem bonito! Senta aqui querido. Vamos conversar. Como é o teu nome?

Sento-me ao lado dela. Abraço-a. Põe a cabeça em meu ombro, murmura palavrinhas carinhosas em iídiche, em polonês. Então vem a enfermeira e leva-a para o quarto.³²

Cotejando este trecho do romance com o prefácio transcrito anteriormente, depara-se com um intrigante quebra-cabeças que não pode nem deve ser resolvido por completo. Scliar dá um depoimento no qual diz que aquilo que o motivou a conhecer o episódio da prostituição judaica foi o encontro com uma velha polaca em um asilo no qual trabalhou e que deste conhecimento foi gerado (*O Ciclo da Águas*). E o final do romance mostra o filho da polaca, que como veremos adiante é um sanitaria, encontrando-se com ela em um asilo e sendo vítima do mesmo ataque de singela sedução do qual o autor disse no seu prefácio ter sido um dos protagonistas. Memória, experiência, ficção, identidade e muitas outras coisas se misturam num almágama no qual o crítico deve tentar compreender na sua totalidade e não tentar dividir este bolo, esquadrihá-lo e classificá-lo. O quebra-cabeças pode se tornar ainda mais interessante se quando adicionado este depoimento extraído das palavras iniciais de Moacyr Scliar em palestra proferida na Academia Brasileira de Letras sobre a presença dos judeus na literatura brasileira:

Hoje de manhã, antes de ir para o aeroporto, eu e meus irmãos fomos levar nosso pai até o Lar dos Velhos, onde ele foi entrevistado e admitido; portanto, antes de seguir para o aeroporto, despedi-me do meu pai nesse Lar dos Velhos. Mas, ao chegar ao Lar dos Velhos, eu também tive um encontro com uma parte da minha vida.

*Logo depois de formado, eu fui médico desse Lar dos Velhos, que é uma pequena instituição, acolhe umas sessenta pessoas, e a minha tarefa, naturalmente, era cuidar dessa gente.*³³

Mais uma vez as relações entre experiência e ficção complexificam-se ainda mais. As relações entre vida e obra mostram-se inclusive não ter mão-única. Complexas também seriam as relações ente sujeito e objeto, pensando em Scliar como sujeito e no asilo como objeto. Objeto este que só existe em função do sujeito, alternando posições provisórias a cada troca de máscaras do sujeito. O Lar dos Velhos então pode ser um local de trabalho de um jovem, a ambientação das palavras finais de um texto ficcional de um autor e finalmente o local onde o seu pai vai passar o final de sua velhice. Saindo agora destas perigosas relações entre vida real (?) e ficção, tentarei examinar as relações entre sujeito e objeto – inclusive levantando discussões caras para o saber científico – dentro do texto ficcional de *(O ciclo das águas)*.

(O Ciclo das Águas) é justamente uma narrativa que pode ser lida como uma tentativa de mostrar ficcionalmente as relações complexas entre sujeito e objeto. O personagem que funciona como sujeito na narrativa é Marcos, o filho da prostituta, que é um pesquisador sanitaria. E ele olha, na tentativa de compreender, dois objetos: a história de sua mãe prostituta e cursos de águas fétidas – tentativas de compreender a si próprio, sujeito. Os dois objetos se fundem no próprio sujeito e a tentativa de compreensão passa a ter um objetivo comum nos, agora, três casos: tornar limpos os cursos de água, a mãe/prostituta e o próprio filho/pesquisador. Marcos é um pesquisador possuidor de um gigantesco microscópio que examina a vida da mãe e o curso das águas para descobrir o sujo e torná-lo limpo, passando a aderir à máscara do pesquisador a máscara do médico – aquele que limpa a ferida, aquele que cura a doença. Esta ‘medicalização’ tão presente no naturalismo literário de finais do século XIX

ressurge, agora problematizada e questionada, nesse romance sobre a prostituição judaica. Nos subterrâneos das águas sujas do riacho de Vila Santa Luzia surge um enigma que Marcos tenta decifrar sem nunca conseguir: ‘Por que a água é limpa aqui e mais adiante não é?’, que é o próprio enigma da sua história particular: “Por que minha vida já é suja na sua origem?” Neste trecho, podemos ver como as buscas das duas respostas tornam-se uma só:

*A professora me pegava no colo e me contava histórias: a da Pequena Sereia e outras. Mas não eram contos que eu queria, era a verdade. A história verdadeira. A minha história natural. A natureza não tem segredos - é só questão de investigar. Lá vai o Professor Marcos com seus alunos para a Vila Santa Luzia.*³⁴

Para a fenomenologia, o grande erro que a ciência pode cometer e que as ciências ditas positivistas efetivamente cometem é o de ignorar o sujeito. Uma ciência deste tipo determinaria regras e métodos de tratamento para o objeto de análise – pretendendo com isso o impossível: anular o sujeito. Para a fenomenologia, uma ciência rigorosa deveria agir de modo oposto. Teria que ter consciência que este sujeito não pode ser anulado, pois o objeto só existe na relação com o sujeito. Possuindo esta consciência, o conhecimento do objeto deixaria de almejar uma idealização de objetividade e assumiria o seu caráter parcial e precário.

A questão da impossibilidade do conhecimento pleno em o (*Ciclo das águas*) também pode ser encontrada em artigo de Antonio Hohfeldt, datado de setembro de 1977, logo após o lançamento do livro. Publicado no *Caderno de Sábado* – suplemento literário do jornal portoalegrense *Correio do Povo* –, catalizador das polêmicas culturais na Porto Alegre da década de 70. Este artigo identifica na novela de Scliar uma visão do universo na qual há “a impossibilidade de sua total compreensão, já

que a ignorância é uma condição humana (e daí estar Marcos no mesmo local de prostituição de Esther sem o saber), opondo-se-lhe, enquanto homem, na tentativa (aparentemente inútil, pois) de intelegi-lo.” Quanto mais Marcos busca respostas precisas, mais encontra dúvidas e outras perguntas³⁵.

No texto de Scliar, as pesquisas do sanitarista Marcos sobre os cursos de água são sempre insatisfatórias, na medida que falta ao pesquisador a consciência dos limites do conhecimento e da ciência – mesmo das chamadas ciências exatas. Marcos nunca consegue atingir a sonhada tranquilidade das repostas definitivas e a melancolia do fracasso se instaura:

*O signo dele era a melancolia. Seu instrumento, o microscópio. Espreitava pela ocular e o que via fazia o seu rosto abrir-se num pálido sorriso: paramécios deslocando-se numa gota d'água. Nasci para ser pesquisador - disse ao rapaz do bar, enquanto mastigava uma torrada americana. Não tinha muitos amigos, e não costumava fazer confidências, mas acreditava na pesquisa, e, principalmente, nos microorganismos.*³⁶

A metáfora da pesquisa desdobra-se nos objetivos do pesquisador Marcos. Sua obsessão é pesquisar o que faz determinado curso de água ser limpo ou sujo, ou seja, pesquisar a sua própria história privada de um filho de prostituta. Neste trecho, podemos ver o pesquisador Marcos no seu ofício – e de como de uma hora para outra ele passa a sentir que a situação de pesquisador nem sempre é tão confortável. A tranquilidade que almeja usando a máscara de pesquisador transforma-se em terror quando descobre-se olhado. Sua pretensão de anular-se como sujeito na pesquisa mostra-se como projeto inalcançável de modo radical – além de não anular-se como sujeito torna-se ele próprio objeto de pesquisa:

No laboratório eu examinava as amostras de água. Às vezes uma estranha sensação me invadia, mas não era a emoção do cientista à beira de uma grande descoberta. Era, ao contrário, a desagradável impressão de estar sendo observado. Me voltava de repente: os vitrais da janela estavam povoados de olhos. No braço da pastora - olhos. No dorso do cão - olhos. No céu, entre as avezinhas que fugiam em vôo rápido - olhos. Nos olhos da rainha - olhos. Nas águas do alegre riacho, olhos, olhos - e também narizes ranhentos, dentes cariados, dedos sujos - o vidro ali, quase transparente, deixava ver a cara dos debochados. Eram os moleques da vila. Subiam ao telhado do alpendre e ficavam espiando pela janela do laboratório.³⁷

Outros pesquisadores colegas de Marcos também compartilham de um ideal de ciência objetiva e definitiva. Em determinado momento do texto, é explicitada a idéia de um laboratório social utópico – ideal compartilhado pelos escritores da Escola Naturalista de finais do século XIX –, quando a professora de sociologia da faculdade de Marcos comenta as suas ‘aspirações acadêmicas’. Este objeto ideal imaginado pela professora seria a panacéia para os males sociais, proporcionando à ciência social diagnósticos corretos, ou seja o conhecimento verdadeiro:

Mudava de assunto: chegava gente à sala dos professores. Chegava Raimunda, a da Sociologia. Esta tinha ambições; sonhava com teses de mestrado e doutorado. Gostaria de investigar certos comportamentos dos habitantes da Vila Santa Luzia, situada perto da Faculdade. Mas me falta tempo, dizia, e além disto tenho medo de entrar em lugar cheio de marginais. Se a gente pudesse, suspirava, montar uma vila aqui no pátio da Faculdade, uma vila em miniatura, mas com os elementos essenciais - as malocas, a tendinha de cachaça, o terreiro de macumba, o riacho... Se a gente pudesse observá-los de longe, de um lugar insuspeito - por exemplo, do

Interessante observar que em *O Ciclo das Águas* não existe um projeto acabado de ciência ou de conhecimento efetivo que consegue completar-se. Por causa desta ausência de conhecimento satisfatório, vislumbra-se que o conhecimento possível é uma busca sem fim, que torna-se a sua própria finalidade. Este contínuo tentar sem conseguir um conhecimento efetivo não recebe uma alternativa realizável, já que isto seria impossível. O que acaba por aproximar o texto do escritor gaúcho não só da fenomenologia mas também de algumas idéias dos filósofos céticos gregos, para os quais a busca da verdade era inglória, mas ao mesmo tempo uma tentativa que tinha que ser feita continuamente, como podemos ver nestas palavras do filósofo cético do século II, Sexto Empírico:

*O resultado natural de qualquer investigação é que aquele que investiga ou bem encontra o que busca, ou bem nega que seja encontrável e confessa ser isto inapreensível, ou ainda, persiste em sua busca(...) Aqueles que afirmam ter descoberto a verdade são os dogmáticos, como Aristóteles e Epicuro e os estóicos. Clitômaco, Carnéades e outros acadêmicos consideram a verdade inapreensível, e os céticos continuam buscando.*³⁹

Voltando ao tema do sentido do olhar do sujeito sobre o objeto e conseqüentemente ao sentido do olhar científico, pode-se afirmar que o sentido do conhecimento começa a ser definido muito antes da obtenção de qualquer resultado – os quais, para a fenomenologia enquanto filosofia crítica da ciência, serão sempre resultados precários e não apenas provisórios. O que quer dizer que uma consciência da sua precariedade ultrapassa ao reconhecimento da sua provisoriedade – pois a provisoriedade prevê uma continuidade metodológica que a cada passo do

conhecimento científico aprimoramos o conhecimento anterior. Precariedade é muito mais do que isso – aponta para a própria impossibilidade de um conhecimento pleno. Para a fenomenologia, a própria constituição de um sujeito já passa a determinar o olhar sobre um objeto – também construído portanto, como pode-se ver nesta citação de um trecho do estudo *O que é a fenomenologia?*, de André Dartigues, ao analisar a questão do sentido da ciência na filosofia de Husserl:

*Mas vemos também com isso que a questão do sentido da ciência remete à questão da intenção perseguida pelo cientista ou pela comunidade dos cientistas. Com efeito, a ciência não começa quando ela se sedimenta em seus resultados, mas nas operações que a constituem, logo, com a atividade intelectual do cientista.*⁴⁰

Esta concepção da fenomenologia sobre o sentido do olhar científico implica em uma constatação da parcialidade do sujeito da ciência, o que acaba por se alinhar com as concepções que associam ciência e poder, desenvolvidas na segunda metade do século XX, por pensadores como Canguilhem, Kuhn e Foucault, entre outros. Para Foucault, por exemplo, todo conhecimento – e portanto o conhecimento dito científico – é uma estratégia de dominação e luta, não existindo a menor possibilidade de sua neutralidade:

*O conhecimento é sempre uma certa relação estratégica em que o homem se encontra situado. É essa relação estratégica que vai definir o efeito de conhecimento e por isso seria totalmente contraditório imaginar um conhecimento que não fosse em sua natureza obrigatoriamente parcial, oblíquo, perspectivo.*⁴¹

Numa descrição de Marcos ao microscópio, ele surge como sujeito da pesquisa científica, através do olho que espreita ao microscópio. Seria o olhar empirista e objetivo - no caso de Marcos sempre frustrado. Mas neste pequeno trecho surge a indagação de para onde olha o olho que não está no visor:

Gosto de olhar seres vivos ao microscópio.

É uma cena que precisaria ser fotografada, ou pintada: o jovem professor ao microscópio. Os dois olhos estão abertos embora o microscópio, um velho aparelho, tenha apenas uma ocular. O olho direito fita o nada. O olho esquerdo brilha; vê bactérias, este olho portanto reluz; de alegria e de ternura.⁴²

O olho que olha para o vazio aponta para o irracional, para as lacunas da ciência. Em *O ciclo das águas* este espaço mágico é ocupado repetidas vezes pela figura da “pequena sereia”. Elemento altamente simbólico, está presente no decorrer de toda a narrativa das maneiras mais diversas: no relatório que Marcos está escrevendo, do qual emana a pequena sereia; nas alusões à sua presença como personagem de histórias infantis; como a estatueta roubada por Esther do bordel parisiense, entre outras aparições. Sem querer descobrir os diferentes sentidos para a figura da pequena sereia – sentidos já mapeados cuidadosamente na dissertação de Suzana Machado, *O labirinto em (O ciclo das águas) de Moacyr Scliar⁴³* –, podemos afirmar que a pequena sereia é a ponta de um *iceberg*, que parece insinuar que a ciência e a própria narrativa realista tem seus limites. O irracional, o mágico, o incomunicável, o conhecimento intransmissível não podem ser escondidos, e eles emergem em obras como *O ciclo das águas* de forma inquietante.

4.3. *Doutor Miragem*: poderes, saberes e a medicina

Doutor Miragem, publicado em 1978, revisa a temática do primeiro livro de Moacyrs Scliar, *Histórias de médico em formação*, construindo-se através de uma montagem de fragmentos narrativos – estratégia já utilizada em (*O ciclo das águas*) –, nos quais as duas personagens centrais se alternam e onde o passado forma o núcleo principal da história em oposição ao presente narrativo. As duas personagens centrais são o Doutor Felipe, médico, filho de imigrantes italianos de classe média, e Ramão, interiorano muito pobre, que beira a miséria quando deixa o campo. A narrativa caminha então em dois níveis: uma, o do tempo presente, ou simultânea, que coloca frente a frente as duas personagens, o médico como seqüestrado, e Ramão como seqüestrador; e outra, a caminhada paralela, da infância à idade adulta, dos dois personagens, detendo-se mais minuciosamente na trajetória do médico. As narrativas acabam fazendo um painel da medicina numa situação de miséria dos necessitados e de insuficiência de um atendimento, ao mesmo tempo autoritário e carente, com Felipe personificando o médico, e o que ele representa, e Ramão, o doente miserável.

O momento em que *Doutor Miragem* aparece em cena, primeiro semestre de 1978, é fundamental para o desenrolar dos últimos anos do regime militar que estabeleceu-se no Brasil a partir de 1964, recrudescendo ao final de 1968, com a proclamação do Ato Institucional nº 5 (AI-5), que cerceava drasticamente as liberdades individuais e coletivas. Neste início da 1978, o regime já tinha perdido em muito sua força inicial e o movimento de oposição não-clandestino crescia rapidamente depois de

anos de hibernação induzida. Através de atos públicos, de manifestos e da imprensa, as forças oposicionistas intensificavam a luta por liberdades democráticas, anistia e convocação de uma Assembléia Constituinte – condições básicas para a esperada abertura. As forças populares, também em processo de organização, voltaram a se manifestar através de greves e lutas por aumentos salariais e liberdades de organização: em maio e junho, mais de 100 mil operários de várias fábricas da região do ABC paulista entraram em greve, ao mesmo tempo que os trabalhadores dos canaviais pernambucanos cruzavam os braços. Em junho, o presidente Geisel anuncia o ‘cronograma da abertura’ – era o início do lento e controlado fim do regime militar. Este era resumidamente o contexto político do surgimento de *Doutor Miragem*.

O texto suscitou um bom número de resenhas críticas e artigos na imprensa, especialmente a portoalegrense. A capital gaúcha durante boa parte da década de 70 teve um bom espaço para o jornalismo literário. No final de semana era publicado o suplemento literário do *Correio do Povo*, jornal de maior circulação na época; e semanalmente publicava-se também o *Coojornal*, experiência de jornalismo sindical do próprio sindicato dos jornalistas local na segunda metade da década – de clara oposição ao regime militar – que dedicava um bom número de páginas às resenhas literárias. O objeto destas resenhas – muitas delas apaixonadas, outras eruditas, quase todas ricas em idéias – eram tantos livros nacionais quanto estrangeiros, ficcionais ou não, que despertassem interesse da comunidade intelectual e acadêmica; com a produção de escritores do Rio Grande do Sul recebendo um bem medido realce. Pode-se pensar num razoavelmente intenso universo de debates culturais voltado para fora e para dentro da sua própria região. Centros culturais como o Rio de Janeiro de finais do século XX tem um jornalismo cultural e literário proporcionalmente bem menor do que o de Porto Alegre dos anos 70. Nomes de intelectuais como Antonio Hohlfeldt, Donaldo Schüler,

Flávio Loureiro Chaves, Guilhermino César, Ligia Averbuck, Luis Nilson May, Regina Zilmerman, e o próprio Moacyr Scliar freqüentam as páginas literárias locais, resenhando (além de muitas vezes suas obras também serem objeto de resenhas) ora ensaios estrangeiros ou nacionais, ora ficções e livros de poemas, também de variada procedência, criando uma singular babel de livros sob o olhar de uma cultura própria.

Voltando ao *Doutor Miragem*, tem-se um livro que motivou um bom número de resenhas nesta imprensa - que por sua vez até dialogam entre si – que se agregam ao texto do livro de modo suplementar, segundo o conceito de Jaques Derrida⁴⁴, no qual os textos trazem consigo uma significação suplementar dada pelos diversos analistas e intérpretes da obra. Uma nova análise não precisa partir apenas do texto original em si, mas pode incorporar criticamente os acréscimos recebidos. Partirei então desta recepção de primeira hora para uma abordagem do *Doutor Miragem*, na qual serão problematizadas as concepções de medicina, e ciência, que o texto engendra.

A escritora Tânia Faillace, em resenha publicada no *Coojornal* em agosto de 1978, advoga que em *Doutor Miragem* “se Felipe é um médico e não um advogado, um executivo ou um jornalista, isso é uma questão puramente formal”⁴⁵. Mesmo concordando em parte, na medida em que o texto literário pode transcender a sua temática, como foi visto no subcapítulo 4.1 através do ensaio do Cortázar, pode-se contestar esta afirmação da resenhadora enfocando-se a questão do papel do intelectual, tão em debate na década de 70. Michel Foucault, em entrevista realizada em 1972, defende que a voz do intelectual perdia um caráter universalizante ou totalizante para setorizar-se dentro de sua especificidade:

Durante muito tempo o intelectual dito de esquerda tomou a palavra e viu reconhecido o seu direito de falar enquanto dono de verdade e de justiça. As pessoas o ouviam, ou ele pretendia se fazer ouvir como representante do

universal. Ser intelectual era um pouco ser a consciência de todos. Creio que aí se acha uma idéia transposta do marxismo e de um marxismo débil: assim como o proletariado, pela necessidade de sua posição histórica, é portador do universal (mas portador imediato, não refletido, pouco consciente de si), o intelectual, pela sua escolha moral, teórica e política, quer ser portador desta universalidade, mas em sua forma consciente e elaborada.(...)

Há muitos anos que não se pede mais ao intelectual que desempenhe este papel. Um novo modo de 'ligação entre teoria e prática' foi estabelecido. Os intelectuais se habituaram em trabalhar não no 'universal', no 'ememplar', no 'jsto-e-verdadeiro-para-todos', mas em setores determinados, em pontos precisos em que os situavam, seja suas condições de trabalho, seja suas condições de vida (a moradia, o hospital, o asilo, o laboratório, a universidade, as relações familiares ou sexuais). Certamente com isto ganharam uma consciência muito mais concreta e imediata das lutas. E também encontraram problemas que eram específicos, 'não universais', muitas vezes diferentes daqueles do proletariado ou das massas. E, no entanto, se aproximaram deles, creio que por duas razões: porque se tratava de lutas reais, materiais e cotidianas, e porque encontravam com freqüência, mas em outra forma, o mesmo mesmo adversário do proletariado, do campesinato ou das massas (as multinacionais, o aparelho jurídico e policial, a especulação imobiliária, etc.). É o que eu chamaria de intelectual 'específico' por oposição ao intelectual 'universal'.⁴⁶

Esta especificidade que o discurso do intelectual adquire, abre espaço para que ele trate de problemas específicos, perdendo uma universalidade primária, mas atingindo-a indiretamente através de uma radicalidade pontual. A escolha da medicina como enfoque por parte de Moacyr Scliar em obras como *Doutor Miragem*, não é, então, algo meramente formal como afirma Tânia Faillace, mas, pelo contrário, algo de caráter vital, já que usa a própria experiência vivida do autor como espaço de investigação, sem no entanto esgotar-se nesta experiência. Outro resenhador habitual da obra de Scliar,

Antonio Hohfeldt afasta-se da posição de Faillace quanto ao caráter menor da escolha da medicina como tema de *Doutor Miragem*:

É aqui, enfim, que se coloca o tema de base de Doutor Miragem, que é o papel da medicina na sociedade de classes. Verificamos que aos do topo da pirâmide competirá curarem os “doentes” do centro e especialmente da base desta mesma pirâmide. Na verdade, nenhum médico estará especificamente interessado em seu doente, enquanto ser humano, mas tão somente nas perspectivas da “pesquisa científica” que um caso menos comum poderá apresentar-lhe. Para a generalidade, nada mais do que um atendimento precário, concedido pelo Instituto, que garantirá o emprego de tempo disponível pelos médicos, sua catarse do sentimento de culpa (por exemplo, os médicos que ‘gratuitamente’ atendem à Santa Casa), e, enfim um sentimento de ‘realização’ aos pobres doentes populares.⁴⁷

Pode-se ver neste trecho como Hohfeldt identifica a investigação da medicina como temática básica do romance de Scliar. Mas o resenhador não se satisfaz em caracterizar o tema como uma universal e atemporal abordagem da medicina – contextualizando este tema dentro de uma sociedade de classes. Eis aí um tipo de análise que hoje, às portas do século XXI, dificilmente seria feita por qualquer intérprete da obra. Mas na recepção da obra na época de sua publicação, esta observação não é só procedente como necessária. Aí emerge a complementariedade da obra, recortando-a dentro de um contexto político e de um caldo cultural específico. Há um diálogo historicizado entre a obra em si e sua crítica. Realmente não se pode analisar as idéias sobre medicina no livro sem levarmos em conta que ela está amarrada por uma concepção de mundo em que a divisão da sociedade em classes e sociais é ponto fundamental. Sob este prisma Felipe e Ramão não são exatamente personagens, nem *Doutor Miragem* deve ser visto como um livro estritamente ligado ao realismo. Temos

tipos ou protótipos encampados em ações variadas, em narrativas mesclada de verossimilhança e fantasia. Ramão e Felipe não são indivíduos, “são duas classes cujos caminhos se cruzam e recruzam, mesmo sem haver uma interdependência direta entre elas”.⁴⁸

Para aprofundar-se uma problematização da medicina numa sociedade de classes em *Doutor Miragem* seria interessante a utilização de bibliografia de autores respeitados na época, mas que alguns deles deixaram de polarizar as discussões hoje em dia como Franco Basaglia e Ivan Illich – além do sempre presente Michel Foucault. Moacyr Scliar, ao abordar a medicina, tanto em ensaios como na ficção afasta-se de uma concepção positivista da medicina, na qual existiriam certezas e procedimentos corretos, próximos da verdade, para conceber a medicina mergulhada nas redes de poder. Ao resenhar *O nascimento da clínica*, de Foucault, coloca como cerne do pensamento do francês o binômio saber e poder. O pensamento de Foucault, por um lado, desaloja os saberes ditos científicos – como a medicina – de um mundo celeste das idéias, inscrevendo-os no mundo terreno da experiência histórico-social, e, por outro, retira o poder só da responsabilidade do Estado, ampliando este conceito para torná-lo palco de toda relação social ou individual. Para Scliar a problematização da medicina por intelectuais como Foucault era fundamental:

*Qual a impotência do trabalho de Foucault? Vou me reportar a uma experiência pessoal. Como estudante de medicina, aprendi muita coisa: a medir a pressão arterial, a olhar por um microscópio e identificar bactérias, a fazer uma incisão com o bisturi. Em suma, aprendi o ‘como’, mas raramente discuti o ‘quê’, a coisa, a medicina em si, o significado histórico, político, social da atividade médica. Livros como “O nascimento da clínica” trazem à baila esta questão, que interessa a todos; portanto são necessários.*⁴⁹

Olhar para a prática profissional de modo crítico é uma das lições que Scliar toma de livros como *O nascimento da clínica* e traz para a sua própria literatura. E o papel que o médico acaba por realizar nesta sociedade de classes traz a constatação de que faz parte de um rede de poder, cujo principal foco irradiador não depende principalmente do médico mas sim das classes detentoras do grande poder socio-econômico. É um poder volátil, na qual o médico detém o poder em relação ao doente, mas ocupa posição subalterna em relação aos detentores do capital. Em *Doutor Miragem* são desenhados diversos perfis do médico – a partir de personagens realistas, mas ultrapassando em muito estes limites – conforme a posição provisória que ele ocupar nas redes de poder. Neste perfil do médico como boneco ele ocupa a posição de manipulado, verdadeiro marionete (de cordéis invisíveis) dos donos do poder e, ao mesmo tempo, manipulador dos pacientes:

A cabeça é um pequeno balão de borracha, cheio de gás, com uma cara desenhada: olhos arregalados, sorriso fixo, de grandes dentes. Está preso, o balão, ao corpo, por um cordel branco que representa a medula, esta porção tão primitiva do sistema nervoso. Quanto ao corpo propriamente dito, é de madeira, e todo articulado, como o do pinóquio. quando entra um segurado, a cabeça balão afasta-se do corpo e sobe, flutuando, até a altura máxima permitida pelo cordel-medula. O diálogo do doente é feito exclusivamente com o corpo. O enfermo queixa-se de dor de barriga; a mão do boneco estende-se automática, toca-lhe o ventre. A barriga endurece: defende dos dedos, duros, frios, insensíveis, verdadeiras garras. Não são movidos por cálida curiosidade, os dedos, nem por sabedoria, nem por compreensão, nem por piedade; não podem curar, só podem machucar.⁵⁰

Trechos como este em que se pode ver um papel assumido pelo médico nada

lisonjeiro nas lutas no interior da sociedade pode manter um diálogo com o pensamento do psiquiatra italiano Franco Basaglia formulado, entre finais dos anos 60 e inícios dos 70, sobre o papel “de capataz” que o técnico, no caso ao médico assume no controle das classes populares:

No entanto, a sociedade chamada do bem-estar e da abundância descobriu que não pode mostrar abertamente sua face da violência sem ocasionar no interior de si mesma o nascimento de algumas contradições demasiado evidentes, que terminarão por voltar-se contra ela. Por isso encontrou um novo sistema: estender a concessão do poder aos técnicos que o exercerão em seu nome, e continuarão criando – através de outras formas de violência: a violência técnica – novos excluídos.

O trabalho desses intermediários consistirá, pois, em mistificar a violência através da técnica, sem a chegara modificar a sua própria, de maneira que o objeto da violência se adapte à violência de que é objeto, sem chegar nunca a tomar consciência disso, nem converter-se por sua vez em sujeito da violência real contra o que o violenta. Os novos concessionários teriam por finalidade estender os limites da exclusão, descobrindo tecnicamente novas formas de desvio, consideradas até hoje como pertencentes à norma.⁵¹

E o trabalho destes intermediários é utilizado até a exaustão como peças que podem ser repostas facilmente, graças a abundância de peças de reposição. O médico é então utilizado neste sistema de modo inumano, transformado em máquina exigida no seu limite. E em *Doutor Miragem*, a situação de um médico exaurido de suas forças é explorada em outro perfil, o do médico como insone, a partir da personagem velho médico de cidade do interior, Doutor Armando:

Não agüento mais. Na última cirurgia, seus olhos estão se fechando... Se fecham, ele se vê num campo, ao sol. Um riacho corre entre pedras. Árvores, pássaros cantando... Paisagem deliciosa.

*Um sobressalto. Suas mãos dentro do tórax do paciente, estão mergulhadas num lago de sangue. Que estou fazendo, meu Deus? Estou dormindo! Assusta-se, pinça a artéria que sangra. Vai para casa roído de remorços: tal é o preço que se paga por um instante de paz..*⁵²

Estes papéis que o médico pode assumir na luta de classes segundo os debates políticos-culturais do período do regime militar no Brasil também emerge da concepção de medicalização de Ivan Illich na sociedade industrial, pensador seguidamente citado por Moacyr Scliar, inclusive na sua já mencionada resenha sobre Foucault. Para Illich, a sociedade na segunda metade do século XX vivia numa progressiva situação de medicalização, concebendo inclusive o conceito de iatrogênese, que seria a “enfermidade, impotência, angústia e doença provocadas pelo conjunto de cuidados profissionais”⁵³ que pode ser observada em três diferentes níveis de medicalização, o clínico, o social e o estrutural:

*Primeiro, a intervenção técnica no organismo, acima de determinado nível, retira do paciente características comumente designadas pela palavra saúde; segundo, a organização necessária para sustentar essa intervenção transforma-se em máscara de uma sociedade destrutiva, e terceiro, o aparelho biomédico do sistema industrial, ao tomar a seu cargo o indivíduo, tira-lhe todo poder de cidadão para controlar politicamente tal sistema. a medicina passa a ser uma oficina de reparos e manutenção, destinada a conservar em funcionamento o homem usado como produto não humano. Ele próprio deve solicitar o consumo da medicina para poder continuar se fazendo explorado.*⁵⁴

Em *Doutor Miragem* é clara esta crítica a situação de medicalização. Mas ao contrário de intelectuais como Illich, não se oferece nem um sistema alternativo. Este

livro, como grande parte da obra do escritor gaúcho, não apresenta soluções – ao meu ver não por incapacidade mas por ser proposta do seu discurso ficcional não trazer nada pronto nem enunciar verdades acabadas. A literatura de Scliar faz denúncias e não traz soluções prontas, mas “vive sobremodo da sugestão que provoca no leitor, levando-o de certa maneira, se não à criação ao menos à cooparticipação: é um clima o que surge da leitura, que envolve o texto como névoa e fantasia”⁵⁵. Mas as denúncias estão presentes e são tão fortes, que leva inclusive a um resenhador como Danilo Ucha a acreditar que o livro “ressuscita a tese antiga de que a medicina só beneficia o homem e gratifica o médico se for encarada como sacerdócio”⁵⁶.

Na outra ponta do binômio poder e saber temos o saber, e como já vimos na análise de outras obras ficcionais do autor, a literatura de Scliar presta-se incontestavelmente para um questionamento do conhecimento. A incapacidade da compreensão total das coisas, as lacunas do saber que nunca podem ser preenchidas surgem no episódio em que Felipe é apelidado de *Doutor Miragem*:

Me invejava. Nas aulas práticas eu sentia seu cotovelo hostil em minha barriga, tentando impedir que eu me aproximasse do cadáver. Eu não comprava a briga, não; deixava o cotovelo ali, acomodava-o entre as dobras de meu avental e, com um hábil movimento, desviava-o do caminho. Me chegava à mesa e ficava dissecando.

No pé direito do cadáver julguei ter encontrado uma veia anômala. Mostrei-a ao instrutor. Não é veia anômala, disse.

- *Mas o que é isto, então? - perguntei.*

- *Nada - respondeu.*

- *Como, nada?*

- *Nada. Nada de importante.*

- *Nada, nada! - eu, irritado. - Nada não pode ser! Alguma coisa tem que ser, para estar aí no cadáver. Nada, nada!*

- *Pois não é nada. - Riu: - Não existe, sabes? É uma miragem.*

*Afastou-se. Jurandir ria e me imitava: "Nada, nada!" Apelidou-me de Doutor Miragem. A coisa pegou: no jornalzinho da Faculdade me caricaturizaram olhando um cadáver com lente. A legenda: Doutor Miragem. E era assim que todo o mundo me chamava*⁵⁷

O estudante Felipe tentava saber o sentido de todos acontecimentos ocorridos no corpo humano, confiando totalmente na experiência e na razão. Tudo teria que ter uma explicação e um sentido – nada pode ser gratuito, nem mesmo aquela veia inconveniente. E ele recebe o apelido por aquilo que ele representava o oposto: um olhar de miragem que não vê preferencialmente o real e o objetivo, na lógica inversa dos apelidos populares, na qual um careca recebia o apelido de Caetano na década de 70 e uma pessoa de cor negra pode receber o apelido de Alemão. O apelido vai receber diversas conotações na trajetória de Felipe, até ele tornar-se uma miragem do que pretendia ter sido. É o clínico em sua formação utópica, na qual a visão adquire um *status* de pureza e objetividade, que culminaria com a capacidade de tudo ver. Foucault constata em *O nascimento da clínica* o estabelecimento do poder da visão da medicina clínica no qual “o olhar se realizará em sua verdade própria e terá acesso à verdade das coisas”⁵⁸. Dos mestres de Felipe, que não dão tanta atenção à veia anômala, já pressupõe-se uma relação mais pragmática em relação ao poder do olhar e do conhecimento médico – possuem a capacidade de recortar o que se vê e jogar fora o que não interessa ao conhecimento médico, numa espécie de olhar pragmático da clínica.

Ao final da narrativa o apelido de Miragem muda completamente de sentido, Felipe torna-se uma miragem do que pretendia ser. Se por um lado a pretensão inicial de tudo ver, saber e curar era utópica, o Felipe do final da narrativa de sua trajetória é um estereótipo acabado de médico cooptado pela má medicina, tornando-se próspero diretor de clínica de rejuvenescimento – exemplo extremo da medicalização de que nos fala Ivan

Ilich, engendrando até uma negação da morte –, como se pode observar na proposta feita a Felipe pelo proprietário da clínica:

*– É invenção de um médico italiano, um negócio que pode dar muito dinheiro. Injeções... Noventa. Três por dia. Dieta, exercícios coisa e tal: enfim um tratamento caro . Só que o italiano não pode aparecer, sabes como é? Ele tem uma situação meio complicada. Tu darás cobertura. Examinarás o pacientes, darás as receitas – enfim, estas coisas sabes melhor que eu. Quanto ao pagamento... Já debes ter ouvido dizer que pago bem. E terás percentagem sobre as contas dos pacientes. Topas?*⁵⁹

Então qual seria o modelo de médico a ser seguido segundo o discurso engendrado pelo *Doutor Miragem*, um médico que tem a utopia de tudo saber e tudo curar ou o médico totalmente cooptado por um sistema que reproduza a doença e a miséria? É aqui que a obra de Moacyr Scliar se diferencia da tradição de romances sobre a experiência – o discurso do autor gaúcho – como já foi – visto não oferece soluções, modelos a serem seguidos ou mesmo um sistema organizado de idéias a serem seguidas. Para isto ele se afasta do receituário realista de procurar ser cópia fiel da realidade. Um dos modos pelo qual isto é realizado é através do seu “artificialismo”, no qual a intercalação dos fragmentos é extremamente elaborado, com paralelismos, antagonismos e ecos entres eles, o que torna a obra quase um jogo. nas palavras de Tânia Faillace: “*Doutor Miragem* é uma série complexa de paralelismos, de comparações, em que as situações se repetem e se autorefletem até a náusea”⁶⁰. Este artificialismo não tornaria a obra falsa e estéril, pelo contrário, este artificialismo faz a obra assumir-se como construção e texto, e não advogar um lugar de verdade. É tão telenovelesca a trama que a afasta de grandes compromissos realistas e se assume como construção, exagerando no artificialismo conscientemente.

Outra forma de se afastar da verdade dos realismos é a incorporação dos elementos irracionais e mágicos. Um elemento catalizador da dimensão mágica em *Doutor Miragem* é o amuleto do feiticeiro da Calábria, que funciona de forma análoga à “pequena sereia” no (*Ciclo das águas*). Este amuleto, “uma pequena mão, aberta, com o desenho de um olho gravado na palma”⁶¹, que outrora pertenceu a um feiticeiro antepassado de Felipe, emerge em diversas passagens do texto, mostrando o contraste entre o racional e o irracional, e abrindo uma janela permanente para o desconhecido. O desconhecido e o irracional, muitas vezes metonimizado pelo insólito, emerge em passagens como da descrição do museu de aberrações que um servente da Faculdade de Medicina apresentou a Felipe – e no qual o amuleto também tem espaço:

Por uma módica quantia me mostrou o museu de peças anatômicas bizarras, que ficava no subsolo da Faculdade. Ali estavam, conservados em álcool, o feto com duas cabeças, um tórax de mulher com doze mamas, a cabeça do homem que tinha um olho - muito aberto, fixo - na testa. Ali estava o pé com doze dedos. A mão de cuj a palma brotava, como uma arvorezinha, uma segunda mão, menor; do polegar desta saía um minúsculo dedo. Ali estavam os xifópagos, claro, e a orelha mumificada com três lóbulos. Ali estava o pênis bífido e a unha em espiral. Ali estava a língua calcificada (pedra, verdadeira pedra) e o nariz de um bugre, atravessado, em dezoito lugares, por estiletos de sílex. Ali estava (meu coração bateu mais forte) a mão que tinha um olho encravado na palma.⁶²

A incorporação do elemento mágico também pode encontrar explicações em uma própria opção intelectual de Scliar, afastando-se de concepções positivistas de ciência, de relativizar todo conhecimento, colocando lado a lado hierarquicamente o saber mágico e o saber científico. Em *Doutor Miragem* as oposições entre médicos e curandeiros não são colocadas como decorrentes de um atraso dos segundos em relação

aos primeiros, mas decorrentes de adoção de paradigmas epistemológicos diferentes: “trabalhava com ervas, nunca receitou remédio de farmácia, não se metia com o doutor, a troco de que tinha o doutor de se meter com ele?” A resposta não está no conhecimento mais na prática do poder, tanto de médicos como de curandeiros, já que disputam o mesmo público de potenciais assistidos. A antropóloga Maria Andréa Loyola, a partir de pesquisa realizada junto a comunidades populares de Nova Iguaçu, no estado do Rio de Janeiro, em finais da década de 70, observou que as relações entre a medicina oficial e o curandeirismo, tem como pano de fundo paradigmas epistemológicos:

As relações entre a medicina oficial e a medicina popular não são estáticas como deixam transparecer os estudos que assciam a medicina popular aos comportamentos atrasados, arcaicos, tradicionais ou rurais, esvaziando assim a questão da relação e interpretação dos dois sistemas terapêuticos: medicina erudita, ocidental, e medicina popular, mágica e/ou religiosa. (...) As oposições entre as duas medicinas traduzem-se, por outro lado, em oposições de classe, as representações da doença, como doença do corpo ou doença do espírito, sendo determinadas por um conjunto de características sociológicas.⁶³

Ainda enfocando as relações entre medicina oficial e mágica, é no episódio da expulsão dos curandeiros da cidade de Pirai pelo delegado, por ordem do Doutor Felipe, que surge um dos poucos momentos do livro no qual aparece uma situação satisfatória no universo narrativo. Através da fraternidade e companheirismo, constrói-se uma seminal sociedade alternativa – sempre presente no imaginário do anos 70 – de curandeiros, rezadeiras e especialistas em ervas, os excluídos da sociedade por determinação médica:

Passam-se os dias. a princípio separados em grupos conforme a categoria

*das antigas clientelas, os curandeiros vão sendo forçados a um convívio mais íntimo, limitados que estão pelas paredes da caverna da qual, por medo ao delegado, pouco saem. São agora uma comunidade. Dividem entre si tarefas: há quem cozinhe, há quem limpe o recinto. E todos os dias, ao final da tarde, reúnem-se em assembléia em torno à fogueira, discutindo a situação. O que está acontecendo?, O que foi, mesmo, que aconteceu? O que vai acontecer?*⁶⁴

Outro personagem de nítida referência a um universo mágico é o propagandista farmacêutico e vizinho de Felipe desde a infância, Aladino, descrito como aquele que “a gente nunca via entrar, silencioso que ele era” (DM, 37). Como o gênio da lâmpada maravilhosa do Aladim das 1001 noites, Aladino é um realizador de desejos. Sua presença inusitada em vários episódios da vida de Felipe é sempre para solucionar, quase sempre precariamente, uma demanda de Felipe. É ele quem fornece a primeira maleta do Doutor Felipe, quem consegue a colocação no laboratório do Professor, quem lhe indica o emprego de médico em Piraf. Grande incentivador da carreira profissional de Felipe, nunca cobra nada, como num pacto faústico. É ele também quem presenteia o jovem estudante de medicina com os livros de A. J. Cronin:

*Foi ele quem me emprestou ‘A cidadela’ e ‘As aventuras da maleta negra’, de autoria do médico escocês A. J. Cronin. Arrebatavam-me tais livros. Eu lia para meus pais as passagens mais emocionantes. Ficavam de lágrimas nos olhos: vais ser um grande médico diziam. Aladino concordava..*⁶⁵

É interessante este diálogo explícito entre o *Doutor Miragem* e os romances de Cronin. Tomando-se o romance *A cidadela* do médico escocês, observa-se algumas semelhanças e outras tantas diferenças em relação ao romance de Moacyr Scliar. *A cidadela*, publicado em 1937, seguidor de uma tradição da temática médica na literatura,

parte da experiência do autor como médico numa região mineira do País de Gales, para narrar, numa cronologia linear, os primeiros anos de profissão de um jovem médico, o Dr. Manson. Como Felipe, Manson tem inicialmente ideais claros de um papel social importante do médico e uma cega confiança na ciência médica de sua época. A diferença fundamental entre as duas obras é que em *A cidadela* – apesar de a trajetória de Manson ser tão frustrada, e até mais trágica que a de Felipe – a confiança do personagem na medicina é aceita pela próprio texto. Em *Doutor Miragem*, com o desenvolver da trama, a confiança na medicina evapora-se, sendo trocada pela idéia de que medicina e poder estão intimamente ligados em todos os níveis – não sendo oferecida ao leitor nenhuma outra utopia em contrapartida. No romance de Cronin, apesar de o Dr. Manson seguir muitas vezes, desavisadamente, caminhos errados, existe um caminho correto, o da ciência médica. No início de sua trajetória como médico é assim descrita sua confiança na ciência:

Era o primeiro a reconhecer que ainda não sabia quase nada. Mas estava tratando de aprender a pensar por si mesmo, a procurar ir além das evidências, esforçando-se para descobrir as causas reais. Até então nunca se sentira tão poderaosamente atraído para o ideal científico.⁶⁶

Isto que poderia ser visto como um ingênuo idelismo de um jovem médico, é, no entanto, bastante semelhante aos ideais do Dr. Manson ao final da narrativa, quando é julgado por má prática médica em seu discurso de defesa perante os tribunais do órgão regulador da prática da medicina na Grã-bretanha:

Escutando libelo que foi apresentado hoje aqui contra o meu procedimento, não me cansava de perguntar a mim mesmo que mal havia feito. Não quero

*trabalhar com charlatães. Não creio em remédios de pura mistificação. Por isso mesmo, atiro para o lado quase todos esses reclames de vistosos rótulos científicos que entopem todos os dias a minha caixa-postal. Bem sei que estou falando com franqueza inconveniente, mas é uma coisa que não posso evita. Devemos ser muito mais liberais do que somos. Se dermos para achar que tudo fora de classe é errado e que tudo dentro dela está certo, então será a morte do progresso científico.*⁶⁷

Depois de mais de 300 páginas, o ideal cientificista de Manson (e, po que não a de Cronin) recebe apenas alguns retoques, mas permanece essencialmente utópica, concebendo a vinculação entre medicina e poder de sua época, como meros desvios que poderiam se consertados, para então emergir uma sociedade com uma ciência imparcial, que traria vantagem para todos. Uma utopia alicerçada na autoridade científica e médica, semelhante àquela que vimos em alguns contos *do Histórias de médico em formação*, analisados no subcapítulo 4.1. A confiança na ciência médica, pedra de toque de *A cidadela* (que o próprio título remete a uma medicina científica a ser conquistada e protegida), é completamente esvaziado em *Doutor Miragem*, romance no qual não se estabelece nenhuma utopia a ser perseguida, oferecendo-se apenas uma sociedade onde saber e poder não se separam nunca. A confiança na medicina de *A cidadela* é reproduzida, ao nível textual, na confiança nos ideais realistas de reprodução da realidade. O tipo de literatura realizado em *A cidadela* é exemplo típico do realismo ingênuo de que fala Cortázar, que até mesmo não se afasta de concepções românticas. Neste projeto pretende-se a tranquilidade de um texto seguro, que consiga uma reprodução fiel de uma pretensa realidade, ancorando-se na experiência do autor/médico em aventuras semelhantes ao do personagem principal. A autoridade da medicina e da ciência ecoa na autoridade da literatura realista. Isto não quer dizer que um *best-seller* permanente, como *A cidadela*, de postura bastante crítica em relação à medicina de sua

época no Reino Unido, seja algo completamente condenável. Pelo contrário, ele inclusive teve um papel muito importante para mudanças efetivas na Saúde Pública britânica – a literatura influenciando na sociedade, invertendo paradoxalmente a equação realista de que a arte imita a vida. O que não se pode negar que este tipo de literatura tem seus limites marcados. E estes limites dizem respeito à confiança tranquilizadora na medicina (e na ciência) e no receituário da literatura realista.

Voltando definitivamente à obra do autor gaúcho, pode ser interessante observar a utilização que é feita em *Doutor Miragem* do primeiro livro do autor, o *Histórias de médico em formação*. Logo no início do romance reproduz-se situação idêntica do conto “Pequena história de um cadáver”, onde se descreve o início de quatro calouros na Faculdade de Medicina, fazendo o curso de anatomia. Os quatro personagens, no *Doutor Miragem*, são Felipe e mais três colegas. Um deles, Jaime (que é o segundo nome do autor, Moacyr Jaime Scliar), é um estudante de medicina, filho de imigrantes judeus (como o próprio autor) que também escreve contos. Um dos contos que escreve chama-se “Pequena história de um cadáver” e é o próprio conto de Moacyr Scliar publicado em 1962:

Jaime escreveu um conto, que foi publicado chamava-se Pequena História de um Cadáver. Começava assim: "Numa manhã (bela, talvez) de janeiro do ano da graça de 19... Maria da Silva, branca, solteira, de 26 anos, esquizofrênica, após tomar impulso decisivo lançou-se de cabeça contra a espessa parede do Hospital de Alienados, a qual confirmou a tradicional superioridade (sic, F.N.) das pedras sobre os crânios humanos". E continuava: "Maria, que durante toda sua vida fora um trambolho inútil para a família e o último refúgio de soldados sem vintém, de repente passou a ter certo interesse, e mesmo utilidade: seu corpo, colocado num caixão de pinho bruto, foi levado à Faculdade de Medicina para ser usado em estudos de anatomia. Havia falta de cadáveres, naquele ano, e Maria era esperada

com ansiedade.

No momento em que o carro fúnebre penetrava no pátio da escola era afixada no saguão a lista dos candidatos aprovados no exame vestibular.

Um grupo de quatro estudantes começa a dissecar o cadáver. Enquanto manejam pinças e bisturis, discutem a problemática social, a função da medicina, o sentido da vida. Um é diletante – (Quem? Zé Gomes?); outro, um revolucionário congênito (Sic! Mas quem? O próprio Jaime? Não me parecia); o terceiro, neurótico (poderia ser o o quarto, um frio calculista? (Eu? Não, Jaime. Aí erraste).

Enquanto isto o cadáver apaixona-se (!) pelos quatro rapazes - um terno sentimento que não cessa mesmo quando lhe extraem o coração, mesmo quando lhe expõem à luz útero e ovários. O ano letivo termina.⁶⁸

O próprio conto ‘real’ de Moacyr Scliar aparece como personagem desta sua nova ficção – fazendo um interessante elo entre ficção e “realidade”, na medida em que o conto foi efetivamente escrito e publicado do modo em que é descrito. E o próprio personagem Felipe, ao fazer comentários críticos entre parênteses, vai questionar o conto como reprodução da realidade em que viviam no universo do *Doutor Miragem*; chegando a dizer que Jaime errou ao construí-lo como personagem. Este modo parodístico e paradoxal de tratar uma obra ao mesmo tempo real e ficcional mais uma vez tem o papel desestabilizador da realidade que grande parte da obra de Moacyr Scliar assume – nos mostrando que as proximidades entre o ficcional e o real são grandes, já que ambos são construções, como explicita o autor no parágrafo final do *Doutor Miragem* e também deste capítulo:

Contarei a história ao Jaime; talvez ele possa aproveitá-la, ele ou um de sus amigos escritores. dá um romance o episódio. Por que não? Desde que o autor use outro nome para o personagem, pode contar tudo. O real e o imaginário o verossímil e o inverossímil”. E continua o

*escritor-personagem: “Terá traçado então o perfil do médico como Doutor Miragem”.*⁶⁹

Notas

1. SCLiar: 1962, contracapa.
2. SCLiar: 1962, 3.
3. SCLiar: 1962, 310.
4. SCLiar: 1962, 35.
5. BOTTANSKI: 1979, 135.
6. SCLiar: 1962, 61.
7. SCLiar: 1962, 81.
8. SCLiar: 1962, 84.
9. BOTTANSKI: 1979: 45-46.
10. SCLiar: 1962, 84.
11. SCLiar: 1962, 87.
12. SCLiar: 1962, 92.
13. NAMORA: 1953, 19.
14. NAMORA: 1953, 26.
15. BENJAMIM: 1994, 115.
16. BENJAMIM: 1994, 118.

- 17.BENJAMIM: 1994, 199.
- 18.SCLIAR: 1962, 7.
- 19.SCLIAR: 1962, 19.
- 20.SCLIAR: 1962, 20.
- 21.SCLIAR: 1962, 20.
- 22.in BAKHTINE: 1970.
- 23.CORTÁZAR: 1993, 148-149.
- 24.CORTÁZAR: 1993, 153
- 25.CORTÁZAR: 1993, 153.
- 26.SCLIAR: 1962, 71.
- 27.SCLIAR: 1962, 74.
28. in LAUREL: 1983.
- 29.SCLIAR: 1962, 77.
- 30.in KUSHNIR: 1996.
- 31.LARGMAN: 1993, 11.
- 32.SCLIAR, 1978: 133.
- 33.SCLIAR et NOVISNKY et alli: 1998, 88.
- 34.SCLIAR: 1978, 52.
- 35.HOHFELDT: 1977, 14-15.
- 36.SCLIAR: 1978, 82.
- 37.SCLIAR: 1978, 101.
- 38.SCLIAR: 1978, 97.
39. *apud* VERDAN: 1998, quarta capa.
- 40.DARTIGUES: 1973, 79-80.
41. *apud* PORTOCARRERO: 1994, 55.

- 42.SCLIAR: 1978, 41.
- 43.MACHADO: 1983, 78-93.
- 44.*apud* SANTIAGO: 1976, 26.
45. FAILLACE: 1978.
46. FOUCAULT: 1999, 8-9.
- 47.HOHLFELDT: 1978/b.
- 48.FAILLACE: 1978.
- 49.SCLIAR: 1978/a.
- 50.SCLIAR: 1998, 152.
- 51.BASAGLIA: 1973, 36-37.
- 52.SCLIAR: 1998, 130-1.
- 53.ILLICH: 1977, 14.
- 54.ILLICH: 1977, 10.
- 55.HOHLFELDT: 1978/b.
- 56.UCHA: 1978.
- 57.SCLIAR: 1998, 70.
- 58.FOUCAULT: 1998, 122.
- 59.SCLIAR: 1998, 70.
- 60.FAILLACE: 1978.
- 61.SCLIAR: 1998, 36.
- 62.SCLIAR: 1998, 73-4.
- 63.LOYOLA: 1983, 194.
- 64.SCLIAR: 1998, 142.
- 65.SCLIAR: 1998, 37-8.
- 66.CRONIN: 1974, 62.

67.CRONIN: 1974. 417.

68.SCLIAR: 1998, 71-3.

69.SCLIAR: 1998, 201.

5. DIAGNÓSTICO BREVE

Observou-se na obra ficcional de Moacyr Scliar uma problematização da medicina e da ciência, numa perspectiva anti-positivista. Afasta-se de visões que vêm numa medicina científica a possibilidade de atingir a verdade e a certeza, e que seja, portanto, tranquilizadora. A análise das obras de outros autores, pelo contrário, mostrou opções ficcionais ou memorialísticas (no caso de Pedro Nava) que denotam uma perspectiva positivista que engendra uma ciência tranquilizadora, que pode atingir a verdade, desvinculando ciência, verdade e poder.

É instigante como a ficção de um médico, Moacyr Scliar, radicaliza na exploração de elementos fantásticos em várias obras, sem perder o contato com sua experiência com a doença e os doentes, pelo contrário - ao tematizá-la nas obras - potencializando-a e alargando conhecimentos em processo. O olhar do patologista ao microscópio não deixa-o em uma posição segura, pelo contrário. A realidade "doente"

que ele mira na lâmina contamina-o. O médico/escritor Moacyr Scliar não se furta em se contaminar pelo que ele olha. Na verdade busca esta contaminação desestabilizadora, matéria-prima de sua ficção.

Ao mesmo tempo, a experiência como médico é utilizada de uma forma não-autoritária, ao contrário da prática dos outros autores examinados. A partir de sua experiência inicial com os contos *Histórias de médico em formação*, ele passa a utilizar a sua experiência como médico para problematizá-la, não colocando-a num pedestal, pelo contrário, mergulhando-a nas relações de poder existentes dentro da sociedade.

BIBLIOGRAFIA:

ABDALA JR., Benjamin; CAMPEDELLI, Samira Youssef. *Tempos da literatura brasileira*. 3ª ed. São Paulo, Editora Ática, 1990.

ARARIPE JÚNIOR, Tristão de Alencar. *Araripe Júnior: teoria, crítica e história literária*.

Seleção e apresentação de Alfredo Bosi. Rio de Janeiro, LTC; São Paulo, Edusp, 1978.

AVERBUCK, Lígia. “Doutor Miragem: a medicina posta em questão” in *Correio do Povo*.

Porto Alegre, 13 de maio de 1978, Caderno de Sábado, p. 12.

BARTHES, Roland. *A aula (pronunciada 7 de janeiro de 1977)*. S. Paulo, Cultrix, 1999.

BAKHTINE, Michail. *La poétique de Dostoiévski*. Paris, Éditions du Seuil, 1970.

BASAGLIA, Franco. “A instituição da violência”. in *Revista Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, nº 35, outubro-dezembro de 1973, ps. 34-71.

- BAUDRILLARD, Jean. *A troca simbólica e a morte*. Tradução de Maria Stela Gonçalves e Adail Ubirajara Sobral. São Paulo, Edições Loyola, 1996.
- BENJAMIN, Walter, *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. de Sergio Paulo Rouanet e pref. de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo, Brasiliense, 1994.
- BERGER, Peter. “Excurso: Alternância e autobiografia (ou: como adquirir um passado pré-fabricado)” *in* *Perspectivas sociológicas: uma visão humanística*; tradução de Donaldson M. Garshagen. Petrópolis, Vozes, 1972.
- BESSIS, Henriette et alli. *A ciência e o imaginário*. Brasília, Editora UNB, 1994.
- BOTTANSKI, Luc. *As classes sociais e o corpo*. Rio de Janeiro, Graal, 1979.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo, Ed. Cultrix, 1994.
- BRITTO, Nara. *Oswaldo Cruz: a construção de um mito na ciência brasileira*. Rio de Janeiro, Fiocruz, 1995.
- BROCA, Brito. *Naturalistas, parnasianos e decadistas: vida literária do realismo ao pré-modernismo*. Campinas, Editora da Unicamp, 1991.
- BROCKMAN, John et alli. *A terceira cultura: para além da Revolução Científica*. Lisboa, Termas e Debates, 1998.
- CALLE-GRUBER, Mireille et ROTHE, Arnold (eds.). *Autobiographie et biographie*. Paris, Paris, Éditions A. -G. NIZET, 1989.
- CAPORAL, Angela. “Os romances que vêm do Sul” *in* *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 4 de outubro de 1980, Caderno B, p. 11.
- CASTIEL, Luis D. “Hestórias clínicas: categorias para o corpo que adocece” *In* VAITSMAN, Jeni & GIRARDI, Sábado (Orgs.) *A ciência e seus impasses: debates e tendências em filosofia, ciências sociais e saúde*. Rio de Janeiro, Ed. Fiocruz, 1999.
- CORTÁZAR, Julio. *Valise de cronópio*. Tradução de Davi Arrigucci Jr. e João Alexandre Barbosa. São Paulo, Editora Perspectiva. 1993.
- COSTA, Jurandir Freire. “Impasses da ética naturalista: Gide e o homoerotismo”

- in *A inocência e o vício*. Rio de Janeiro, Relume-dumará, 1992.
- CRONIN, A. J. *A cidadela*. São Paulo, Círculo do Livro, 1974.
- CRUZ COSTA, João. *Panorama da história da filosofia no Brasil*. São Paulo, Ed. Cultrix, 1959.
- CUNHA, Franklin (coord.). *Médicos (pr) escrevem 2 - ficção*. Prefácio de Luis Fernando Verissimo. Porto Alegre, Sulina, 1996.
- _____. *Médicos (pr) escrevem 3 - crônicas*. Prefácio de Lya Luft. Porto Alegre, Sulina, 1997.
- DARTIGUES, André. *O que é a fenomenologia?* Rio de Janeiro, Livraria Eldorado, 2ª ed. 1973.
- DESCARTES, René. “Discurso do Método” in *Obras Escolhidas*. Tradução de J. Ginsburg e Bento Prado Júnior. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1994.
- ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. Rio de Janeiro, Cia. das Letras, 1994.
- FAILLACE, Tânia. “Dr. Miragem: os críticos leram outro livro” in *Coojornal*. Porto Alegre, agosto de 1978, p. 30.
- FERRI, Mário Guimarães; MOTOYAMA, Shozo. *História das ciências no Brasil*. São Paulo, Edusp, E.P.U., 1979-1981.
- FEYERABEND, Paul. *Contra o método*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1989.
- FISH, Stanley. “Como reconhecer um poema ao vê-lo” in *Lavra Palavra* (nº 1). Rio de Janeiro, PUC, 1993.
- FLUSSER, Vilém Flusser. *Ficções filosóficas*. São Paulo, EDUSP, 1998.
- FOUCAULT, Michel. *A microfísica do Poder*; organização e tradução de Roberto Machado 14a. edição. Rio de Janeiro, Graal, 1999.
- _____. *Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1997.
- _____. *O nascimento da clínica*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1998.
- _____. *As palavras e as coisas*; tradução de Salma Tannus Michail. 8a. edição. São Paulo, Martins Fontes, 1999.
- _____. *A arqueologia do saber*. Trad. de Luiz Felipe Baeta Neves. 5ª ed. Rio de

- Janeiro, Forense Universitária, 1997.
- GOETHE, Johann W. *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*. Trad. de Nicolino Simone Neto. São Paulo, Ensaio, 1994.
- HEGENBERG, Leonidas. *Doença: um estudo filosófico*. Rio de Janeiro, Fiocruz, 1998.
- HERSCHMANN, Micael. “A arte do operatório. Medicina, naturalismo e positivismo (1900-1937)” in *A invenção do Brasil moderno*. Organização de Micael Herschmann e Carlos Alberto Messeder Pereira. Rio de Janeiro, Rocco, 1994.
- HIPOCRATES. *Tratado sobre os ares, as águas e os lugares*. Igreja e apostolado positivista do Brasil, s/ data.
- _____. *Aforismos*. São Paulo, Edições Zumbi, 1959.
- HOBSBAWM, Eric J. *A era dos impérios (1875-1914)*. São Paulo, Paz e Terra, 1988.
- Instituto Estadual do Livro. *Moacyr Scliar (autores gaúchos)*. Porto Alegre, IEL, 1985.
- HOHLFELDT, Antonio. *Literatura e vida social*. Porto Alegre, Ed. da UFRGS, 1996.
- _____. “O ciclo social das águas” in *Correio do Povo*. Porto Alegre, 10 de setembro de 1977, Caderno de Sábado, ps. 14, 15.
- _____. “Médico ou doente, eis a questão” in *Correio do Povo*. Porto Alegre, 9 de setembro de 1978/a, Caderno de Sábado, p. 7.
- _____. “Na lâmina do microscópio” in *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 27 de maio de 1978/b, Caderno – Livro, p. 2.
- HUSSERL, Edmund. *Investigações lógicas - sexta investigação: elementos de uma elucidación fenomenológica do conhecimento*. Seleção e tradução de Zeljko Loparic e Andréa Maria Loparic. São Paulo, Abril Cultural, 1980.
- ILLICH, Ivan. *A expropriação da saúde: nêmesis da medicina*. 3ª ed. Trad. de José Kosinski de Cavalcanti. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1977.
- JOSEF, Bella. “Um ficcionista do sul” in *Correio do Povo*. Porto Alegre, 21 de abril de 1979, Caderno de Sábado, pág. 15.
- KORACAKIS, Teodoro. “Os positivismos e a Faculdade de Direito do Recife” in *Revista Logos : Comunicação e Universidade*. Rio de Janeiro, Faculdade de Comunicação

da

Uerj, 2º semestre de 1999, ps. 50-53.

_____. “Personagens leitores em *História do mundo para crianças*, de Monteiro Lobato”

in *Releitura*. Belo Horizonte, outubro de 1999, pág. 40-44.

_____. “Medicina e ciência na obra de Moacyr Sliar” in *Anais/Resumos da 52ª Reunião*

Anual da SBPC [CD-ROM]. Brasília, Sociedade Brasileira para o progresso da Ciência, 2000.

KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. Tradução de Beatriz Boeira e

Nelson Boeira. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1997.

KUSHNIR, Beatriz. *Baile de máscaras: mulheres judias e prostituição*. Rio de Janeiro, Imago, 1996.

LARGMAN, Esther. *Jovens Polacas*. Rio de Janeiro, Ed. Rosa dos Tempos, 1993.

LATOUR, Bruno & WOOLGAR, Steve. *A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1997.

LAURELL, Asa Cristina. “A saúde-doença como processo social” in *Medicina Social:*

aspectos históricos e teóricos. Organização de Everardo Nunes. São Paulo, Global

Editora, 1983.

LEENHARDT, Jacques e PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Discurso histórico e narrativa*

literária. Campinas, Ed. da Unicamp, 1998.

LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Nouvelle édition augmentée. Paris, Éditions du Seuil, 1996.

LIMA, Luiz Costa. “O palimpsesto de Itaguaí” in *Pensando nos trópicos*. Rio de Janeiro, Rocco, 1991.

_____. “Persona e sujeito ficcional” in *Anais do 2º Congresso da ABRALIC*. Vol.1. Belo Horizonte, ABRALIC, 1990.

LINHARES, Temístocles. *História crítica do romance brasileiro (1728-1981)*. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, Edusp, 1987.

LINS, Ivan. *História do Positivismo no Brasil*. São Paulo, Companhia Editora

- Nacional, 1967.
- LOSEE, John. *Introdução histórica à filosofia da ciência*. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Edusp, 1979.
- LÖWY, Michael. *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento*. São Paulo, Ed. Busca Vida, 1987.
- LOYOLA, Maria Andréa Loyola. *Médicos e curandeiros: conflito social e saúde*. São Paulo, Difel, 1983.
- MACHADO, Suzana Yolanda Lenhardt. *O labirinto em (o ciclo das águas) de Moacyr Scliar*. Dissertação de Mestrado em Literaturas de Língua Portuguesa. Porto Alegre, UFRGS, 1983.
- MARCHON, Maria Lúvia. “Recensão de *Doutor Miragem*” in *Colóquio – Letras*. Lisboa, janeiro de 1981, ps. 89 e 90.
- MAY, Nilson Luis. “(Scliar e as águas)” in *Correio do Povo*. Porto Alegre, 11 de junho de 1977, pág. 6.
- MELLO Jr., José. “Entrevista com Moacyr Scliar” in revista *Livro Aberto*, setembro de 1999, págs. 23-26.
- MIGUEL-PEREIRA, Lucia. *Prosa de ficção (1870-1920)*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1950.
- MONTENEGRO, Tulo Hostílio Montenegro. *Tuberculose e literatura: notas de pesquisa*. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 1971.
- MORENCY, Pierre (ed.). *La tentation autobiographique*. Québec, Éditions de l’Hexagone, 1988.
- NAMORA, Fernando. *Retalhos da vida de um médico*. 6ª edição - especial para o Brasil. Lisboa, Guimarães Editores, 1953.
- NEVES, Luiz Felipe Baêta. *A construção do discurso científico: implicações sócio-culturais*. Rio de Janeiro, Eduerj, 1998.
- NICHOLLS, Peter. *The science fiction encyclopedia*. New York, Doubleday & Company, Inc., 1979.
- NOGUEIRA JR. *Releituras – Guimarães Rosa*. www.releituras.com/guima_rosa.htm. 2000.
- O’BRIEN, Fritz-James. “O microscópio” in *As mais belas histórias da medicina*. Lisboa,

- Ed. Arcádia, 1968.
- OKELY, Judith & CALLAWAY, Helen (eds.). *Anthropology & Autobiography*. London, Routledge, 1992.
- O Estado de São Paulo. “Investigar, o propósito básico da literatura de Moacyr Scliar” in *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 17 de março de 1978, s/ p.
- O Globo. “Scliar comemora (sem mitos) 20 anos de literatura e medicina” in *O Globo*. Rio de Janeiro, 12 de maio de 1982, s/ p.
- PEREIRA, Victor Hugo Adler. “Corpos mutantes, olhares estrangeiros” in *Anais da Abralic*, Salvador, Abralic, 2000.
- PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego (composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa)*; edição de Richard Zenith. Lisboa, Assírio & Alvim, 1998.
- PINTO, Manuel Costa. “A espiral da interpretação” in revista *Cult*, julho de 2000, pgs. 58-9.
- PORTOCARRERO Vera (Org.). *Filosofia, história e sociologia das ciências: abordagens contemporâneas*. Rio de Janeiro, Fiocruz, 1994.
- PÖTTER, Elizabeth Weber. *A linguagem criadora e autônoma ou a organização dos aspectos peculiares da narrativa como instauradores dos conteúdos fantásticos na ficção de Moacyr Scliar*. Dissertação de Mestrado em Teoria Literária. Porto Alegre, PUCRS, 1984.
- RABINOW, *Antropologia da razão*. Tradução e organização de João Guilherme Biehl. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1999.
- REZENDE Jr., José. “Entrevista com Moacyr Scliar” in *Correio Braziliense*, 27 de Agosto de 2000, p. 12.
- RIBEIRO, Júlio. *A carne*. 11ª ed. Rio de Janeiro, Ediouro, 1996.
- RIGATTO, Mario. *Médicos e Sociedade*. São Paulo, Fundo Editorial Byk-prociens, 1976.
- ROBERTS, Nickie. *As prostitutas na história*. Rio de Janeiro, Ed. Rosa dos Tempos, 1998.
- ROMERO, Silvio. *História da Literatura Brasileira*. 7ª edição. Rio de Janeiro, J.

- Olympio; Brasília, INL, 1980.
- ROMERO, Silvio. *Silvio Romero: teoria, crítica e história literária*. Seleção e apresentação de Antônio Cândido. Rio de Janeiro, LTC; São Paulo, Edusp, 1978.
- SABINO, Mário Sabino. “Paraísos Artificiais” in revista *Veja*, 28 de maio de 1997.
- SANTOS, Roberto Corrêa dos. *Modos de saber, modos de adoecer*. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 1999.
- SANTIAGO, Silviano. “O entre-lugar do discurso latino-americano” in *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1978.
- _____. Carlos Drummond de Andrade. Petrópolis, Vozes, 1976.
- SARAMAGO, José. *História do cerco de Lisboa*. São Pulo, Cia. das Letras, 1989.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil - 1870 - 1930..* São Paulo, Cia. das Letras, 1995.
- SAYD, Jane Dutra. *Mediar, medicar, remediar: aspectos da terapêutica na medicina social*. Rio de Janeiro, Eduerj, 1998.
- SCHWARZ, Roberto. “As idéias fora do lugar” in *Ao vencedor as batatas*. 4ª edição. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1992.
- SCLIAR, Moacyr. *A paixão transformada: história da medicina na literatura*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.
- _____. “A clinica de Foucault” in *COOJORNAL*, agosto de 1978/a, pg. 31.
- _____. *O ciclo das águas*. Porto Alegre, Ed. Globo, 2ª ed., 1978.
- _____. *Do mágico ao social: a trajetória da saúde pública*. Porto Alegre, L&PM, 1987.
- _____. *Doutor Miragem*. Col. L&PM Pocket. Porto Alegre, LPM, 1998.
- _____. *Histórias de médico em formação*. Porto Alegre, Editora Difusão de Cultura, 1962.
- _____. *Oswaldo Cruz: entre micróbios e barricadas*. (Coleção Perfis do Rio) Rio de Janeiro, Relume-Dumaré e Prefeitura, 1996.
- _____. *Cenas Médicas: pequena introdução à história da medicina*. 2a. ed. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 1996.
- _____. *Introdução à prática amorosa*. 3a. ed. São Paulo, Ed. Scipione, 1995.
- _____. *Sonhos Tropicais*. São Paulo, Cia das Letras, 1998/a.
- SCLIAR et NOVINSKY, Anita et alli. *Contribuição dos judeus ao desenvolvimento brasileiro (ciclo de painéis)*. Rio de Janeiro, ABL, 1998.
- SILVERMAN, Malcom. “A ironia na obra de Moacyr Scliar” in *Moderna ficção*

brasileira.

Tradução de João Guilherme Linke, 2^a ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; INL,

1982.

SIMÕES, João Gaspar (seleção). *As mais belas histórias da medicina*. Prefácio de Diogo Furtado Lisboa, Ed. Arcádia, 1968.

SNOW, C. P. *As duas culturas*; tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa, Editorial Presença, 1995.

SODRÉ, Nelson Werneck. *O naturalismo no Brasil*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965.

STEEN, Edla Van. *Viver e escrever*, V. 1. Porto Alegre, L&PM, 1981.

SÜSSEKIND, Flora. *Tal Brasil, qual romance?* Rio de Janeiro, Achiamé, 1984.

SZKLO, Gilda Salem. *O bom fim do Shtetl: Moacyr Scliar*. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1990.

UCHA, Danilo, “Miragens do Doutor Scliar” in *Coojournal*. Porto alegre, julho de 1978, p.

35.

VAITSMAN, Jeni & GIRARDI, Sábado (Orgs.) *A ciência e seus impasses: debates e tendências em filosofia , ciências sociais e saúde*. Rio de Janeiro, Ed. Fiocruz, 1999.

VERDAN, André. *O ceticismo filosófico*. Florianópolis, Ed. da UFSC, 1998.

WATKINS, J. W. N. *Ciência e cepticismo*; tradução de Maria João Ceboleiro. Lisboa, Fundação Calouste Gulbekian, 1990.

WERNECK, Maria Helena. *O homem encadernado: Machado de Assis na escrita das biografias*. Rio de Janeiro, EdUERJ, 1996.

ZOLA, Émile. “Prefácio à segunda edição” in *Therésè Raquin*. São Paulo, Estação Liberdade, 1992.

_____. *Do romance: Stendhal, Flaubert e os Goncourt*. Teadução Plínio Augusto Coelho. São Paulo, Editora Imaginário e Editora da Usp, 1995.

ANEXO

Entrevista com Moacyr Scliar

1. Teodoro: Vamos conversar sobre as relações entre medicina e literatura na sua obra.

Scliar: Eu fui primeiro escritor do que médico - desde criança eu já escrevia. Eu já tinha coisaS publicadas quando me formei em medicina.. Tenho inclusive um livro publicado, chamado *Histórias de um médico em formação*, que foi uma coletânea de contos que publiquei na época em que estava na Faculdade de Medicina. A faculdade tinha um jornal, no qual eu publicava muito, e quando me formei, amigos deram a idéia de que eu juntasse estes contos e fizesse este livro. Este primeiro livro me deixou muito entusiasmado em um primeiro momento. Depois, quando O reli, percebi que não era tão bom quanto eu pensava; ao contrário, era um livro de principiante. Foi um livro que eu nunca mais deixei publicar, ficou praticamente inédito. Minha aproximação da medicina foi uma aproximação diferente da literatura. Meu interesse pela medicina vem da doença. Doença sempre foi algo que me fascinou, mas que também me assustava muito. Não que eu tivesse medo de ficar doente. Ao contrário, para mim ficar doente era sempre uma experiência interessante. Ficava muito assustado era quando os meus pais ou os meus irmãos ficavam doentes. Nós éramos de uma família pobre e doença era uma catástrofe. E acho que foi em grande parte por causa desse temor que eu acabei indo para a medicina. Era um temor que envolvia fascinação. Acho que só podia reverter esta coisa conhecendo o corpo humano, como ele funciona, como ele adocece. E então fiz o vestibular de medicina e passei - sempre fui um aluno muito destacado. E

cursar medicina para mim foi uma experiência transcendente. Ela é transcendente desde o momento em que a gente entra na faculdade, porque o aprendizado da medicina começa pelo cadáver. Eu nunca tinha visto um morto, e de repente tinha que tocar num morto. A experiência deste contato com a morte mexe profundamente com a pessoa. Depois as outras experiências, principalmente o contato com o doente, a cirurgia, o parto... Também me marcou muito uma outra experiência ainda quando eu era estudante de medicina que era o seguinte: os estudantes podiam ter um estágio remunerado em serviços públicos de urgência e então fui trabalhar num serviço de urgência da Previdência Social. Era num município da Grande Porto Alegre chamado São Leopoldo e minha tarefa era ir de ambulância atender pessoas doentes em casa, o que na verdade nem podia fazer porque eu não era médico formado. Mas ninguém dava bola para isso e tinha um médico de plantão. Isso significou para mim uma experiência social muito importante. Porque comecei a entrar em vilas populares, nas choupanas em que viviam várias pessoas - e comecei a ver como estas pessoas viviam. Como já tinha um passado esquerdista, isto o reforçou mais ainda. Por outro lado, começou a me dar a idéia de me dedicar a alguma coisa social dentro da medicina. Saúde Pública começou então a me interessar. Logo que me formei, fui trabalhar com tuberculosos em um hospital público. Naquela época o programa de combate à tuberculose no Brasil era muito bom. E essa possibilidade de tratar uma doença na população, de ter a visão social da doença foi uma coisa que mudou a minha cabeça. Tive também a sorte de que tinha no Rio Grande do Sul, trabalhando na Secretaria de Saúde, de onde eu era funcionário, um grupo de jovens médicos avançadíssimos para a sua época. Era um grupo que revolucionou a Saúde Pública. E tive a sorte de me incorporar e de participar desse trabalho, que era fascinante. Nunca fui um grande sanitário, eu era um sanitário médio; mas isso não tinha importância. A satisfação de fazer parte deste

grupo era o suficiente.

2. Teodoro: Aparece também na sua obra, junto com a fascinação pela medicina, a fascinação pela pesquisa, a pesquisa do médico, do sanitarista e até a do microbiologista. A possibilidade de pesquisar, descobrir, desvendar seria um dos elos entre a medicina sanitarista e a literatura?

Scliar: Não há dúvida. Por exemplo um homem como Osvaldo Cruz; o microscópio é uma revolução na vida dele. Ele conta no prefácio de sua tese de doutorado que quando ele descobriu o microscópio era como se ele entrasse em um mundo novo. E o microscópio é um instrumento fundamental em Saúde Pública. Além da pesquisa pura há este trabalho aplicado que é a Saúde Pública. E além do mais existe o aspecto simbólico. É a penetração em um mundo invisível. Existe um conto do qual não me lembro o nome nem o autor¹, que conta a história de um médico que olhando pelo microscópio vê uma mulherzinha e se apaixona por ela. E é um amor impossível. Mas acho que isto é muito simbólico e tem grande apelo literário.

3. Teodoro: Em *O Ciclo das Águas*, Marcos, o protagonista, já tem esta fascinação pelo microscópio, que seria o intermediário das descobertas sobre si próprio.

Scliar: Marcos é muito pequenino comparado com a mãe. A mãe é uma mulher gigantesca, vital. Ele é um deprimido, ensimesmado, voltado para si mesmo, encolhido, curvado sobre o microscópio, impotente. Não é o caso da mãe que saía para a rua à procura de homens.

3.A. Teodoro: Este olhar no microscópio é diferente daquele do Oswaldo Cruz, ele acaba não somando, não descobrindo nada – só gerando fracasso.

Scliar: Veja só, toda a experiência da medicina, de alguma maneira, acaba aparecendo na minha literatura. É uma coisa curiosa como as pessoas encaram um escritor que tem uma segunda profissão. O que as pessoas tendem a pensar é o seguinte: ele tem que ter uma segunda profissão, porque ninguém vive de literatura, então ele precisa de algo para se sustentar e ele não gosta daquilo que faz. Comigo acontece algo bem diferente disto. Eu poderia viver de literatura; já há tempo eu poderia viver do que escrevo. Acho que outros escritores no meu lugar viveriam só de literatura. E eu, ao contrário, nunca quis abandonar a Saúde Pública e indiretamente a Medicina. Na verdade eu tenho uma enorme admiração pelo trabalho médico e pelo de Saúde Pública. Se Jeová se materializasse na minha frente e perguntasse “O que tu queres ser? Mas tem que escolher só uma coisa: Ou médico ou escritor?” Eu escolheria ser médico. Se tivesse que optar por uma coisa de realização, por incrível que pareça, eu preferiria a Medicina. Mas felizmente não tenho que optar e tenho essa sorte que é rara de exercer duas atividades em que uma contribui para a outra. E por outro lado, a medicina é uma profissão nem sempre gratificante, na qual existem situações sombrias, situações frustrantes, situações desesperadoras. É um rito de passagem.

4. Teodoro: O *Doutor Miragem* é o primeiro romance no qual o senhor tematiza efetivamente a medicina, o fazer médico.

Scliar: Este é um livro amargo. A verdade é que a experiência da medicina quando a gente saía da faculdade, sobretudo a medicina pública, é muito chocante. É tudo muito contaminado pela politicagem, pela má fé. Era difícil trabalhar direito. Boa parte desta

medicina de atendimento ao pobre e ao trabalhador é um simulacro para enganar as pobres pessoas. E isso me amargou muito. Quando eu terminava os plantões e fazia um balanço - me perguntando “o que eu fiz de bom hoje?” - era difícil descobrir casos em que eu pude realmente ajudar. O *Doutor Miragem* tem muito dessa amargura. De qualquer modo, eu estou tocando na relação entre medicina e poder. E este era um tema muito freqüente nos meus primeiros anos de exercício da medicina. E eu continuei a me interessar por este tema. Voltando ao caso de Oswaldo Cruz, eu podia entendê-lo perfeitamente. Eu podia ver também como aquele tipo de relação que ele mantinha com o governo, um século depois, mantinha-se a mesma. É o problema de como se vai fazer tecnicamente e cientificamente alguma coisa sem fazer concessões ou distorcer os seus propósitos. O Oswaldo Cruz fez várias concessões e também sucumbiu ao autoritário que havia dentro dele. Mesmo assim, o trabalho realizado foi maravilhoso.

5. Teodoro: Estava relendo o *Sonhos Tropicais*, e ao mesmo tempo acompanhando o noticiário dos jornais (janeiro de 2000), e parecia que o passado estava retornando - com o próprio reaparecimento da febre amarela. Eu lia o episódio do livro no qual aparecia aquela personagem que criava e vendia ratos para as brigadas do Oswaldo e ao mesmo tempo via no telejornal um cidadão que afirmava que a Petrobrás estava comprando os pássaros mortos pela mancha de óleo para se livrar das multas. A própria ciência teria que olhar para o passado para poder continuar nas suas descobertas?

Scliar: Olhar para a sua história é importante. Eu sou fascinado pela história da medicina. Como sou professor da Faculdade de Ciências Médicas na cadeira de Medicina Preventiva, sempre começo meu curso com uma aula sobre a história das idéias médicas - e os alunos não gostam, o que é muito compreensível. Eu entendo que

para um jovem de 19, 20 anos história seja uma coisa empoeirada, velha. Mas eu acho extremamente útil porque através da história da medicina você se dá conta de que erros que estão sendo cometidos agora são reprises de erros que foram cometidos no passado. O reaparecimento de doenças é uma prova disso.

5.A. Teodoro: Na introdução de *A paixão transformada*, o senhor comenta a grande separação que existe entre Humanidades e Ciências, trazida à tona pelas conferências de C. P. Snow em 1960. A sua obra seria um movimento de aproximação entre esses dois campos, já que a medicina estaria no campo das ciências?

Scliar: Hoje em dia há um interesse por uma área que se chama Humanidades Médicas, que é um conjunto de disciplinas que inclui história da medicina, sociologia médica, comunicação médica, ética médica, e que visa justamente ampliar essa dimensão humanística da medicina. Mas, na realidade, o médico torna-se cada vez mais um profissional tecnocrático e esta área de estudo não vem alcançando grande sucesso com os médicos. Mas no entanto abre-se uma oportunidade àqueles médicos que têm interesse de desenvolver esse conhecimento. Eu ainda gostaria de fazer um comentário sobre o *Sonhos Tropicais*. Este livro tem uma história. Ele foi publicado pela Companhia das letras. O editor Luis Schwartz é um editor que interage muito com o escritor - não é aquele editor que simplesmente recebe os originais e manda para a gráfica. Ele está sempre tendo idéias de novas coleções, novos livros; e um dia me telefonou dizendo que estava pensando em uma série de romances tendo como personagem figuras exponenciais da nossa história. Então perguntou se eu queria escrever um desses romances e eu respondi que sim. Quem seria o personagem? Getúlio Vargas, eu disse. É uma grande figura, gaúcho, que sempre me interessou. Mas Getúlio já estava ocupado pelo Rubem Fonseca, que estava escrevendo *Agosto*. Então o

Luís me sugeriu o Oswaldo Cruz. Quando ele me falou em Oswaldo, me veio na cabeça que era uma figura que eu conhecia muito bem. Na verdade não era que eu o conhecia muito bem, mas é um nome muito presente na atividade de Saúde Pública. E num primeiro momento achei que era um personagem que não daria muito material. Então ele fez uma proposta: “Por que você não faz uma pesquisa sobre o Oswaldo Cruz e vê se te interessa ou não?” Eu acabei passando uma semana no Rio de Janeiro, na Fundação Oswaldo Cruz, nos arquivos, tendo em mãos documentos dele próprio, e comecei a estudar e ler sobre isso. E acabei me dando conta que tratava-se de um personagem extraordinário, porque sintetiza as contradições de nosso país. É espantoso como Oswaldo Cruz é o Brasil. Ao mesmo tempo, eu percebi que a história dele é tão fantástica que a simples biografia dele já seria melhor do que um romance. Mas como eu me comprometi, fiz um romance. Mas procurei transcrever o maior número de informações. Isso virou o calcanhar de Aquiles do livro. José Castelo, que é um crítico de São Paulo, observou bem que a realidade engoliu a ficção. E estou um pouco de acordo com ele. Mas acho explicável porque a vida que o Oswaldo Cruz teve, com todos os episódios, é uma vida tão interessante que é uma dessas vidas que as pessoas dizem: minha vida daria um romance. A vida de Oswaldo é um romance. Isto não me importou porque conhecer esta figura e escrever sobre ela é tão gratificante que quando terminei o livro eu já tinha tido a gratificação por ele ter me inspirado. E eu sou um divulgador incansável do Oswaldo Cruz. E eu conheci outros médicos. Aliás, a área de Saúde Pública tem várias figuras fascinantes. Outro médico é Noel Nutels, que era um Oswaldo Cruz diferente. Em comum com Oswaldo ele tem a paixão. Era um apaixonado pelo seu trabalho, um misto de Saúde Pública e de indigenismo. Vai perguntar se ele era um grande sanitarista? Não, Noel não era. Era um grande indigenista? Não, talvez também não fosse. Era um homem que adorava tudo o que

fazia. Ele me interessava por ser um judeu russo, como os meus pais, vindos da mesma região, e que se interessasse tanto pela realidade brasileira, transformando-se em um brasileiro tão autêntico. Isto fazia com que me identificasse com ele além do fato de tê-lo conhecido pessoalmente. De novo, era um personagem cuja biografia já parecia uma obra de ficção. Mas no caso da *Majestade do Xingu*, como estava alertado pela experiência prévia, procurei um jeito de narrar que evitasse o problema de ter que ficcionalizar a realidade e a forma que eu achei foi de introduzir outro personagem e é através dele que o Noel aparece. Não é nenhuma inovação em termos ficcionais, é mesmo muito comum - entre ficcionistas é um truque muito velho. Mas é um truque que funciona, porque você perde o compromisso de retratar fielmente a realidade. Você não está descrevendo a realidade, mas a realidade vista por um personagem concreto.

6. Teodoro: No início dos *Sonhos Tropicais* havia o enredo com os dois pesquisadores passado na época atual. O senhor acha então que a realidade foi se agigantando e este enredo foi tendo que ficar de lado - o Oswaldo foi crescendo. A pesquisa para o *Sonhos Tropicais* gerou também um ensaio...

Scliar: Logo depois, a Coleção Perfis do Rio me chamou para escrever sobre o Oswaldo. Fiquei muito honrado porque foi pedido a um gaúcho escrever sobre um personagem carioca. O Oswaldo Cruz é uma figura curiosa que desperta dois tipos de reação, completamente antagônicas: por um lado existe, um verdadeiro culto à sua memória; os discípulos de Oswaldo, os sanitaristas, durante muitas décadas, falavam dele com uma reverência como que estivessem falando de Cristo. Era algo que se explicava porque era um homem que tinha uma missão, que pregou como Cristo, que deu a vida por uma causa, e que morreu jovem. Isto tudo reforça o aspecto heróico de

Oswaldo Cruz - era um verdadeiro culto. Por outro lado, tinha uma série de autores com uma visão muito crítica da obra de Oswaldo, que apontavam o seu autoritarismo; o fato dele ser do governo, de ter uma revolução popular contra ele. É muito fácil dizer: o cara é um reacionário! Mas isso é um reducionismo incrível, aplicando-se uma crítica de agora a uma situação política totalmente diferente. E há uma injustiça muito grande. Quando Oswaldo Cruz morou na França e estava em curso o caso Dreyfuss, ele se colocou, aliás como todo o Instituto Pasteur ao qual estava ligado, em defesa dele, tomando uma posição muito corajosa. Acho que, se alguma contribuição eu dei, foi simplesmente mostrar que Oswaldo Cruz era humano: um excelente cientista, um bom administrador, mas era um autoritário também; uma pessoa muito entregue às suas fantasias.

7. Teodoro: O senhor também escreve muito para jovens. E um dos seus livros para este público, o *Introdução à Prática Amorosa*, também aborda a medicina.

Scliar: Este é um dos meus primeiros livros para jovens. Nem sei se serve para todo tipo de jovem. Serve para estudantes de medicina. É um livro um pouco sofisticado, no qual incluí inclusive uma narrativa da história da medicina. É um livro que eu gostei muito de fazer. E como nessa época eu já estava me interessando pela história da medicina, eu usei o conteúdo que eu tinha à mão. Eu gostaria de falar também da minha vivência como estudante de medicina. É um tema sobre o qual hoje a ficção não trabalha muito. Não me lembro de nenhum livro recente que fale sobre isso. Mas na minha época de estudante existiam vários romances que tratavam da formação do médico.

8. Teodoro: Continuando no tema da formação do médico, no *Doutor Miragem* o

senhor utiliza até um conto do seu primeiro livro, *Histórias de Médico em Formação*. O conto é a “Pequena história de um cadáver”. É um diálogo com a sua própria obra, no qual o senhor tenta reescrever o seu primeiro livro?²

Scliar: Deste livro, *Histórias de um Médico em Formação*, este é o conto de que eu mais gosto. Eu diria que é o único que se salva. Ele é curioso porque mostra o que aconteceu com o grupo de estudantes de medicina do qual eu fazia parte. Nós chegamos lá no primeiro dia de aula para estudar o cadáver, que era o de uma mulher, vindo do hospital psiquiátrico - e ali estava aquela mulher morta. Nós estávamos muito intimidados inicialmente. Mas na medida em que o tempo ia passando a nossa relação com esse cadáver foi ficando cada vez mais informal, para dizer o mínimo. Chegamos ao ponto de apoiarmos o cotovelo no cadáver para conversarmos com o colega. E o cadáver ia diminuindo, porque íamos cortando as peças e jogando fora. No fim do curso de anatomia só restava um pedaço. Era uma coisa meio macabra, mas que tem um certo significado: no fim, de alguma maneira, a vida se impôs sobre a morte. Apesar da morte ter a última palavra, tinha este recado de como, à custa do cadáver, os estudantes de medicina iam mudando. O cadáver ia diminuindo e o conhecimento deles aumentando.

9. Teodoro: Aqui no Rio Grande do Sul existe uma aproximação maior dos médicos com a literatura, como os casos de Dionelyo Machado, Cyro Martins...

Scliar: Existem muitos. Nos últimos cinco anos, anualmente aparece uma coletânea de médicos escritores. Não quer dizer que todos escrevam bem, mas isto também por outro lado reporta a uma tradição francesa de médicos escritores. A medicina gaúcha, e a brasileira também, nas primeiras décadas do século, eram muito influenciadas pela medicina francesa. A descrição médica era também uma descrição literária, um rococó, um barroco. Existiram muitos médicos franceses escritores, a começar pelo Rabelais.

Mas o aparecimento de médicos escritores no Rio Grande é um pouco difícil de quantificar. Você tem alguns exemplos, mas como não se tem como se fazer um cálculo, fica difícil dizer se isto é verdadeiro. Mas quando me perguntam: “Por que o médico escreve?” Depois de pensar muito, cheguei a algumas conclusões. Em primeiro lugar, os médicos são letrados. Isso faz uma diferença, porque fazem parte de uma pequena parcela da população que pode escrever e sobretudo gerar um texto ou um livro. É uma coisa curiosa; médico escreve receita, trabalhos e outras coisas. Receita sempre com letra ilegível. A minha idéia é que a letra de médico é ilegível porque obedece um propósito inconsciente, que é um mecanismo de poder. E há um mecanismo de ansiedade também. No meu modo de ver o que leva o médico a escrever é a ansiedade, é esta sensação de desamparo diante do contato com algo maior - que é a doença. Os médicos fazem parte daquela fração da humanidade que se aventura a desafiar a doença. Ele vai enfrentar a doença no próprio terreno dela e isto exige coragem, paixão; mas cujo resultado nem sempre é de sucesso. Frequentemente o médico é um angustiado, um ansioso, e a literatura funciona como uma válvula de escape.

9.A. Teodoro: Um momento de intensa relação entre literatura e medicina e entre literatura e ciência é o naturalismo...

Scliar: É essa idéia de escrever sobre a paixão dos seres humanos com o rigor que tinha o cientista no laboratório. Este é um projeto que o Zola levou adiante muito claramente. Enquanto o grande momento da literatura no romantismo começava a se esgotar, crescia a ciência. A ciência ocupava o espaço da literatura e escritores como o Zola pegavam uma carona com ela.

9.B. Teodoro: A distância entre ciência e literatura acabava diminuindo...

Scliar: No *Paixão transformada* eu falo das observações do Snow sobre esta separação entre ciência e humanidades, que é uma coisa muito ruim, mas é uma realidade. Não é um negócio para tirar o sono de ninguém, mas é um fenômeno que está aí e seria bom que fosse corrigido, que se estreitasse este abismo.

10. Teodoro: Falando agora do seu método de criação, li uma entrevista do início dos anos 80, no qual o senhor dizia que anotava as idéias que apareciam em pequenos pedaços de papel que tinha a mão: guardanapos envelopes, etc... Recentemente, li uma em uma reportagem que o senhor agora já utiliza um computador *lap-top*, para fazer as anotações. Para o senhor o computador traz grandes vantagens no exercício da escritura?

Scliar: Com certeza traz vantagens. Acho que o computador muda o modo do escritor escrever. Ele alterou sua relação com o texto. Não é só com o material no qual o texto é escrito: da folha de papel para a tela. É que o texto corre diante dos seus olhos como uma coisa dinâmica. E que pode ser modificada facilmente. Então, reescrever tornou-se muito fácil. Acho isto extraordinário. Quando eu escrevia, primeiro eu fazia à mão, depois passava à máquina. Mas escrever é sempre estar corrigindo. Um texto do qual eu não gostava - eu tinha que datilografar de novo e depois colar. Quando isto se repetia muito, o texto acabava tornando-se um sanduíche de recortes. O computador acabou com isto; você usa “recortar” e “colar” e tudo fica resolvido.

10a. Teodoro: Escrever é tabalho, burilação, reescrever...

Scliar: Você sabe que tem a palavra exata, a frase escrita do modo exato, e à medida que você se aprofunda no ofício literário, isto fica mais simples. Em relação ao

jornalismo é mais problemático. Quando escrevo para jornal, e depois leio o que escrevi, e me dou conta de que poderia ter escrito melhor, o texto já está impresso.

11. Teodoro: Voltando aos *Sonhos tropicais*, ele vai ser filmado?

Scliar: A adaptação disso está sendo feita pelo André Sturmman, de São Paulo, e tem outro filme de caráter mais documentário que está sendo feito pelo Silvio Tendler. Eu colaborei com os dois. Eu fico muito contente por isto estar acontecendo. Durante muito tempo eu lutei para que fosse feito algo na TV. Algumas coisas fizeram, mas faltou uma produção cuidada. E vai aparecer uma grande oportunidade de revisitar Oswaldo que vai ser em 2004 o centenário da Revolta da Vacina.

12. Teodoro: O senhor pensa em algum outro sanitarista para escrever algum romance desta linha?

Scliar: Autores brasileiros gostam muito de trilogias. Já tem o Oswaldo Cruz e Noel Nutels. Se tivesse um terceiro, seria o Carlos Chagas. Mas não sei se ele daria um romance; na verdade, o Carlos Chagas ficou muito à sombra do Oswaldo Cruz.

13. Teodoro: Voltando ao *Ciclo das águas*, no prefácio de outra obra ficcional que aborda o tema da prostituição judaica, *Jovens Polacas*, o senhor comenta que foi um contato com uma dessas prostitutas que gerou o conhecimento do episódio e conseqüentemente a produção do livro. Como foi esta descoberta de algo novo que o senhor não sabia - o episódio da prostituição de mulheres de origem judaica?

Scliar: Como todas as minorias que têm um passado de perseguição e temores, o judeu tem muito medo de “lavar roupa suja em público”. Eu não tinha a menor idéia da existência deste episódio. Eu só descobri por acaso. Quando era médico recém-formado

e fui trabalhar em um asilo de velhos da comunidade judaica, lá tinha uma mulher que me chamava a atenção, por várias razões. Era uma velha caduca, que não dizia coisa com coisa; mas era uma mulher muito sensual, muito vaidosa. E ao mesmo tempo ela era rejeitada pelos outros velhos. Ninguém sentava à mesa com ela, nenhuma velha dividia o quarto com ela - ela vivia sozinha. E tinha esta coisa curiosa: quando ela estava doente e eu ia examiná-la para ver o que ela tinha, ela não me reconhecia como médico. A cena que ela vivia era que estava numa alcova e recebe um visitante. Tentava me agarrar - tinha que levar junto comigo atendentes para segurá-la enquanto eu a examinava. Certo dia, um outro residente me perguntou se eu não sabia que ela tinha sido uma prostituta. Para mim foi uma surpresa esta descoberta e eu comecei a perguntar sobre o assunto, encontrando muita resistência. Mas um dia eu fui a Buenos Aires, que é aqui perto, e onde em certas épocas íamos muito, quando nossa moeda ficava mais valorizada, e lá encontrei livros sobre estas judias que vinham da Europa Oriental para viver da prostituição. E descobri a existência de uma organização clandestina, a *Tzi Migdal*. Diziam que eles tinham na América doze mil bordéis - o que eu acho exagerado. Talvez doze mil prostitutas. Aí você consegue refazer as trajetórias individuais. Eram moças pobres daquelas aldeias da Polônia e da Rússia que recebiam a notícia que chegou um rapaz da América. “Ele está muito bem de vida, e agora quer casar, precisa de uma mulher, para ter uma certidão de casamento.” E aí levavam esta mulher. Passavam antes pela França, onde eram iniciadas, e ao mesmo tempo aprendiam um pouco de francês. Daí vem a história das francesas. Aqui no Rio Grande o sonho do fazendeiro era ter uma amante francesa - que na verdade eram judias da Europa Oriental. Uma pergunta que se faz é se elas eram ingênuas. É bem provável que em um bom número de casos e elas soubessem o que as estava esperando. Elas preferiam ser prostitutas na América do que viver aquela vida de miséria e incerteza nas

suas aldeias. A partir daí surgiu a idéia para o romance. Mas eu não fui o primeiro a escrever sobre isso no mundo. Provavelmente foi o primeiro livro sobre o assunto no Brasil. Depois surgiram outros até aqui no Brasil.

14. Teodoro: A prostituta Esther do *Ciclo das Águas* acaba aparecendo também no *Sonhos Tropicais* em uma cena no navio com imigrantes...

Scliar: Realmente há um cruzamento. Em uma exposição sobre o Oswaldo Cruz que percorreu o Brasil tentou-se mostrar o clima urbano do Rio de Janeiro da sua época, com os quiosques, o maxixe, o bonde; e aparece também a prostituição. Cafetão, inclusive, vem de *cáften*, que é uma palavra judaica, um tipo de capote que os judeus usavam muito. Foi mostrada uma lista de cafetões e prostitutas, na qual pelo menos a metade era formada por nomes judeus. Este era um problema que afetava a comunidade judaica do Rio de Janeiro e muita gente dentro da comunidade combatia ativamente os judeus envolvidos com a prostituição. Para os envolvidos nesta atividade era apenas uma atividade a mais, como os envolvidos no tráfico de álcool na Lei Seca dos Estados Unidos. Eles eram transgressores da leis... Mas se tinha gente que queria a mercadoria, eles forneciam.

15. Teodoro: Quando o senhor publicou o *Ciclo das águas* o senhor chegou a ser ameaçado por alguém da comunidade judaica?

Scliar: Recebi um telefonema de uma voz que não pude identificar mas que era de um acento judeu muito evidente. “Olha o senhor fez muito mal em contar estas coisas. Isto deveria ficar em segredo”. Não chegaram a ficar indignados. Mas era melhor não ter falado nisso. Você percebe que dentro da comunidade judaica eles preferem que você fale no Einstein do que nas prostitutas.

16. Teodoro: O romance sobre o Noel Nutels já tinha sido planejado há muito tempo, mas só foi executado e publicado em 97. Por que ele demorou tanto a se consumir?

Scliar: Eu já tinha a intenção de escrever sobre o Noel. Mas a hipótese do tal do segundo personagem ainda não tinha aparecido. Este estalo é que permitiu o aparecimento do romance. Antes, eu estava num beco sem saída: tinha o personagem, que era fantástico, mas não sabia a maneira como narrar. Realmente, na literatura, o modo de narrar, o foco narrativo, a técnica, são muito importantes. Não adianta ter só uma grande história.

17. Teodoro: Para o senhor livros geram livros? Leituras, ficcionais ou não, são para o escritor tão importantes como a experiência propriamente dita?

Scliar: Eu me criei num clima familiar e comunitário de verdadeira admiração pelo livro. O livro sempre foi muito importante para mim. Sempre acreditei que uma coisa que entra num livro se torna verdadeira, se torna imortal - e ela justifica a sua vida. Era Kafka que dizia isto: que ele vivia para escrever. “É um absurdo, mas é como eu vivo.” E realmente para mim livro era uma coisa fundamental. E eu acho que me tornei escritor em grande parte para fazer livros iguais àqueles que me encantaram - ou tentar fazer. Agora, existe muita gente que escreve um romance sobre o próprio escritor. É uma coisa que eu não gosto por ser uma literatura voltada para o próprio umbigo. Acho que as pessoas têm que contar uma história. Isto está longe de ser a fórmula da grande literatura. Para os grandes escritores a intriga é o que menos importa. Mas na falta dos outros elementos que caracterizam o que a gente está fazendo como grande literatura, pelo menos temos a obrigação de contar uma boa história. E eu falo isto porque me criei ouvindo histórias - aquelas que meus pais contavam. E contar histórias eu acho que é uma das funções da literatura.

18. Teodoro: Kafka é uma das leituras marcantes para o senhor...

Scliar: A leitura de Kafka me marcou principalmente pela técnica narrativa dele. O que eu gosto do Kafka em primeiro lugar é a *secura*, a economia. Ele vai direto ao assunto. “Uma manhã Gregor Sansa acordou e viu que tornou-se um monstro horrível.” Não precisa grandes explicações. Numa frase ele criou uma situação. Kafka aprendeu isto com as parábolas bíblicas. Aliás, ele tem um livro que se chama *Parábolas do Paradoxo*. Ele é um contador de parábolas. As histórias do Kafka são sintéticas como as parábolas bíblicas, elas têm também uma mensagem, mas a mensagem delas é sempre *dúbia*, escondida. Não é como a da Bíblia, que é uma mensagem explícita.

19. Teodoro: A leitura de Borges também foi fundamental?

Scliar: Borges também, mas Kafka é mais profundo e autêntico do que Borges. A literatura do Borges é meio fria, artificial. Para Kafka, escrever era vital.

20. Teodoro: Quais outras leituras que marcaram o senhor?

Scliar: Fernando Pessoa, Drumond, Clarice, os contistas americanos, Hemingway... Mas curiosamente nos últimos anos eu tenho lido cada vez menos ficção. Hoje em dia as minhas leituras são muito mais da área da História, da Antropologia, da Política, da Psicologia. E isto te dá um *background*. É claro que mais a título de informação do que de estilo.

NOTAS

1. Moacyr Scliar refere-se ao conto “O microscópio” de Fritz-James O’Brien.

2. Na verdade são citados, na forma de transcrição parcial, dois contos do *Histórias de médico em Formação* no *Doutor Miragem*. Além do ‘Pequena história de um cadáver’, também é transcrito o conto “Mulher só”.